

M. R. - ~~670~~

700

O CENTENARIO

E VIDA

DO

MARQUEZ DE POMBAL

ESTUDO BIÓGRAPHICO SOBRE A VIDA DO PRIMEIRO
GENIO POLITICO DE PORTUGAL,
ADORNADO DE UM EXCELLENTE RETRATO E MUITOS DOCUMENTOS
INTERESSANTES. QUE MUITO HONRAM
A MEMORIA DO GLORIOSO AVÔ DO DUQUE DE SALDANHA

POR

JOSÉ PALMELLA

6-4

Museu Republicano
Coleção
Convenção

SEGUNDA EDIÇÃO.

RIO DE JANEIRO

Typ. de Molarinho & Mont'Alverne, Largo da Carioca 3.

1881

O CENTENARIO E VIDA

DO

MARQUEZ DO POMBAL

OBRAS DO MESMO AUTOR :

A Aristocracia do Genio e da Belleza Feminil. E' uma galeria de mulheres celebres pela sua belleza e pelo seu genio, precedida d'uma carta de Victor Hugo e outros juizos de escriptores estrangeiros e nacionaes, como Fernandes de los Rios, embaixador hespanhol, Julio Cesar Machado, etc. Está na 5. ^a edição, augmentada com um prologo sobre a mulher e seus direitos á civilisação moderna, e de uma carta do author, em resposta a outra da distincta poetisa D. Narcisa Amalia. Preço.....	4\$0.00.
Idem de papel cartão, encadernado, com o retrato do auctor...	10\$000.
Defesa da Aristocracia do Genio e da Belleza Feminil, em resposta ao Sr. bispo Lacerda. (1. ^a parte).....	1\$0 0.
Idem ou Defesa da Civilisação Moderna. (2. ^a parte e 2. ^a ed.)	1\$000.
Affonso de Lamartine, sua vida e ultimos momentos.	1\$000.
A Queda de Napoleão III. Estudo biographico.....	1\$000.
Emilio Castelar, Discurso traduzido do hespanhol e offerecido ao Sur. Latino Coelbo,	1\$000.
Napoleão, Pio IX e Victor Hugo	1\$000.
As Celebridades Contemporaneas	2\$000.
As velhas e as Novas Aspirações de Portugal	1\$000.
O Phantasma da Instrucção Publica	1\$000.
Victor Hugo, seu regresso a Paris, depois de dezoito annos de exilio.	1\$000.

A PUBLICAR :

A Nobreza Commercial, Agricola, Industrial, Scientifica, Litteraria, etc., sob a administração do Marquez de Pombal, um volume.....	2\$000.
A Mulher Ante o Velho e o Novo Paraiso do Amor e da Belleza, um volume.....	3\$000.

A' venda nas livrarias dos Srs. Laemmert, rua do Ouvidor n. 66, e Seraphim José Alves, á rua Sete de Setembro n. 83, e outras principaes da côrte, onde se recebem assignaturas e pedidos para as obras a publicar e já publicadas.



MARQUEZ DE POMBAL

...Em teus homoros constante e firmemente
o solio Portuguez Feliz descança.

O CENTENARIO

E VIDA

DO

MARQUEZ DE POMBAL

Est-6
Prat-4
9-24

ESTUDO BÍOGRAPHICO SOBRE A VIDA DO PRIMEIRO
GENIO POLITICO DE PORTUGAL,

L-13

ADORNADO DE UM EXCELLENTE RETRATO E MUITOS DOCUMENTOS
INTERESSANTES, QUE MUITO HONRAM
A MEMORIA DO GLORIOSO AVÔ DO DUQUE DE SALDANHA

POR

JOSÉ PALMELLA

003990

650

SEGUNDA EDIÇÃO.



RIO DE JANEIRO

Typ. de Molarinho & Mont'Alverne, Largo da Carioca 3.

1881

JAMES H. LOMAX

Illm. Sr. Commendador

Ignacio Ferreira Nunes.

Ao offerecer e dedicar a V. S. este modesto escripto, eu tenho duas grandes razões: a primeira é ter-me S. S. demonstrado summo interesse e animação para a sua publicidade; — a segunda, é pertencer V. S. a essa laboriosa classe, que o immortal Marquez de Pombal tanto animára e protegera, — erguendo-a do abatimento e quasi desprezo em que se achava, então, para eleva-la á brilhante esphera da nobreza, combatendo, por este meio, os infundados prejuizos da orgulhosa fidalguia, que se julgava manchada se abandonasse a ignobil e immoral occiosidade em que turcamente vivia debruçada, para erguer-se até o mundo activo commercial, onde a nobreza da Inglaterra, da Hollanda, de Genova e de Veneza, pensando differentemente, davam o sublime exemplo de amor ao trabalho, commerciaudo com o povo, e portanto, concorrendo com suas luzes e prestigio, não só para engrandecer e honrar essa profissão, que no dizer do Marquez de Pombal — (1) — é nobre, necessaria e prveitosa; mas para a gloria e prosperidade nacional.

Explicado o meu fim, resta-me pedir a V. S. a bondade de relevar-me a exiguidade da offerta.

Rio 8 de Maio de 1881

De V. S.

Affectuosissimo amigo e obrigado,

José Palmella.

(1) Lei de 30 de Agosto de 1770.

AO LEITOR

No ligeiro escripto biographico e politico, que hoje apresentamos á luz publica, sobre o inclyto marquez de Pombal, não temos a insolita pretensão de dar um estudo completo, com quanto tivessemos reunido e accumulado sufficientes materiaes para isso, nem esculpturar o seu grandioso vulto com aquelle primor e finos labores que, a alteza de seu immenso genio politico, e acrysolado amor patrio requerem; não. O que ahi vae é apenas um ensaio, é uma promessa; é apenas uma escassa aurora do brilhante sol, que desejamos fazer surgir sobre o esplendido horisonte de sua heroica vida, que irá de dia para dia crescendo e avultando desmesuradamente atravez dos seculos até transpôr o magestoso portico dos semi-deuses, onde descansam, em olympicos assentos, os genios, que na terra se chamavam Lycurgos, Solons, Pericles e todos esses collossaes espiritos reformadores, que desde a mais alta e nebulosa antiguidade Indiana, sob Rama, cantada por Valmiky, no seu Ramayana, até uos nossos dias sob Thiers, decantados por Victor Hugo, formam essa deslumbrante constellação de luz, que tem guiado a humanidade no oceano de sua tenebrosa e encapellada existencia.

O que ahi vae é pouco para o grande vulto, bem sabemos; mas é sincero, e isto basta, para os que assim pensam. Achar-se-hão defeitos de estylo, e de fôrma, e as idéas hão de resentir-se do acanhado horisonte que lhe fora traçado; ainda assim, haverá alguma cousa digna e aproveitavel para os que sabem apreciar os estudos historicos e podem erguer-se com sereno desprendimento á altura da verdadeira critica, para formular com imparcialidade e justeza de vistas, os seus luminosos juizos.

Para esses, á parte a sua extrema bondade, alguma coisa achavão de bom e novo, que até hoje ainda não foi directamente apresentado por nenhum biographo do marquez de Pombal; para esses, nutrimos a esperanza de que saberão reconhecer o quanto trabalho e paciencia nos fôra necessario despender para confrontar datas e

corrigir muitos erros chronologicos, historicos. biographicos, até aqui firmados, e sancionados por notaveis escriptores estrangeiras e nacionaes, como o duque de Châtelet, John Smit, Larousse. Bouillet, Vapereau, Luiz Gomes, Pinheiro Chagas, Dr. Fontes, senador Candido Mendes e outros distinctos escriptores:— Para esses, o nosso modesto escripto terá algum valor litterario; para outros, é-nos indifferente o seu juízo, por que não é juízo, mas um mixto de veneno e lôdo:—esses são os abelhões de rasteiro vôo, sempre promptos a esvoaçarem contra todos, que não têm nos grossos labios, o riso alvar de suas impertinentes e estouvadas pretensões, cancelladas pela sua burlesca ociosidade. Para esses, só podem ser applaudidos e coroados, os que vivem no reino da orgia, e frequentam assiduamente, o templo de Baccho. Para esses, nós somos completamente antipodas e acroáticos, não importa;— para esses, ha na terra ainda muito espaço verdejante e alimento vasto para seus bojudos corpos, como acima do ether, ha ainda ampla luz e vida para os que rendem culto ao espirito humano, e não apagaram de sua mente a scintella sagrada, que é o sol universal que illumina e doira eternamente todas as grandes civilizações, como o sol de Copernico illumina e esmalta todas as flores do mundo cosmico.

Eis, a nossa consolação e o grato premio, que nos fará dormir tranquillos á sombra dos loureiros-rosas, que embalsamam e adornam o Jardim da gloria, no Paraiço da civilização.

Rio, 16 de Agosto de 1881

José Palmella.

O CENTENARIO

DO

MARQUEZ DE POMBAL

Cespírito novo, que no seu arrojado vôo illumina o nosso grandioso seculo, e abre suas azas de ouro para animar todas as espheras da actividade humana, conquistando de um a outro hemispherio sempre aureos fructos nas sciencias, nas artes, nas letras em todos os ramos da actividade humana, não se olvida, no meio de seus titanicos e vertiginosos commettimentos das suas glorias passadas, dos dignos coripeus de todas as idéas sublimes, dos seus heróes, dos seus genios nacionaes, que promoveram assignalados beneficios legando, não só á sua patria, mas á humanidade os louros inalteraveis de seus gloriosos feitos.

D'ahi provém essas sumptuosas festas commemorativas dos centenarios, que todas as nações cultas vão hoje solemnisando ao som de entusiasticos hymnos em honra das suas glorias nacionaes.

E' d'ahi que vemos a Allemanha celebrando o centenario do seu immortal Schiller, em 10 de novembro de 1859, a Inglaterra, a Shakspeare, em 1864; a Italia, a Dante e Petrarca, em 1865 e 1874; a França ao seu titanico Voltaire, em 30 de maio de 1878; Portugal ao seu divino

epico Luiz de Camões, em 10 de junho de 1880 ; e a Hespanha, que até aqui parecia estar adormecida, lá se desperta ao sussurro poetico do seu Manzanares para festejar o seu grandiloco dramaturgo Calderon de la Barca a 25 de maio do corrente anno.

E' justa e gloriosa essa admiração pelos grandes homens, que dominaram e engrandeceram a esphera da arte e do Bello, legando á sua patria, e ao mundo, poemas de idéas, que hão de fulgurar eternamente no céu da civilisação.

E' porém não menos justo e honroso que essa admiração se estenda tambem aquelles illustres varões, que mergulhando no oceano da sciencia social foram atravez de immensas fadigas e incalculaveis perigos buscar leis, que melhor podessem reger o mundo civil, economico, politico e religioso, e assim garantir a liberdade de consciencia dos repetidos ataques forjados pela implacavel inquisição, e libertar o sacrario social dos pantericos assaltos dos indomaveis jesuitas.

A essa immortal phalange pertence Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeyras, hoje universalmente conhecido pelo honroso titulo de marquez de Pombal.

Sim, Pombal tem direito e justos titulos a nossa grata admiração, e nenhum filho do nosso seculo, que sinta no craneo um raio de luz, poderá deixar de lhe tecer aureas coroas para cingir-lhe a athletica frente pelo ardente amor que consagrara á sua patria, pelo engrandecimento da qual consumira e despendera toda a sua herculea actividade e vasto saber administrativo.

Elle symbolisa uma das mais brilhantes e gloriosas

épocas da nossa grandeza politica, scientifica, litteraria e economica dos tempos modernos.

Elle representa no meiado do seculo XVIII o renascimento da patria, a resurreição de Portugal erguendo-se da escuridão tumular em que o lançaram, tanto os inquisidores do seculo XVI, como os insaciaveis devoradores da Patriarchal de Lisboa, que lhe sugavam o ultimo alento ao som fradesco e musical do carrilhão de Mafra, em o fastoso reinado de D. João V.

Elle symbolisa um estadio glorioso na historia do progresso patrio, e sob a apparencia do despotismo, é um dos maiores liberaes e revolucionarios do seculo XVIII, concebendo o projecto de preparar a educação do povo, pela instrucção, pelo trabalho livre e pela moralidade, a entrar na fruição dos grandes direitos politicos, que pouco depois foram preclamados pela Revolução franceza e pelo seculo XIX; mas ao som infernal do *Terror* e do sangrento despotismo de Napoleão I.

Pombal é pois, uma gloria patria e universal; patria pelo que fez e promoveu a favor do engrandecimento nacional, sustentando e resguardando sempre os brios de sua patria das affrontas estrangeiras;—universal, pelo que soube promulgar a favor da liberdade dos indios, Africanos e Asiaticos, pela expulsão dos jesuitas, não só de Portugal, mas de toda a Europa e novo mundo.

Elle é para o mundo politico, o que Vasco da Gama e Cabral são para o mundo maritimo, e Camões para o mundo poetico :—

Astro de primeira grandeza, que um seculo apresenta para illuminar outros astros a distancias enormes, atravez do espaço historico.

Ninguem ao pronunciar o reino de Portugal desconhece estes tres immortaes nomes :

Vasco da Gama,

Luiz de Camões

e Pombal.

E porque ?

Porque o primeiro descobrio novos mares e horisontes lá pelas doiradas regiões, onde nasce a rubicunda aurora e trouxe, sob seu opulento manto de vice-rei e almirante das indias, preciosas perolas do antigo paraizo de Ceylão para adornar com mais esplendor a corôa deslumbrante de sua patria, e alargar os elementos do commercio e civilisação universal.

O segundo, isto é, Camões subio ao setimo céu da Arte e do Bello, e apresentou aos tempos modernos um novo thesouro, um novo mundo de poesia epica para deslumbrar os Homeros, os Virgilios e os Tassos, e transpondo as raias dos feitos patrios, interessar e influir soberanamente sobre o espirito de outros povos, que têm vida historica.

O terceiro, isto é, Pombal, soube marcar o passado com o igneo ferro das novas idéas e quando viu sua patria fulminada pelo rubro fogo dos volcões, abalado e revolvido o solo de seus antepassados, como transformado n'um oceano de ruinas, disse n'um tom homerico á formosa rainha do Tejo:

Resurgi, ó bella filha de Ulysses, de Affonso e de Albuquerque !

E a bella rainha da antiga Lusitania resurgiu, não mais em seu throno tortuoso e acanhado ; mas espaçosa, elegante e esplendida com sua fronte circumdada de uma nova luz

diamantina para tomar um assento mais condigno no regio banquete da liberdade e da civilisação moderna.

Eis a sua Iliada, eis o seu grandioso poema aureolado pelo diadema de novas instituições civis, pelo seu amor á orphandade, dando-lhe asylos; pelo seu amor ao povo, dando-lhe escolas praticas para ali receber o alimento da instrucção propria a tornal-o apto para a vida social e assim concorrer com suas robustas forças para o engrandecimento da Patria.

Publicando, pois, este modesto trabalho sobre o eminente estadista, que tanta gloria dera a Portugal, temos em vista apontar quão merecedor elle é, apesar dos alliados das trevas, de que se lhe promovam entusiasticas festas por occasião do seu centenario, que está mui proximo, justificando por este meio, que somos verdadeiros filhos de um seculo, que tem em vista, não só progredir e avançar para as emnencias esplendorosas da mais alta civilisação; mas tambem reparar as injustiças, faltas e erros, que nos foram legados pelos que nos precederam na vida historica.

Estamos convencidos de que esta commemoração vem mui a proposito para repellir os assaltos, que neste momento lá estão dando em Portugal os ferrenhos jesuitas batidos desabridamente pelo azorrague de Grevy, Gambeta e Victor Hugo, e que ha de encontrar um brilhante écho, tanto lá no patrio solo de Herculano, Garrett e Latino Coelho, como aqui no joven imperio de José Bonifacio, Alencar e Castro Alves; aqui onde o grande Pombal promoveu tantos beneficios sob o regimen colonial, e onde, como demonstraremos, se firma um dos frondosos troncos de seus avós, que despontára lá pelas alturas da antiga Merim dos Tobayaras, na poetica Olinda, a Veneza

americana, onde se deslisam os crystallinos Biberibe e Capi-baribe atravez da encantadora cidade do Recife, outr'ora dominio e vivenda de alguns descendentes do immortal Affonso de Albuquerque, e do nobre florentino Felippe Cavalcanti, troncos de numerosas familias, que ainda hoje brilham e florescem, não só em Pernambuco ; mas em outras provincias do vasto imperio brasileiro.

Aqui registramos, pois, rapidamente a luminosa vida do grande Pombal sob quatro faces distinctas :

A primeira, comprehendendo desde os seus ascendentes e nascimento até a sua vida academica ;

A segunda, desde a sua vida academica até a sua carreira diplomatica ;

A terceira comprehenderá, mui de relance, a sua brilhante carreira politica e administrativa até a morte de D. José.

A quarta, apontará o seu exilio em a villa de Pombal, onde findou seus amargurados dias, torturado pelos odios e calumnias das negras sotainas jesuiticas, e arrogantes nobres, que o seu omnipotente genio humilhara ; mas abençoado pelo povo, e pela classe media, que nelle encontrava o seu poderoso escudo contra todos os tyrannetes da jeharchia nobiliaria e clerical.

Por essas diversas faces de sua vida conhecer-se-ha, ainda que de leve, o direito que elle tem a glorificação dos modernos tempos, como um dos maiores vultos nacionaes, que tanto brilho dardejára sobre o moderno Portugal, n'um tempo em que as rivalidades nacionaes eram tão patentes, e em que as revoluções politicas e scientificas desdobravam os seus estandartes de fogo ao som do clarim revolucionario, desde o inculto povo moscovita lá pelo

norte da velha Europa até as perfumadas regiões da Virgínia e Philadelphia, em o novo mundo.

Render, pois, culto a um vulto d'esta ordem, é render culto á patria e a civilisação.

Quem não sentir este amor sublime, e não comprehender esta santa idéa, escusa de ler este modesto escripto. que na sua essencia, é uma homenagem ao grande genio de Pombal e um reverente culto á Patria, que lhe déra a vida;—templo augusto, onde se ajoelham todos os seus benemeritos filhos para entçarem mysticas harmonias em honra dessa trindade divina, que tanto brilho e magestade dá ao nosso seculo, isto é,—Amor á Liberdade, á Justiça e á Humanidade.

I

Sobre a esplendida galeria dos imponentes vultos politicos, que tomam principesco assento, no seculo XVIII, apparece sobranceiro e nobremente o magestoso busto do mar-que de Pombal, com sua espaçosa fronte coroada de luz e o seu olhar aquilino para fulminar os prejuizos e fanatismos seculares, que em Portugal se abrigavam sob as doiradas cupulas da nobresa e resvalavam com assombrosa hypocrisia atravez dos luxuosos claustros e abbasdias clericas.

Como D. João II, no seculo XV, ao conter os assomos conspiradores da insolente nobreza, fez cahir e rolar a seus pés as altivas cabeças dos duques de Bragança e de Viseu; como Carlos VII, Luiz XI, e o indomavel Rechelieu, sob Luiz XIII, em os seculos XV e XVII, em França; como Henrique VIII e Cromwell na Inglaterra, em os seculos XVI e XVII; como o conde de Lefort, sob Pedro Grande da Russia, e o principe de Salm, sob o imperador José I da Allemanha, entre os fins do seculo XVII, e começo

do seculo XVIII ; assim o grande Pombal nos apparece, em o meiodo do seculo XVIII, para abater as duas monstruosas hydras — o clero e a nobreza, — as quaes devoravam a vida do collossal imperio portuguez, que desde as encantadoras margens do Tejo estendia seus gigantescos braços para cingir : de um lado as mais bellas regiões do pomposo oriente indiano, do outro um novo mundo rico de maraviilhas naturaes fluctuando sobre um oceano de esmeraldas e saphiras, tendo por docel um céu coroadado de novos e scintillantes astros.

Animado de portentosas e salutaes idéas, apprehendeu, chegando á sumidade do poder politico, de afastar todos os obstaculos, que se oppunham a elevação da soberania nacional, e ambicionando tornal-a nobre e livre de todas as pressões aristocraticas e clericas, que até ali erguiam-se como uma muralha chinesa para deter as ondas flamejantes do progresso, tractou de dar á sua patria toda a luz de seu espirito para acompanhar o movimento da civilisação, que do centro da Europa surgia em luminosas constellações para adornar o céu da sciencia e da politica ; a força e a energia de sua vontade para tornal-a heroica e magestosa aos olhos dos estranhos, e assim, percorrendo os differentes circulos de ouro, que havia concebido e traçado em seu vasto espirito, fazel-a chegar ao apogeu da grandeza, e merecer os applausos da posteridade, que é o premio reservado aos povos, que sabem destruir o frio gladio da morte.

Antes de folhearmos a sua vida publica, relancemos um momento pela época em que nascera, quaes os seus ascendentes, o verdadeiro logar do seu torrão natal, que influencia moral e politica teria sobre seu espirito o seculo em que se educara e vivera para tornal-o tão notavel entre os

estadistas do seu tempo, e conquistar essa admiração posterá, que ha perto de um seculo o envolve cheio de respeitoso acatamento em o seu manto de purpura, como um dos seus mais predilectos filhos da gloria.

II

Pombal nasceu no fim do seculo XVII, no momento em que a Europa era agitada, e se debatia,—em geral, pelas guerras politicas, despertadas pelas ambiciosas supremacias dymnasticas entre a casa borbonica e a oppulenta casa d’Austria, através das quaes, entretanto, a sciencia caminhava e progredia em differentes pavilhões de luz, para no seculo seguinte dar, com prodiga exhuberancia, toda a excellencia de seus doirados fructos.

Era o seculo em que, ao lado das soberanias reaes, surgiam os soberanos da sciencia e da litteratura.

Era o seculo em que a grande Izabel, soberana de Inglaterra depois de ter feito decepar a graciosa cabeça da formosa Maria Stuart, rainha da Escossia; de ter visto com riso satanico despedaçar-se a celebre *Armada Invencivel* de Felippe II de Hespanha, sobre os seus tismados rochedos da Escossia e do da Irlanda;—depois de levar ao cadafalso o seu favorito o famoso Conde de Essex, desce repentinamente ao sepulchro com o rosto ainda avermelhado do sangue de suas victimas, parecendo incumbir ao sombrio Cromwell de revolucionar o mundo politico e abater, no cinzento pó, a cabeça do teimoso Carlos I. E’ então que apparece o grande genio de Milton para defendel-ò e legar á Inglaterra o seu immortal *Paraiso Perdido*. Depois Bacon, para revolucionar o mundo phylosophico com o seu *Navum Organum*; Shakspere o mundo da arte dramatica, legando á litteratura,

entre mil primores, o seu mui deslumbroso *Hamlet*. Loke, o velho direito divino do rei Jaques,—pelo novo direito da realza humana e progressiva ;—Newton, o mundo astromico pelas leis da attracção universal.

E' o seculo em que Henrique IV, depois de regenerar a França com seu amigo o duque de Sully, cae com toda a sua realza e popularidade sobre o relusente punhal do fanatico padre Ravallac, talvez por ter a generosa idéa liberal de conceder doze annos antes, o *Edito de Nantes*, que oitenta e sete annos depois fora revogado pela magestosa impolitica de Luiz XIV, sob a inspiração da beata Maintenou e do seu orgulhoso e sanguinario ministro, o marquez de Louvois.

E' o seculo em que foi proclamado o tratado de Westphalia, depois de 30 annos de sangrentas lutas.

E' o seculo em que apparece o grande duque de Reche-lieu, o magestoso Luiz XIV, Mazarin, e Colbert para abrilhantarem a politica ; Bossuet, Fenelon e Massillon, a religião ; Corneille, Molière e Racine, o theatro ; Descartes e Pascal, a philosophia ; M.^{me} de Rambonillet, a litteratura.

E' o seculo de Calderon, de Cervantes e Lopes da Veiga para abrilhantarem a Hespanha.

E' o seculo do universal Leibnitz e Kepler para a Allemanha ; de Tornicelle, o discipulo do Galileo, para Italia.

E' o seculo em que Portugal sacode o despotico jugo inquisitorial dos Filippes de Hespanha sellando a sua heroica independencia na celebre batalha de Montijo em 1644, conseguida pelo glorioso Mathias de Albuquerque, como em 1385 já o havia feito na batalha de Aljubarrota

pelo indomavel Achilles portuguez, o immortal D. Nuno Alves Pereira, contra o poderoso rei D. João de Castella.

E' o seculo em que o feliz D. João IV tem a gloria de possuir um padre Macedo, que além de grande diplomata para advogar em França os interesses politicos de Portugal, sabia sustentar theses scientificas em Roma sobre todos os conhecimentos humanos, como um Pico de Mirandola, esse prodigio que havia espantado os sabios romanos no seculo XV, e compor versos em latim e dramas, que tiveram a honra de serem representados na côrte do immortal Luiz XIV, a mais erudita e orgulhosa do seculo XVII.

E' o seculo em que apparece um assombroso padre Antonio Vieira, que depois de tantos serviços diplomaticos e religiosos prestados em Portugal e no Brasil, terminou alfin seus gloriosos dias na Bahia, dous annos antes do nascimento do grande Pombal, o amigo e protector dos indios brasileiros.

E' o seculo em que o immortal Galiléo bate o pé em Roma contra o pensar dos infernaes inquisidores e brada aos quatro ventos do globo:

A terra gira ! E os echos da santa verdade proclamada, vibrando sonoramente no espaço, foram repercutindo até á esphera universal: *A terra gira, a terra gira !*

E d'ahi em diante, não só a terra girou em torno do astro-rei, para obedecer a lei da attração universal dos corpos; mas parece ter roubado mais um raio de luz ao sol para abrilhantar a mecanica celeste, e enriquecer a mechanica industrial no mundo economico e social, concorrendo para a gloriosa transformação da sciencia moderna, que auxiliando o administrador politico, ha de encaminhar a humanidade para a sua desejada Promissão.

E' o seculo, emfim, em que todas as nações da Europa têm ao lado da sombria effigie da guerra, um raio purpuro de gloria para illuminal-as no aureo templo da civilisação.

Pombal nasceu, pois, como dissemos, em o ultimo anno do seculo XVII, em 1699, sob o reinado de D. Pedro II, e depois de atravessar gloriosamente os dous reinados de D. João V e D. José I, veio a findar os seus ultimos dias, em o reinado de D. Maria I, esposa de Pedro III.

No mesmo anno do seu nascimento deu-se a coincidencia de terminar sua vida em Moscow, o celebre almirante Lefert ministro reformador e intimo amigo do imperador Pedro Grande da Russia ; em França, o illustre cardeal de Retz e o immortal autor da Athalia, Rocine.

Em Hespanha falleceu a esposa de Carlos II, o qual tambem no anno subsequente baixou á região das sombras, em o 1º de novembro de 1700, fazendo com que por seu testamento subisse ao throno hespanhol um filho da casa de Bourbon, D. Felipe duque d'Anjou, neto de Luiz XIV, conhecido na galeria historica por Philippe V de Hespanha, legando por este motivo mais uma calamidade para a Europa, pois deu logar a uma guerra de treze annos, guerra sangrenta, que só veio terminar pela paz de Utrechet, Rastadt, representada pela França, Inglaterra, Allemanha, Portugal, etc.

Foi nesta guerra chamada da *Successão*, que o pae de Pombal servio como capitão de cavallaria, e que Portugal soffreu mais uma decepção com a sua *alliada* Inglaterra, que egoisticamente a abandonou em 1711, por occasião da morte do imperador José I da Allemanha.

Foi mais um doloroso encargo do triste reinado de D. Pedro II, transmittido a seu filho D. João V para augmen-

tar aos que elle, pelo seu mau governo e politica, havia de aggravar consideravelmente, durante o seu longo e fastoso reinado de quarenta e quatro annos infelizmente para Portugal.

Nascido no ultimo anno desse seculo, todo enrubescido de sanguinarias guerras religiosas, politicas, e scientificas, Sebastião de Carvalho, recebia em sua ardente natureza os ultimos raios desse rubro sol, que illuminara a heroica independencia de Portugal, desse sol, que illuminara a fronte de um Cromwell, de um Rechelieu, de um Lefort e Vieira, e, na primeira aurora da vida, vinha saudar a primeira aurora, que despontava no vasto horisonte do seculo XVIII, crescendo com elle em forças physicas e intellectuaes, para, chegado ao zenith de grande vida politica, tornar-se, um dos seus brilhantes astros, e depois voar triumphante para a doirada constellação, que gira pelo azul ethereo a zombar da eternidade.

Filho de um seculo revolucionario, educado n'outro não menos revolucionario e essencialmente reformista, o illustre Carvalho tinha portanto, de obedecer a lei do meio civilizador, apontado por H. Taine, e tornar-se um dos mais activos colloboradores desse grande Sinai de luz, que o seculo XVIII apresentou ao mundo das idéas.

E' tempo de entrarmos no portico genealogico do grande homem e vermos d'onde brotou este Carvalho, que mais tarde tornou-se tão frondoso, ensombrando outros Carvalhos e derrubando os mais altitivos cedros, que até ahi pareciam ameaçar e escalar o proprio céu da realza.

III

Sebastião José de Carvalho e Mello vio o primeiro raio do sua vida em a magnifica cidade de Lisboa, a soberana

rainha do magestoso Tejo, out'ora a metropole do commercio universal.

Foi ali, que a 13 de Maio de 1699, em casa de seus paes, na rua Formosa, madrugou este grande genio, ao som das harmonias, que entoava a primavera, embalsamando-lhe a vida as primeiras rosas de Maio, que adornam o jardim dessa bella e encantadora estação.

Era filho legitimo de Manoel Carvalho de Athayde moço fidalgo da Casa Real, commendador da ordem de Christo e capitão de cavallaria em a guerra da Succêsção de Hespanha, em 1706, como já dissemos, senhor, da quinta da Granja e de D. Thereza Luiza de Mendonça e Mello, filha dos morgados dos Olivaes e Souto d'El-Rei.

Recebeu o baptismo na freguezia das Mercês, sendo seu padrinho Sebastião de Carvalho e Mello, seu avô paterno.

Dos seus irmãos e irmãs são bem conhecidos :

Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que exerceu o logar de governador do Pará e Maranhão e diversas missões diplomaticas para a execução do tratado de limites de 13 de Janeiro de 1750, entre Portugal e a Hespanha, celebrado em Madrid, tanto ao norte como ao sul do Brazil.

Paulo de Carvalho, que fôra monsenhor da Patriarchal de Lisbôa, commissario Geral da Cruzada, inquisidor geral do Santø-officio e Dom prior de Guimarães, e teria disfructado o barrete de cardeal, que o Papa Ganganelli lhe concedeu, se a morte o não tivesse arrebatado da esphera dos vivos, no momento em que lh'o enviava a Lisbôa; e José Joaquim de Carvalho, que morreu na India combatendo pela patria.

Das suas duas irmãs, que ambas se tornaram religiosas,

chamava-se a primeira D. Maria Magdalena de Mendonça, a segunda D. Mayor Luiza de Mendonça.

E' mui curiosa a ascendencia deste illustre homem, dando logar a que uns biographos o julgassem filho do Pará, outros de Pernambuco ou Bahia, e outros em fim, ou nada diziam ou davam-n'ó como nascido em Soure, em Coimbra, Pombal, etc.

A verdade é que, ainda hoje, a maioria das obras estrangeiras e algumas nacionaes, que tratam da vida de Pombal, dam-n'ó como nascido em Soure, ou Coimbra, como fez o duque de Châtelet, em sua obra sobre Portugal, apesar de ha muitas annos estar sufficientemente averiguado que fora em Lisboa, designando-se bem claramente a casa em que vira o primeiro raiar da existencia.

O fallecido Senador Candido Mendes, compartilhando tambem desta erronea opinião, levado talvez, pelo odio que votava ao grande Pombal, diz na sua obra :— *Diréito Civil e Ecclesiastico Brasileiro*, que elle era de Soure ; mas que os lisongeiros fizeram-n'ó mais tarde filho de Lisboa, para não dar essa honra aquelle insignificante logar.

Parece-nos que a razão destes erros, em Portugal: está em aquelle illustre ministro ter possuido algumas propriedades, herdadas de seus avós, em Soure, Redinha, etc ; e no Brazil, por que alguns dos seus ascendentes e parentes viveram e outros nasceram e cazaram-se em Pernambuco ; d'ahi provém a illusão de que Pombal era nascido no Brazil, como por muito tempo passou um seu contemporaneo, o illustre poeta Gonzaga, que hoje está reconhecido ter nascido em Portugal, na cidade do Porto.

Reservando para adiante explicar, n'uma nota especial a ascendencia de Pombal, conforme averiguações feitas entre

os mais abalisados historiadores, chronistas e biographicos, diremos apenas, de passagem, que a sua ascendencia, pelo lado materno, remonta-se a um frondoso tronco da mais opulenta e forte raça dos Tupis; soberana dominadora das outras tribus, como a dos cahetés, que habitavam no principio do seculo XVI, as florestas virginaes, que luxuosamente coroavam a frente da antiga Merim, hoje, a poetica Olinda, em Pernambuco.

Esta raça é a dos Tobayaras, que segundo nos assevera o chronista Frei Antonio Jaboatão, tinha por chefe nesse tempo o famoso morubixába ou chefe dos Tabayarás (1) Arco-Verde, pai da a princeza D. Maria, á qual se ligara Jeronymo d'Albuquerque vindo a ser, por este motivo, sexta avô de Marquez de Pombal, como adiante demonstraremos. (2)

Pelo lado paterno, quer o senador Candido Mendes presumir que Pombal descenda da raça dos principes idomens, ou Herodianos da Judéa, por causa de um filho de Herodes que veio á Luzitania atravez das Gallias e da Hespanha habitar perto de Pombal ou Redinha; mas como este assumpto se prende a outras proposições avançadas pelo erudito senador, em tempo opportuno daremos a publico uma memoria, afim de refutar tudo que ha de apaixonado, calumnioso, inexacto e affrontoso á memoria gloriosa do illustre Pombal.

Passando agora a tratar de sua infancia e educação litteraria, diremos que pouco se sabe, havendo muitas divergencias, entre os auctores sobre a carreira das armas, que muitos affirmam ter seguido em sua mocidade.

(1) Veja a nota A...

(2) Vide a nota B...

Os ultimos trabalhos, que conhecemos, que são, de Luiz Gomes, em francez :— *Le Marquis de Pombal*, publicado em 1869, em Lisboa, e de Pinheiro Chagas uma biographia com o mesmo titulo, que é quasi uma copia de Luiz Gomes, com insignificantes variantes. — Diz o primeiro que é falso ter elle seguido a carreira militar, baseando-se n'uma carta escripta em Lisboa, no tempo em que vivia Pombal, a qual refuta completamente essa asserção formulada no Jornal de Bruxellas. (1) O segundo, isto é, Pinheiro Chagas, confessa que ha divergencias entre os biographos, e passando de largo, diz :— seja como for, o que é verdade, é que elle figurou em sua mocidade na roda dos fidalgos turbulentos e desordeiros, que perturbavam altamente a cidade de Lisboa com suas rixas e dissoluções : é o que assevera o duque de Châtelet e outros biographos, que se tem occupado de Pombal.

Sobre sua carreira scientifica em Coimbra, tam bem assevera Luiz Gomes, que não ha razões para tal affirmacão, asseverando que elle estudasse em casa de seus paes, mesmo o direito civil, sob a sábia direcção de seu tio Paulo de Carvalho, arcepreste do bispado.

Neste ponto estamos de accordo, porque se tivesse seguido algum curso scientifico em Coimbra, ou frequentado a Universidade, mui facil seria obter-se uma informacão irrecusavel.

O que não resta duvida é que o joven Carvalho estudava, e não perdia seu tempo loucamente, porque foi apparecendo a publico por seus escriptos, dando occasião a que seu tio Paulo de Carvalho o apresentasse ao Cardeal da

(1) Vid. *Le Marques de Pombal* pag. 30—Nota.

Motta, então ministro e valido de D. João V, que fazendo-o conhecer ao Rei, teve em breve a honra de ser nomeado socio da *Academia Real de Historia*, em 1733, onde figuravam os principaes talentos daquelle tempo, como : Alexandre de Gusmão, Rocha Pitta, D. Antonio Caetano de Souza, auctor da *Historia Geneologica da Casa Real Portugueza*, e outros cavalheiros notaveis pelos seus trabalhos litterarios e scientificos.

Foi nesta academia que o illustre Carvalho recitou um discurso ou *Pratica*, que se acha na collecção do Diccionario pelo qual mais se recommendou ao espirito de D. João V, a ponto deste monarcha mostrar o vivo desejo que tinha de ver o joven academico occupar-se de algum ponto historico ou vida de algum dos Reis portuguezes, que mais tinham abrilhantado com seus gloriosos feitos o pantheon historico de Prtugal.

Infelizmente, por motivos que nos são desconhecidos, não pode o brilhante talento de Carvalho, satisfazer a regia aspiração do ostentoso monarcha.

Entretanto, se notarmos n'um acontecimento, que se dera no mesmo anno, em que entrára para a *Academia Real* talvez se encontre a razão porque Carvalho não realisou a nobre ambição do Rei : este acontecimento foi o brilhante consorcio do illustre academico com a distincta fidalga D. Thereza de Mendonça e Almada, joven viuva de D. Antonio de Mendonça, sobrinha do Conde dos Arcos, e aparentada por affinidade com o illustre marquez de Minas, que tão celebre se tornára na guerra da *Successão* de Hespanha, em 1706, como general do exercito portuguez.

Este facto, portanto, sendo um dos mais importantes da sua vida social, e aggravado pela opposição da orgulhosa

familia de D. Theresa, não lhe podiam dar repouso de espirito necessario para occupar-se de theses litterarias ou scientificas, que dependiam de eruditas investigações historicas, e por conseguinte da indispensavel calma e serenidade de espirito afim, de bem discriminar os factos reaes dos erroneos, provaveis, eleva-las a esphera de uma critica esclarecida e imparcial e animal-as, emfim, daquelle colorido e esplendor, que o bom gosto requer para tão magnificos assumptos.

Carvalho teve, pois, de ceder aos impulsos do seu coração e afastar-se por algum tempo das lides litterarias.

Dotado de uma presença physica e imponente, associado a uma certa elegancia; de estatura alta, robusto, regular e proporcionado; olhar rasgado e brilhante, intelligencia vigorosa, maneiras agradaveis e sympathicas; com uma linguagem fluente, correcta e vóz extremamente sonora, parecia talhado para brilhar na eloquencia parlamentar se ella existisse então, como mais tarde veio a existir no tempo de Mousinho da Silveira, Almeida Garrett, duque de Palmella, José Estevão, Casal Ribeiro, Mendes Leal e L. Coelho.

Com tão brilhantes predicados physicos e intellectuaes, Carvalho não podia deixar de ser agradavel aos homens e despertar bellos sentimentos ás aristocraticas damas lisboenses, que por um dom que lhes é peculiar, parecem advinhar aonde está o diamante mais gracioso para adornar-lhes a sua coroa de noiva, como as abelhas, aonde melhor estão as mais bellas flores de lorangeira para formarem o seu delicioso mel.

Entre as jovens damas, que, em gracioso torneio de espirito, adornavam os aristocraticos salões da belleza feminina, em Lisboa, sobresahia a bella sobrinha do opulento conde dos Arcos, que apaixonando-se pelos recommendaveis

dotes de Carvalho, e pela sua brilhante figura, não trepidou em saltar por cima de todos os brasões das conveniências e prejuizos de sua familia, para, em certa noute, ir lançar-se-lhe em seus robustos braços e offerter-lhe o seu amor, a sua vida e o seu futuro. Depois lá se foram ambos, embalados em deliciosos sonhos, fruir sua estrella de nectar em os risonhos campos de Soure, proximo de Coimbra, onde os amorosos idyllos se elevam pelas roseas alvoradas e se deslisam em estrophes de harmonia anachreontica por entre os crystalinos arroyos esmaltados de açucenas e frondosas loureiras-rosas.

O amor despedaçava os grilhões da velha aristocracia e dava mais uma vez o exemplo ao mundo de que elle é o verdadeiro brasão das almas nobres, o unico poder soberano, que domina desde as altas regiões sideraes até a esphera do poetico Nazareno, que pelos azues da judaica galiléa embalçamava o ar, a vida, e a flor das novas gerações com o seu divino verbo, que traduzia a essencia etherea, o brilho desse sol, que anima todos os seres do universo:—o amor—santa aspiração das almas puras, enlace purpurino da vida, estrella do nosso porvir, céo da nossa immortalidade.

IV

Terminada ou acalmada esta phase idyllica dos seus aereos sonhos de moço ; aplacados os odios da fidalguia contra a audacia de Carvalho, em alliar-se a uma das principaes familias da nobresa, tractou Sebastião de Carvalho de encetar uma carreira, que lhe desse nome, e não tardou em fazer sua entrada na diplomacia, graças aos bons desejos de seu tio Paulo de Carvalho e a protecção, que lhe dispensou o Cardeal da Motta, que o nomeou ministro plenipotenciario para Londres em agosto do 1738, em lugar de Marco Anto-

nio de Azevedo, que por decreto de 7 de agosto do referido anno fora nomeado ministro de Estado.

E' d'aqui em diante que vamos ver como o genio do futuro marquez de Pombal começa a manifestar-se cheio de brilho e vigor.

E' na côrte de Londres, sob Jorge II, que vamos apreciar os primeiros actos publicos inspirados pelo patriotico diplomata.

E' uma estréa audaciosa, que faria recuar a outro qualquer que não tivesse as proporções aquilinas de Sebastião de Carvalho.

Na verdade, ir para Londres, não era ir para Napoles; ou para outra capital de mera formalidade diplomatica.

Ir embaixador para Londres, queria dizer que ia para uma nação, onde se debatiam a cada momento as questões mais delicadas do direito internacional e de interesses milindrosos, que se tornavam um verdadeiro duelo de vida ou morte para a manutenção da paz, que era indispensavel existir entre ambas as nações, sem quebra da sua dignidade.

Era necessario pois, muito tino e sagacidade para conservar a harmonia entre um gabinete tão orgulhoso, como de S. Jayme, e presidido por ministros eminentes, como Walpole, Newcastle, e mais tarde, o grande Pitt.

Chegado a Londres, foi recebido na qualidade de ministro plenipotenciario de Portugal, em o dia 29 (1) de novembro, em que teve sua primeira audiencia com o rei Jorge II, sendo o seu primeiro ministro lord Walpole.

Ahi teve logo ensejo de realisar uma negociação vantajosa e justa com o governo britannico, a favor dos subditos

Vid. *Quadro Politico Diplomatico*, etc., pelo visconde de Santarem.

portuguezes, que eram ali vexados com excessivos impostos e multas, que não só eram injustas, mas offensivas ao tratado que existia entre ambas as nações, em virtude do qual os negociantes inglezes gosavam em Portugal de privilegios e isenções especiaes.

Carvalho dirigio, por este motivo, uma reclamação, em setembro de 1739, ao ministro inglez Lord Walpole fazendo-lhe sciente do que havia, e lembrando-lhe o grão de justiça, que lhe era devida, em consequencia dos tratados em vigor entre as duas potencias. (1)

Emfim, as considerações apresentadas pelo ministro portuguez foram tão convincentes, que lord Walpole, que então era o verdadeiro rei de Inglaterra pela sua atilada politica corruptora, passou a responder em seu officio de 20 de novembro do referido anno;—que Sua Magestade Britannica em attenção as relações intimas que ligavam os dous gabinetes, houvera por bem, apezar de ir contra o já votado no parlamento inglez sobre os impostos, attender as reclamações do ministro portuguez, e dado as necessarias ordens, afim de que os súditos de Sua Magestade Fidelissima, não fossem mais incommodados em suas pessoas e seus interesses commerciaes.

Este triumpho obtido pelo energico embaixador portuguez, logo á sua chegada em Londres, despertou uma certa admiração e alegria aos portuguezes ali residentes e principalmente a Bento de Magalhães, que havia sido uma das victimas do injusto imposto, exigido pelos inglezes, que entretanto queriam que os seus compatriotas desfructassem em Portugal de regalias, que estavam bem longe de gosar-as na Inglaterra.

(1) Alguns autores dizem que foi o lord Newcastle, entre elles apparece Pinheiro Chagas; Mas Newcastle só foi ministro annos depois, logo é erro.

Entre os actos de energia de Carvalho, nesta missão diplomatica, cita-se tambem uma reclamação feita por este tempo ao governo inglez, por causa da prisão feita a um cavalheiro, que era medico de Carvalho, o qual foi posto logo em liberdade, attendendo as regalias inherentes aos embaixadores, e pessoas que fazem parte das embaixadas.

Depois destes expedientes, puramente diplomaticos, tractou o illustre Carvalho de alimentar o seu vasto espirito e actividade com aquelles estudos, que estavam mais em harmonia com as tendencias de seu genio.

Ahi tratou de familiarizar-se com as altas concepções dos grandes ministros historicos, que o haviam precedido na vida, como : Sully, Rechelieu, Mazarin, Colbert, Tarcy, Louvois, Straffort, Clarendon, duque de Serme, Olivares, Lionni, Araux, Lefort e o marquez de Ensenada, seu contemporaneo, como presentindo o alto destino, que lhe estava aguardado a desempenhar na historia politica do seu paiz e do mundo civilizado

Ahi, durante o tempo, que lhe restava da sua missão diplomatica, procurava estudar, atravez da historia ingleza, a legislação civil e politica desse paiz, e os seus progressos industriaes.

Ahi teve occasião de meditar sobre esses quadros sangrentos de lutas politicas e religiosas, que se lhe desdobravam aos olhos do espirito, desde a *guerra dos cem annos*, começada sob o reinado de Eduardo III até Henrique VI, que findára seus dias na *Torre de Londres* pela ambição do duque de York, que mais tarde assumira na galeria da historia real de Inglaterra, o nome de Eduardo IV ; — até a sangrenta tragedia das *Duas Rozas*, symbolo das duas casas rivaes de York e Lencastre, que afinal terminaram com o regio consorcio da bella filha de Eduardo IV, D. Isabel, com

o avarento Henrique VII, o rival de Ricardo III, e seu vencedor na batalha de Boswerth, em fins do seculo XV; até Henrique VIII o Luthero regio, contra a Sé Romana; até Isabel e Maria Stuart, as rivaes pelo poder e pela belleza; até Carlos I e Cromwell, os inimigos politicos, e ambos inimigos do parlamento inglez; — até a Revolução de 1688, produzida pelo espirito fradesco de Jacques II, que afinal teve n'uma certa manhã do frigidó dezembro de abandonar o seu palacio de Whit-Hall, entregar o throno a seu genro Guilherme de Orange, e refugiar-se em França, sob a protecção e hospitalidade de Luiz XIV: até o glorioso reinado de Anna Stuart, que obteve na esphera politica o triumpho de unir a Escossia a Inglaterra, formando em 1807, um só parlamento, e na da litteratura um dos movimentos mais brilhantes do começo do seculo XVIII.

Ahi teve occasião de considerar e reflectir profundamente sobre as causas dessas luctas entre a realleza e os parlamentos, isto é, entre o rei e o povo; como o astuto ministro Walpole procedia na sua politica macheavelica para corromper o parlamentar e ampliar as prerogativas regias, exercendo um verdadeiro despotismo sob o manto da pseudo liberdade parlamentar, em os reinados de Jorge I e Jorge II.

Ahi vio e observou o que havia de real e apparente sobre as chamadas liberdades civis e politicas, e como lord Walpole, o corrector das consciencias parlamentares tinha uma tarifa para cada deputado, como elle mesmo dizia, e por que preço elle comprava os votos, que lhe convinham para manter-se no poder, e attingir os seus fins politicos.

Depois de ter estudado os vultos celebres atravez da historia e da experiencia, passou a estudar os monumentos, aos quaes se associavam um raio de luz, que pudesse interessar e enriquecer o seu curioso espirito.

Dirigindo seus olhos para a margem esquerda do Tamisa, ahi devia ver soberbamente erguida a *Torre de Londres* em uma pequena eminencia, cercada por um fosso regado de agua com seus oito torreões, entre os quaes sobresaem seis—pelas rubras tragedias de sangue principesco ali derramado, e muitas doloridas lagrimas, não só de reis e rainhas ; mas de principes, duques, e outros personagens de sangue real, entre os quaes se contam os filhos de Eduardo IV, assassinados por seu tio Ricardo de Gloucester, em 1483, no mesmo anno em que D. João II, em Portugal, fazia subir ao cadafalso, em Evora, o duque de Bragança e no anno seguinte, o conspirador duque de Viseu, seu primo e cunhado, cahia por terra apunhalado, pelas suas proprias mãos.

Ahi, na Torre de Londres, teve Carvalho de ver ainda o logar em que foi assassinado Henrique VI, o duque de Clarence, o conde Straffort e outros personagens celebres, em que a historia de Inglaterra abunda extraordinariamente.

Ahi estiveram presos e derramaram abundantes lagrimas, a rainha Izabel e sua irmã Maria, em a chamada *Torre dos Sinos*.

Ahi, emfim, era de estylo que os reis passassem um dia, antes da sua sagração, para meditarem profundamente sobre o fim que os aguardava, quando por capricho, desvarios ou loucas ambições quizessem ferir a liberdade dos seus povos, e calcar aos pés os seus direitos sagrados.

Infelizmente, os Reis pouco aprendem com as lições dadas a Carlos I e Luiz XVI. Os reis são como os ebrios de profissão, quanto mais promettem e juram em certo dia de não mais beberem, quanto mais embriagados se apresentam no dia seguinte.

O remedio, nesta hypothese, quando elles se mostram tão reluctantes contra a liberdade bem entendida, a liberdade justa, é atiral-os para um tunel e ali afogal-os em vinho de Malvasia, como os inglezes fizeram ao duque de Clarence, em 1478, em Londres na torre de Bowyer.

Carvalho devia ter visitado tambem um monumento muito antigo e riquissimo de funebres recordações historicas: é a Abbadia de Westminster, que se eleva sobre a margem direita do Tamisa, reconstruida por Henrique III e seu filho Eduardo I, em principios do seculo XIII.

Westminster é o Pantheon dos reis e dos homens celebres de Inglaterra.

Ali teria contemplado, o illustre embaixador portuguez, ao lado dos sumptuosos tumultos do Henrique VII, de Maria Suart e Izabel, a *virgem*, os mausoleos de um Talbot e do immortal Shakspeare.

E' para ali que mais tarde haviam de ir repousar os dous grandes oradores e estadistas inglezes: Fox e William Pitt.

Ali devia ter visitado tambem todos esses monumentos historicos, como:— a *Columna de Londres ou Monument*, que se acha levantada proximo da ponte do Tamisa, com seus 345 degraus, coroada por um globo doirado com brilhantes raios similhando um grande facho, em memoria do terrivel incendio, que se dera em Londres em 1666, devorando no espaço de 460 ruas, oitenta e nove igrejas, e treze mil casas l..

E' d'ali que o espectador pode alongar a vista e avaliar o movimento daquella Babylonia moderna.

E' ali, que depois de apreciar e couhecer, pelos seus proprios olhos, o que era aproveitavel para alimentar o seu vi-

goroso espirito, podia fazer idéa do estado commercial, industrial, agricola, artistico, scientifico, politico e religioso.

E' ali que devia ter assistido a esplendida festa de inauguração á estatua de Shakspeare, em janeiro de 1741, na Abbadia de Westminster, sob á direcção do conde de Burlington, Pope e outros cavalheiros.

Ali devia ter conhecido as principaes celebridades politicas, scientificas e litterarias, e de ouvir ainda os commentarios e narrações, que se faziam sobre um personagem, que mais tarde havia de tornar-se o grande soberano da litteratura de França,—Voltaire, que sahido da Bastilha, ali fora permanecer alguns annos, bem como Montesquieu e mais tarde Mirabeau, o soberano da eloquencia, e Rosseau o soberano do *Contracto social*.

No meio destes estudos e observações, proprias de um espirito positivista como era o do illustre embaixador portuguez, um successo extraordinario veio affastal-o destas preoccupações ; era a questão dos direitos de *nomina*, que em 1742 se agitava, entre a côrte de Vienna e a séde pontifical.

El-rei D. João V, que achava-se em plena harmonia com ambas as cortes, e desejando evitar grande effusão de sangue, offereceu-se como medianeiro nesta magna questão entre o poder temporal e espiritual, e sendo aceito com extrema satisfação por ambas as partes, ordenou immediatamente ao seu embaixador em Londres, Sebastião de Carvalho, que então se achava em Hanover com a corte do Rei Jorge II, que seguisse para Vienna, segundo as instrucções remettidas, afim de pôr termo aquella milindrosa negociação, o que assim fez, partindo para aquella corte em

7 de julho de 1745, e obtendo, em breve tempo, a desejada conciliação entre a imperatriz Maria Thereza e o papa Benedicto XIV, que havia subido ao throno pontificio, em 1740.

Decorrido algum tempo, despertou-se outra desharmonia entre o papa Benedicto e o imperador Francisco I, em consequencia da opposição, que a Santa-Sé apresentou contra a confirmação dos innumeraveis beneficios e bispados concedidos pelo imperador, ao eleitor de Mayença.

Ahi teve de intervir de novo o diplomata portuguez, em nome d'El-Rei D. João V, e com tanta circumspeção e lucidez se houve neste negocio, que afinal conseguiu vencer a resistencia, que offerecia o papado, e portanto a confirmação do eleitor de Mayença.

Foi, pois, mais um triumpho, que o habil diplomata obteve para coroar a sua privilegiada intelligencia.

Deixando de parte as minudencias sobre este assumpto, pelos limites que nos são impostos, diremos somente, de passagem, que aqui neste novo paiz, neste novo theatro de variados costumes e civilisação, o illustre embaixador não perdeu o seu tempo, como não o perdera em Londres.

Ali o illustre embaixador Sebastião de Carvalho, vendo crescer de dia para dia o seu prestigio diplomatico, sendo distinctamente recebido e bem considerado na corte de Vienna pela mui illustre e virtuosissima imperatriz D. Maria Thereza, sobrinha e amiga da soberana de Portugal D. Marianna, filha do imperador Leopoldo I, tratou de passar a segundas nupcias com uma illustre fidalga austriaca,

por ter enviuvado, segundo alguns autores, em 1739; segundo outros, em 1745 (1).

Foi no mesmo anno da sua embaixada em Vienna, a 18 de dezembro de 1745, e por tanto, no começo das suas negociações com aquella corte e a de Roma, que, depois de vencidos alguns obstaculos em relação a geneologia de sua familia, que o illustre embaixador portuguez recebeu a mão da joven condessa Leonor Ernestina Daun, filha do general conde Henrique Ricardo Daun, e sobrinha do mui celebre feld-marechal-Daun, mui conhecido na historia d'Austria pelos seus triumphos contra o grande Frederico da Prussia, e extrenuo defensor do brilhante throno de Maria Thereza, a quem ella, n'uma carta dirigida a senhora do grande marquez de Pombal, como adiante veremos, confessa dever o seu throno. (Vid. not. c.)

Ao realisar este brilhante consorcio, achava-se o illustre Carvalho em plena vida physica e intellectual, e passados alguns annos em a bella cidade de Vienna d'Austria, e ter conquistado as suas mais brilhantes relações sociaes e politicas, foi obrigado a regressar para Portugal, não só. porque o estado de sua saude assim o exigia, segundo a autorisada opinião e conselho do illustre medico Van-Switen, como porque achando-se gravemente doente El-rei D. João V, e presentindo-se mudança ministerial, pela sua morté, era de suppor que viesse a encarregar-se d'alguma pasta, graças a protecção da rainha D. Marianna, que agora muito mais se devia interessar pelo engrandecimento de

(1) Entre os numerosos autores, que seguem a primeira data, a de 173), acham-se Luiz Gomes e Pinheiro Chagas; entre os segundos, está John Smith, antigo secretario em Londres do duque de Saldanha, então marquez. No primeiro caso, estava em Londres Sebastião de Carvalho; no segundo, em Vienna. Não tendo tempo para verificar aonde está a verdade, peço ao illustre mestre Latino Coelho, que decida a questão.

Carvalho, em vista das relações intimas com a familia Daun, a qual se achava ligado Sebastião de Carvalho, e pela influencia tambem da imperatriz Maria Thereza, sobrinha da rainha de Portugal.

Regressou, pois o illustre embaixador Carvalho á Lisboa em os primeiros mezes do anno de 1750, pouco antes da morte de D. João V, e não a 1 de Dezembro de 1750, como assevera Luiz Gomes, em sua obra: *Le Marquis de Pombal*, e o seu traductor o Sr. Dr. Fontes, aqui no Rio de Janeiro, bem como o Sr. Pinheiro Chagas, em seu opusculo, já citado (1)

Contra esta irreflectida e estouvada asserção do Sr. Pinheiro Chagas, Luiz Gomes, e outros autores, que seguem tão erronea opinião, basta para destruil-a, invocarmos a autoridade official do ministro francez Mr. Blondel, então residente em Vienna, no tempo em que ali se achava-o illustre diplomata Carvalho, que é citado por John Smith, em sua obra: *As memorias do Marquez de Pombal*.

N'esse documento, que é uma nota dirigida pelo ministro francez ao seu governo, em Janeiro de 1750, depois de retratar physica, moral e scientificamente o distincto embaixador portuguez, e de lhe prodigalisar os mais honrosos elogios pelas suas distinctas maneiras e altas qualidades moraes, conclue dizendo: que Sebastião de Carvalho estava prestes a regressar a Lisboa para tomar posse da pasta dos estrangeiros para que fora chamado pela rainha regente D. Marianna, ainda em vida de D. João V.

(2) O Sr. Pinheiro, no seu opusculo *O Marquez de Pombal*, diz que Pombal voltou a Lisboa «nos ultimos annos do reinado de D. João V, onde viveu esquecido pelo governo, que não quiz aproveitar sua alta capacidade. Isto é um disparate e um absurdo, que só a leviandade e o affan de querer escrever muito, produz.

Portanto, não podia *ter chegado* a Portugal, *nos ultimos annos da morte de D. João V*, como levemente afirma o Pinheiro Chagas, nem podia ser esquecido pelo governo, quando elle tinha uma tão alta protecção da regente D. Marianna.

Se o Sr. Pinheiro Chagas, em logar de copiar tão cegamente o que dizem os outros autores, tivesse estudado melhor o *seu marquez*, não repetiria este disparate, echo de muitos outros autores, que seguem o mesmo trilho, sem criterio, nem amor ao estudo ; mas só com o fito de passarem aos olhos da multidão inconsciente, por grandes e fecundissimos talentos !..

Um dos autores, que servio de guia ao Sr. Pinheiro Chagas, na sua já citada publicação, Luiz Gomes, tambem, apesar do merecimento que tem a sua obra, sob alguns pontos de vista, não escapou de assevera um disparate, quando affirmou na sua já citada obra: *Le Marquis de Pombal*, que o illustré Carvalho havia, quando embaixador em Vienna, pedido a sua demissão, e que chegara em Lisboa em 1 de dezembro de 1750, e apresentado ao rei, fora mal succedido ou sem resultado !..

Isto, além de anachronico, é absurdo e inverosimil.

O anachronismo está: que em o 1º de dezembro de 1750 já não existia sobre o throno de Portugal D. João V, por que tinha sido arrebatado da esphera dos vivos, em 31 de Julho do referido anno, por uma especie de lepra, que o contaminava, desde 1742, em que nas Caldas da Rainha, fizera seu testamento e recommendava á frei Gaspar da Encarnação os seus filhos bastardos, que depois tiveram as honras de principe, quando deviam ficar na escuridão em que tinham sido forjados para não virem affrontar a moral pu-

blica, e obrigar uma nação inteira a render honras e homenagens a uns productos infesados e gerados pelos dilatados serralhos do Sr. D. João V.

E' absurdo e inverosimil, o dizer-se que fora mal acolhido pelo rei; porque, além de outros motivos, que mais tarde faremos publico, estão: os seus relevantes serviços diplomaticos e excepcionaes, que tanta gloria e prazer deram ao rei, está a protecção da rainha; que era regente, está a influencia e intimidade de sua esposa para com a familia reinante de ambas as cortes de Portugal e Vienna, portanto; nem podia ser mal recebido pelo rei, porque, não existia, no tempo alludido, já porque, dada a hypothese contraria, não havia rasão, que podesse justificar esse mal recebimento por parte d'El-rei. (1)

Fica pois exhuberantemente provado que o illustre Carvalho só podia ter chegado a Lisbôa entre os mezes de Fevereiro e Junho de 1750, isto é, antes da morte de D. João V, que já repetimos, fora em 31 de Julho do referido anno:—o que é de suppor é que Carvalho viesse já preparado para entrar no ministerio e influir nos altos destinos administrativos do paiz, attendendo as relações de familia, e a manifesta protecção que lhe dispensava a rainha.

Percorrera, pois, a carreira diplomatica por espaço de doze annos, desempenhando brilhantemente essa alta missão em Londres e Vienna, com uma superioridade de intelligencia que muita honra e gloria conquistou para a sua

(1) O Sr. Dr. Fontes, que foi o traductor da obra: *Le Marquis de Pom- bal*, e publicada pelo *Diario do Rio de Janeiro*, além da omissão que commetteu no anno de 1750, data que vem no original francez tambem commetteu o mesmo erro do autor, dizendo que Carvalho chegava no 1º de dezembro de 1750 sem se lembrar o distincto traductor que o pobre rei já não existia nem animava mais com seu amoroso e regio ôlhar o convento de Odivelas.

patria, e que seu neto, mais tarde, o duque de Saldanha, não desmentio, pelo contrario ergueu, e muito honrou Portugal nessas mesmas cortes, com o brilho de seus talentos militares, e de seu privilegiado genio encyclopedico

Regressando á sua patria, depois de tão longa ausencia, cercado de immenso prestigio pelo seu atilado genio diplomatico ; casado com uma joven fidalga pertencente a uma das mais altas aristocracias da Austria ; abençoada esta illustre união com dois filhos e tres formosas filhas, que dspois foram-se alliar a mais alta nobreza de Portugal, como florentes vergontearas deste robusto Carvalho, enriquecido pela experiencia dos mais altos negocios politicos, enrobostecido pelo estudo das obras mais profundas sobre a sciencia social e politica do seu tempo; conhecimento e convivencia com os homens mais sabios e instruidos da sua epocha; orientado do estado, e movimento scientifico, economico e litterario do seu seculo, favorecido pela regia protecção das duas cortes e de suas brilhantes relações e sympathias:—eis as condições vantajosas em que se achava Sebastião de Carvalho, quando terminou a sua missão diplomatica e chegava a Portugal, em 1750.

Agora vamos vel-o assumir as redeas do governo, e estrear-se na espinhosa carreira politica, elevando-se nesta esphera ao gráo de primeiro estadista, não só de Portugal ; mas da Europa, onde brilhavam nas differentes nações os mais eminentes estadistas, como, — na Inglaterra, depois de Walpole,—Carteret, Newcastle e mais tarde Pitt ; em França, depois de Fleury. um Choiseul e Aiguillon ; em Hespanha, um Arauda ; na Italia, um Tanuci ; na Prussia um Frederico II ; na Austria, um Kannitz, sob o sabio reinado da virtuosa imperatriz Maria Thereza, verdadeiro

modelo das soberanas, que desejarem conquistar o amor de seus povos.

Agora vamos ver como este assombroso genio arrancou, não só Portugal do abysmo em que estava para ser tragado pela fradaria de que nos falla Alexandre de Gusmão, e imprevidencia de D. João V; mas como fez recuar espantada a Europa, por mais de uma vez, pelo arrojado da sua imperiosa politica e ardente patriotismo.

Para que mais imparcialmente se possa avaliar o grande alcance e merito das reformas operadas por este grande homem de Estado, seja-nos permittido apresentar um resumo e ligeiro quadro sobre o estado de Portugal, no momento em que elle teve de subir ao poder, em companhia do novo ministerio e novo Rei.

V

Tendo fallecido o sumptuoso Rei D. João V, em 31 de Julho de 1750, n'uma sexta-feira, estando com a regencia do reino, a intelligente rainha D. Mariana, subio ao throno seu filho D. José I, que, segundo as inspirações e conselhos de sua mãe, chamou para fazer parte do novo ministerio, e occupar a pasta dos estrangeiros e da guerra, o ex-embaxador de Portugal, em Vienna d'Austria, Sebastião José de Carvalho e Mello, por decreto de 2 de Agosto de 1750, e não em 3, como erradamente diz o illustre erudito Innocencio da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*. (1)

Para a pasta da Marinha e ultramar Diogo de Mendonça Corte Real, e Pedro da Motta, que fazia parte do antigo ministerio, com a pasta do reino.

(1) Quem quizer verificar, Veja. *Supplemento á Collecção de Legislação Portuguesa* pelo Desembargador Antonio Delgado da Silva, e *Quadro Elementar, Politico e Diplomatico* pelo Visconde de Santarem.

Constituido o ministerio, pela ascensão do novo Rei, Portugal ia passar por uma grande transformação em suas leis economicas, civis, politicas e religiosas, que haviam de abalar os alicerces de todas as classes e apresentar a Nação verdadeiramente restaurada e digna de apparecer aos olhos da Europa civilisada.

Vejamos o seu estado.

O estado de Portugal, na occasião em que o illustre Carvalho entrava para o ministerio, era desconsolador e sombrio, sob o ponto de vista religioso, politico, scientifico, litterario, economico, commercial, industrial, agricola, bem como no exercito de terra e mar.

O numero da população, segundo uma estatistica apresentada pelo duque de Châtelet, em 1777, era de dous milhões e tantas mil almas.

Lisboa devia contar umas cento e cincoenta a cento e sessenta mil almas, entre mouros, judeus, argelinos, marroquinos, negros, indianos, malaios, americanos, inglezes, francezes, italianos, hespanhóes, emfim, gente de quasi todas as raças, que desde o tempo de D. Manoel e D. João III ali haviam affluido, pelo seu grande emporio commercial.

O elemento religioso era vastissimo, em relação a sua população, pois contava mais de oitocentos estabelecimentos religiosos entre conventos e mais casas, que animavam a vida religiosa, calculando-se entre frades, padres e freiras mais de duzentas mil, que devoravam e consumiam parte dos rendimentos do Estado, sem nada produzirem de util, bom e nobre, a não ser a enfumaçada superstição; as infructiferas resas, o fanatismo brutal, a crassa ignorancia, porque a instrucção primaria era quasi banida do espirito

do povo (1) e a secundaria e superior era dada segundo as conveniencias jesuiticas, e não segundo as necessidades e espirito adiantado entre as outras nações da Europa.

O elemento religioso era pois, em geral, ignorante, immoral, ocioso, libertino, falso e impio, porque em nome de Deus sustentava a Inquisição armada a ferro e fogo contra todo o espirito nobre e elevado, que quizesse ter a liberdade de expender as suas opiniões, conforme os ditames de sua consciencia.

O cidadão não tinha a certeza, ao recolhêr-se á noite para sua casa de amanhecer lá, ou ir parar em alguma fogueira ou jazer na escuridão de um carcere, aonde a tortura, o ferro em braza e mil outros diabolicos instrumentos, inventados por aquelles satanicos espiritos, o aguardavam para torturar-lhe as carnes.

Do medonho tribunal da Inquisição partiam todos os raios, que aprouvesse ás negras paixões dos *santos* inquisidores. (2)

Da sua perseguição e furor não poderam escapar os nobres espiritos do padre Vieira, no seculo anterior á epocha que tratamos, e Philinto Elysio, em 1778, que, para fugir das garras dos ferözes inquisidores, foi necessario exilar-se para a França, aonde morreu em Pariz, em 25 de Fevereiro de 1819.

(1) Vid — *Historia da Instrucção em Portugal*. por D. Antonio da Costa.

(2) A inquisição foi creada no principio do seculo XIII por Innocencio III contra os Albigenses, passando depois á Hespanha e Portugal sob D. João III, por bulla do Papa Paulo III, datada de 23 de Março de 1536. Este tribunal não conhecia outro superior além do Papa; o Rei era apenas protector Sua jurisdicção era immensa. Tinha quatro tribunaes sendo um em Evora, e os outros em Lisbôa, Coimbra e Gôa, todos subordinados ao Conselho Geral presidido pelo inquisidor-mór, que residia em Lisbôa, d'onde como ponto central partiam todos os poderes e ordens para os inquisidores respectivos.

Este tribunal religioso influa, pois, em todas as espheras da sociedade e portanto, na politica, derrubava ou sustentava, quem muito bem lhe aprasia.

A politica era disputada pelas duas grandes potencias, que mais influencia tinham pelas suas riquezas materiaes, brasões e prestigio religioso :—

Era o clero e a nobreza, que associados pelos interesses, ambos caminhavam para o mesmo fim, que era a posse do poder politico e das riquezas pecuniarias,

Frei Gaspar da Encarnação, como o cardeal da Motta, era quem dispunha ás mãos largas dos thesouros, titulos, mercês e empregos do Reino.

Delle se podia obter tudo, logo que se mostrasse fanatico e hypocrita beato de roزاری nas mãos.

Era o reinado das contas, das bruchas, feiticeiras, das missas e confissões, da fogueira e dos milagres.

Eram esses assumptos, que preoccupavam o espirito do Rei, dos cardeaes, ministros, e jesuitas, que cercavam o throno do senhor Rei D. João V.

Até no momento em que se achava reunido o conselho d'Estado, os jesuitas desandavam por estes pueris assumptos e acabavam pela descompostura bravia e chula: tal era o estado de anarchia e insolencia, que lavrava no seio daquelle reinado, apparentemente magestoso. E para que se não diga que exageramos, aqui transcrevemos um trecho escripto por uma testemunha occular, espirito eminente, e secretario intimo de D. João V. : é Alexandre de Gusmão. Eis, o que elle diz n'uma carta a D. Luiz da Cunha, embaixador portuguez em Pariz :

«Como V. Ex. me pede novidades*ahi vão finalmente.

«Devemos a S. Rev. o haver proposto a El-rei, que con-

seguisse do Papa o livrar-nos dos espiritos malignos e de feitiços que causavam neste reino tanto damno, e não ouvia os sentissem as outras nações.»

«Os *padres tristes* deram conta a El-rei da confissão prodigiosa de uma feiticeira que cahiu em seu poder. E creio que será este negocio o maior d'estado deste governo. Antonio de Saldanha (o mar e guerra) descompoz o cardeal da Motta e na pessoa deste ao nosso amo, (Rei),—O desembargador Francisco Galvão da Fonseca disse a Pedro da Motta —*que os diabos o levassem* ;—o conde de Villa-Nova disse aos criados de um e de outro ministro em presença de muita gente que fossem ambos... o Encerrabodes não sabendo a quem havia pedir a sua carta credencial pelo jogo de empurra em que se viu, disse: *que o nosso governo era hermaphrodito.*»

«Isto não são contos arabicos, mas factos certos acontecidos dentro da Europa culta, Não tenho mais tempo. Fico para servir a V. Ex. que Deus guarde—Lisboa, 11 de fevereiro de 1743.—Alexandre de Gusmão.»

Eis, pois, um documento eloquente do estado de anarchia e desmoralisação em que se achava aquelle fradesco reinado, dominado pela ignorancia e superstição, como o referido Alexandre de Gusmão allude n'uma outra carta, dirigida ao Encerrabodes, quando, ministro de Portugal em Londres, em lugar de Sebastião de Carvalho, que havia passado para Vienna d'Austria, como já notamos, quando tratamos da sua vida diplomatica.

O estado da politica era uma luta constante de mesquinhas ambições entre a fradaria, representada por frei Gaspar, valido de D. João V, Motta e outros, e o jesuitismo associado á principal nobreza, como o duque de Avei-

ro, marquez de Tavora, e outros. O estado da politica externa estava por assim dizer toda entregue ás inspirações do gabinete inglez,—declarando-se *guerra com todo o mundo, mas paz com a Inglaterra cuja santa alliança era muito conveniente.*» (1) Eis o que diziam em conselho de ministros os jesuitas, perante El-rei D. João V, em fevereiro de 1748, segundo nos refere o secretario intimo de D. João, na citada carta a D. Luiz da Cunha.

O estado litterario resentia-se do marasmo e languidez impressas pelo jesuitismo e atrophiamiento inquisitorial, a ponto de lançar na fogueira um Antonio José e perseguir outros espiritos distinctos, que abrilhantavam a litteratura como Philinto Elysio, e mais tarde, Bocage, que á protecção do marquez de Pombal, Vianna e outros, deveu não ter o mesmo fim do distincto dramaturgo Antonio José.

A litteratura, pois, apezar da creação da *Academia Real de Historia*, em 1720, que tinha em vista animar as lettras, comtudo os seus trabalhos, segundo o dizer do nosso illustre mestre padre Borges de Figueiredo, fatigavam mais do que instruiam, foram por isso, quasi sem utilidade:—»tão profundas eram as raizes do mau gosto ! (2)

E o illustre visconde de Almeida Garrett, para dar uma idéa da influencia deleteria da litteratura, neste reinado, eis como elle se exprime:

«As academias de historia de litteratura do tempo de D. João V, as associações ridiculas de todos os nomes e descripções que então se formavam, a mais e mais empeiora-

(1) Alexandre de Gusmão, carta a D. Luiz da Cunha, embaixador de Portugal em Paris, em 1748.

(2) *Bosquejo Historico da Litteratura Classica, Grega, Latina e Portuguesa.*

vam o mal, que progressivamente cresceu até o ministerio do marquez de Pombal.» (1)

Vê-se, portanto, que a influencia jesuitica, confessada pelos proprios padres illustrados, foi mui fatal e desastrosa para as lettras portuguezas.

Na verdade, os jesuitas por convicção ou arrastados pela machiavelica politica, mostravam-se espantados pelos erros espalhados pelo protestantismo, que altivamente arvorava o seu estandarte de livre exame de consciencia lá por entre os povos do norte, como Allemanha, Suecia, Noruega, Hollanda, Prussia, Suissa e outras nações, e com tão negras cores souberam pintar as consequencias desses erros, se elles tivessem livre entrada em Portugal, que afinal, conseguiram assustar a corte e a nação, apontando-lhes como perigosa qualquer obra scientifica ou litteraria, importada dessas nações.

D'ahi nasceram os *Indices expurgatorios* de livros, que declaravam criminosas todas as pessoas que tivessem o arrojado de ler taes obras, permittindo-lhes apenas a leitura das que estavam de accordo com as suas *beatificas* doutrinas.

D'ahi nasceu essa dileteria influencia litteraria, que se nota neste periodo, e que só foi desapparecendo a proporção, que o novo governo illuminado e poderoso do grande Pombal lhe deu uma nova feição, coarctando as amplas e illimitadas attribuições da terrivel—Inquisição, que até ali era o cabo Tormentorio de todos os talentos e grandes espiritos, que desejassem illuminar a fronte aos raios beneficos da liberdade de consciencia.

A sciencia em Coimbra estava completamente suffocada

(1) *Historia da poesia e lingua portugueza* pelo visconde de Almeida Garrett, tit. XXI.

pelas garras jesuiticas e inquisitoriaes, e decahida do seu antigo brilho e esplendor, jasia envolta e arrastada pela negra sotaina, sem poder acompanhar o movimento das grandes idéas, que illuminavam as universidades das outras nações europeas.

Os estatutos velhos tinham mais em vista guiar o elemento administrativo e economico de que o litterario.

Animavam-se as arguicias theologicas e absurdas pelo methodo analytico e trucidavam-se os arrojões de uma investigação franca e conscienciosa, enrobostecida pelo methodo synthetico para chegar a posse da verdade scientifica, segundo o espirito de Bacon, Descartes e Leibnitz.

Era ainda o reinado caduco do *Magister dixit*, apesar de Bacon e Descartes terem proclamado o contrario nas mais altas regiões da civilisação Européa. (1)

O estado economico, podendo ser um dos mais lisongeiros, era desgraçadissimo, porque'o governo de D. João V, legou a seu filho D. José, além de uma divida á Inglaterra de muitos milhões de crusados (2), os cofres completamente exhaustos, não obstante ter abertas as ricas minas de ouro do Brasil e dellas haver sahido para Portugal, segundo o visconde de Santarem affirma, de 1714 a 1746, isto é, em trinta e dois annos, a insignificante somma de uns 96,044,628\$415 rs. não calculando outras especies de ouro.

Os diamantes, na mesma epocha, foram avaliados em 12,000:000\$000 !! (3) Mas tudo isto era devorado, porque, mais de duzentos milhões de cruzados, foram remettidos para Roma.

(1) Vid.—*Estudo do Direito Patrio* por Coelho da Rocha e A. Garrett na obra já citada.

(2) Correspondente a tres milhões de libras esterlinas.

(3) Vid. *Quadro Politico e Diplomatico*, etc., pelo visconde de Santarem.

Com a Patriarchal, igrejas e conventos de frades e freiras, dotações ao clero, os valores foram incalculaveis, emfim, os gastos foram de tal natureza, eram tão assustadores, segundo o dizer de um historiador portuguez (1) que o illustre Alexandre de Gusmão, espantado destes desperdícios, apertava um dia a cabeça com ambas as mãos e exclamava:

«A padraria absorve-nos, a padraria suga tudo, a padraria arruina-nos.»

Por aqui se vê, pois, que as finanças eram precarias e revolviam-se no cahos de um *deficit* assombroso.

Se considerar-mos o elemento commercial, vemos que tanto o interno como externo, estava nas mãos dos inglezes, que pelo fatal tratado de Methwen, celebrado entre Portugal e a Inglaterra, sob o reinado de D. Pedro II, em 1703, concedia-lhe todas as vantagens, em detrimento do commercio e industria portugueza.

O commercio nacional, portanto, estava sob as garras oppressoras das especulações inglezas, e tão falto de instrução que nem havia uma aula de commercio, sendo preciso mendigar guarda-livros na Inglaterra, ou mandal-os vir de Genova ou Veneza.

Era, pois, a *amiga* Inglaterra, com a sua politica leonina, a verdadeira senhora de Portugal, pelas suas inspirações na politica, e pelos seus vantajosos tractados a favor do seu commercio e da sua industria, passando-lhe para a sua ilha todas as riquezas, que vinham do Brasil e das mais possessões, que Portugal tinha em Africa, India e China.

O estado da agricultura era desanimador e atrasadissimo pela desatenção e completo desprezo da parte do rei, da

(1) *Historia de Portugal* por Oliveira Martins-

fidalgua e clero, esquecendo-se do prospero e feliz tempo de El-rei D. Diniz, no seculo XIV.

Imbuidos do grande luxo da corte, que D. Duarte tanto condemnára em seu tempo, os fidalgos deste reinado desejosos de acompanharem o fasto asiatico de D. João V, engolphavam-se pelo oceano de todos os prazeres, e nenhuma importancia davam á agricultura, esta verdadeira fonte de riqueza nacional, e deixando tudo á mercê de seus empregados e rendeiros, contentavam-se em receber algumas libras esterlinas para sacrificarem no altar de Venus e de Baccho, e passarem as noutes pela *opera italiana*, ou disfarçados pelos theatros do *Bairro-Alto* e da *Mouraria*, onde Antonio José regalava o povo com a opera *D. Quixote* e *As Guerras do Alecrim e Manjerona*, e outras comedias impregnadas de um riso aristophanico, que era o seu genio, e que fora talvez a causa da sua morte, porque a *santa Inquisição* não podia comprehender que alguem pudesse rir neste mundo, *senão ella...*

Não havia, pois, nenhum progresso agricola ; tudo dormia o somno da inercia, empregando os mesmos instrumentos rotineiros, sem se lembrarem dos progressos immensos, que a agricultura estava fazendo em os paizes civilisados.

O estado do exercito, que no reinado de D. João V, não passava de 10 a 12 mil homens effectivos e mal disciplinados, foi elevado, no reinado de D. José, de 40 a 55 mil, sob a disciplina de um conde de Lippe. A marinha tambem havia cahido em um estado decadente, e esperava por uma nova reforma, que veio a tel-a com o grande Pombal.

O estado moral do paiz era morphetico, desde as classes mais elevadas até as ultimas camadas sociaes.

A corrupção e as immoralidades campeavam altivas, começando pelo proprio Rei D. João V. e seu irmão D. Francisco, e d'ahi descia a torrente caudelosa de corrupção até á esphera da nobreza,—da fradaria, clero e povo.

Para se fazer uma idéa da dissolução e tendencias voluptuosas do rei, diz um historiador contemporaneo, basta citar-se que, no Convento de Odivellas, Elle apresentava-se muitas vezes, andrajosamente vestido, fingindo-se de pobre para de vespora de Passos ir ajoelhar-se junto ao andor do Senhor, e ali espreitar a belleza das fidalgas, que iam beijar o pé da imagem. E os seus excessos na vida dissoluta chegaram a ponto, que o senador Candido Mendes. affirma, n'uma obra mui conhecida do clero (1), que tendo o sangue mui corrompido pelas desvairadas excursões nocturnas, chegára a mandar vir princezas africanas, ou filhas de regulos do Congo ou Benguela, para purificar-se de certas molestias que a medicina classifica, dando-lhe um nome mui conhecido; mas que eu me abstenho de escrevel-o aqui, porque não quero fazer corar o leitor. (2)

Por aqui se vê, que D. João V, se chegasse á velhice teria, talvez, de uzar tambem da receita, que o rei David usou; mandando procurar a mais formosa filha de Israel Abisag Sunanita para lhe aquecer o peito, segundo nos assegura a Biblia Sagrada, no primeiro livro dos *Reis*.

O seu irmão, o infante D. Francisco, como o Rei D. Afonso VI, procuráva divertir-se pelas ruas de Lisbôa, em aventureosos assaltos ao pudor das donzellas, e em provocar desordens em companhia dos bandos de fidalgotes perdidos,

(1) *Direito Civil e Ecclesiastico Brasileiro* etc., pelo senador Cendido Mendes.

(2) Quem tiver muita curiosidade de saber, poderá consultar a referida obra: *Direito Civil e Ecclesiastico Brasileiro*, etc., pelo senador Candido Mendes de Almeida.

onde figuravam, como principaes: o duque de Cadaval, marquez de Marialva, Cascaes, condes d'Aveiros e Obidos, resultando, quasi sempre, destes disturbios insolentes: ferimentos graves, aleijões e mortes, que punham a capital n'um sobresalto e terror indiscreptiveis.

Em Coimbra, as desordens subiam a um auge, que causa arrepio e espanto, a quem estuda e contempla por um momento, aquella desmoralisada epocha.

Neste estado não havia segurança individual.

O terror imperava por toda a cidade, principalmente depois do sol posto, ninguem mais tinha coragem de sahir á rua, a não ser bem armado, por que o celebre bando, chamado da *Carqueja*, infestava, não só a cidade, mas os arredores, assassinando, roubando, assaltando os conventos das freiras. onde tripudiava a orgia do baixo imperio oriental, acobertada pela falsa devoção.

Entre os escandalos immoraes dessa epocha, em relação ás freiras, cita-se a fugida da Abbadessa do Convento de Santa Anna de Lisbõa para a Hollanda em companhia de um frade capucho, que teve a habilidade, em nome da re-legião de Jesus, seduzir aquella incauta freira, como ha cinco annos, aqui no Brazil, em S Paulo, o celebre frei Eugenio reitor do Seminario daquella cidade, teve a habilidade de seduzir uma moça filha de um brigadeiro e escriptor illustre, mui conhetido naquella provincia e aqui na cõrte, e lá se foi com ella para a Europa.....

Vê-se, pois, que o throno, a nobreza, e o clero respiravam os ares da mais desabrida e requintada desmoralisação, saltando por cima da dignidade, do respeito e amor aos santos principios, que devem reger um paiz civilisado, que

se inspira nas verdadeiras fontes do direito, da justiça e da verdade.

E' nestas condições anómalas, no meio deste desmoronamento de principios e de crenças, que Sebastião José de Carvalho teve de empunhar as redeas do governo politico e administrativo de Portugal'

Foi neste estado de aviltamento religioso e politico. de relaxamento e abuso administrativo, de enfraquecimento moral, em quasi todas as classes da sociedade, que o apparecimento deste grande homem foi providencial, e sem o qual, póde dizer-se afoutamente, que Portugal teria resvalado de todo em todo para o abysmo da perdição.

Agora vejamos o espirito politico e social, que dominava a grande cabeça de Sebastião de Carvalho, para melhor comprehendermos o alcance superior de suas reformas politicas e administrativas.

E' a chave criteriosa, sem a qual mal se poderá conhecer os beneficios da sua vasta administração.

VI

O espirito politico do eminente estadista era externo e interno.

O espirito da sua politica externa, tinha em vista, não só abater e destruir toda a influencia da Inglaterra, que, por um descaramento dos governos anteriores, havia adquirido assenhorear-se do commercio, da industria, da agricultura, fazendo predominar a sua ambição nas relações internacionaes, mas libertar Portugal do jugo papal ou theocratico e de todo e qualquer poder estranho, tornando-o respeitavel e poderoso aos olhos de toda a Europa.

O espirito da sua politica interna, tinha por alvo combater e destruir a acção malefica dos dous poderosos elementos reaccionarios, que se deviam oppôr necessariamente ás

suas reformas, isto é:— o elemento jesuitico e nobiliario, sem o que jámais libertaria o povo da durissima oppressão que soffria, nem poderia conduzil-o á eminencia dos direitos e regalias, que deviam tornal-o um povo industrioso e civilisado.

D'ahi provém essa immensa cadêa de reformas em harmonia com os altos fins, que tinha em vista attingir,—tanto no pequeno continente portuguez;— como nas suas vastissimas possessões ultramarinas.

Mas, para chegar a esse fim, precisava de certas condições ou meios indispensaveis.

A principal condição era revestir-se de um escudo inviolavel, do escudo real e absoluto, contra o qual, como um imponente rochedo no oceano, viessem cahir e rastejar submissas todas as revôltas e alterosas ondas das paixões fanaticas e oppressoras.

Alcançar a confiança plena do Rei, eis o que desejava Carvalho, eis o primeiro baluarte, o seu monte Sinai para d'ali poder fulminar, com os raios providenciaes das suas reformas, a nobreza e o jesuitismo, e dar o novo decalogo dos novos direitos ao povo, que até ali jasia sepultado em aviltada oppressão, e tratado á maneira dos pariás indianos.

Comquanto dotado de idéas liberaes e animado do espirito reformador do seu seculo, Carvalha entendeu, e entendeu bem, que no estado em que se achava o decahido Portugal, segundo já fizemos ver, só havia um systema de governo para salvá-lo:— era o absolutismo esclarecido, idoneo, firme e patriotico.

Não lhe podia convir o systema parlamentar á semelhança da Inglaterra, porque as condições eram mui differentes.



A convocação do parlamento, ou còrtes, seria, para a realisação do seu plano social, civil e politico, a convocação da morte :— seria a destruição do seu ideal reformador.

Seria convocar a sombra para dar a luz; a inercia para dar o movimento,—a morte para dar a vida : mais facil lhe seria fazer mover as pyramides do Egypto, ou as suas mummies seculares.

Carvalho tinha amplo conhecimento da historia e especialmente dos ministros celebres, para não commetter um tal erro. Elle devia ter bem presente, qual o fim do conde de Straffort, sob Carlos I ; de Mazarin com a Fronde, sob a minoridade de Luiz XIV, em 1647 : por tanto, ou havia de fazer dos parlamentos o que Richelieu fez em França, dominando-os e reduzindo-os á impotencia, ou vir a ter a sorte de um Straffort, ou cahir do poder em pouco tempo, como aconteceu a Turgot, sob Luiz XVI, em 1776, quando quiz operar suas reformas financeiras, civis e politicas. Não foi convocando o parlamento francez, destruido pelo chancellor Mau-pou em tempo de Luiz XV, que elle pôde reorganisar as finanças, como desejava, nem estabelecer a egualdade de imposto territorial, nem a egualdade civil e politica, e outras reformas, que Sebastião de Carvalho, muito antes que a França, soube realisar em Portugal, sem produzir a revolução, e a morte de Luiz XVI e o sanguinario *Terror*.

Uma dictadura, á semelhança de Carvalho, ou de Richelieu, teriam salvado a França desse oceano de sangue ; mas Luiz XVI não soube dar força a Turgot, com o Luiz XIII deu a Richelieu, e D. José a Pombal: d'ahi veio o grande escolho, que inutilisava todos os ministros reformadores, que se seguiram a Turgot, como : Necker, Calonne e o proprio arcebispo Brienne, que afinal fez com que Luiz XVI con-

vocasse os Estados geraes em o 1º de Maio de 1789. Era convocar a Revolução pela bocca de Mirabeau, dizendo : « *Le droit est le souverain du monde.* » (1)

Era despertar o leão do seu longo adormecimento.

Era chamar á vida o terceiro estado.

Era convocar o tribunal, que devia julgar e condemnar toda a oppressão da nobreza e do clero, até ali exercida, contra os direitos populares.

Era fazer surgir após a *Assemblée geral/constituante*,— a *Assemblée legislativa*,—A *Convenção*,—O *Terror*,—O *Diretorio*,—O *Consulado*, e o Primeiro imperio Napolionico, que desaparecera a 18 de junho de 1815, em os sangrentos campos do Waterloo.

Nesta hypothese, pois, só uma dictadura, esclarecida e benefica, podia salvar o paiz, abatendo a acção reaccionaria do clero politico, e da nobreza facciosa, inimiga de todas as reformas liberaes, que podessem perturbar o seu adormecimento secular.

Carvalho tinha a vista mui larga, e cabal conhecimento das leis do progresso social e politico, para reconhecer que uma nação não póde erguer-se para o Sinai civilizador e realisar as suas altas aspirações, sem que um novo elemento venha dar-lhe uma nova vida.

E' uma lei fatal : quando os elementos velhos têm realiado ou preenchido a sua alta missão, é necessario destrui-los,

(1) O grande Loke na Inglaterra, em 1690 já na sua obra : *Ensaio sobre a verdadeira origem de governo* pugnava, por essas idéas sublimes, que a França, só mui tarde, veio a adoptar-as. Nesta obra, Loke fez a apologia da revolução ingleza de 1688, e sustentou vigorosamente o dogma da soberania do povo. Foi o percursor de Rosseau, que depois sustentara o principio do suffragio universal, como base indispensavel para constituir qualquer sociedade politica. Rosseau, com quanto não tivesse a profundez, nem o bom senso do phylosopho inglez, tinha entretanto, sobre elle uma grande superioridade: era o brilho do seu eloquente estylo.

ou que desapareçam para dar lugar as novas forças regeneradoras.

E' uma lei fatal do progresso humano, diz Lamartine, o não poder avançar para o futuro sem destruir os elementos do passado, que se lhe oppõem em sua passagem, no oceano das idéas.

Compenetrado deste facto historico, que se verifica a cada momento na vida dos povos, Carvalho entendeu formar sobre as ruinas da velha aristocracia, uma outra nova formada da classe media, para imprimir uma nova vitalidade ao novo Portugal, e encaminhal-o para o Himalaya da prosperidade e da civilisação.

Conscio deste ideal, vamos ver como o grande estadista procurou desempenhar a sua ardua e espinhosa missão, que causa assombro a todos os ministros e altas intelligencias, que sabem comprehender aquella difficilima situação, cercada de tantos elementos conspiradores.

Sendo-nos impossivel dar aqui, no restricto horisonte de um opusculo, as innumeraveis e assombrosas reformas, operadas por este genio extraordinario, em o dilatado espaço de vinte e sete annos de sua brilhante e florescente administração, desde 1750 a 1777,—por isso, apontaremos tão só as mais capitaes, que são sufficientes para collocal-o na galeria dos estadistas immortaes.

Para mais facil comprehensão, dividil-as-emos em tres periodos.

O primeiro comprehende o decennio, que vae de 1750 a 1760 ;—o segundo, abrange o espaço de 1760 a 1770; o terceiro, o que decórre desta época até 1777, anno em que pelo fallecimento d'El-rei D. José, Pombal teve de abandonar o

poder 8 dias depois, e ir expiar no exilio a *loucura* do seu patriotismo, elevando a sua patria a altura das principaes nações da Europa, e de tornal-a superior em luzes a muitas daquelle tempo, como dizem os immortaes Cuvier e Almeida Garrett.

VII

Tomando as redeas do governo, uma das primeiras medidas economicas, depois de tratar com todos os gabinetes e soberanos da Europa, annunciando-lhes a ascensão do novo ministerio, e da sua nova politica, foi fazer baixar uma lei em relação á sahida do ouro para o estrangeiro, convencido como o duque de Sully e outros estadistas do seculo posterior, que na concentração do ouro estava o augmento da riqueza nacional, e assim cortaria os altas interesses dos inglezes, a quem elle mais de perto queria abater pelo seu orgulho e avidez nos interesses commerciaes.

Esta lei, que fora promulgada em 1750, provocou muitas reclamações da parte dos inglezes, dando logar, pelas prisões que se deram contra os infractores, que em geral eram inglezes, a que viesse um embaixador da Inglaterra em 1752, que foi lord Tyrawley, afim de tractar com o grande ministro: porém elle foi inflexivel, e só em 1754, em consequencia da grande necessidade que Portugal teve de ir buscar cereaes, á Inglaterra, vio-se obrigado a modificar aquella lei, por um imposto de 2 % sobre a sua exportação, deixando-a mais tarde cahir em esquecimento.

Pondo de parte os bons ou maus effeitos economicos d'esta lei, vê-se que, pelo lado moral, ella colloca Pombal a cima do duque de Sully, pois emquanto este, em França, tomava posse dos metaes confiscados por uma lei identica, e empregava-os no augmento de sua fortuna particular e em

regalar o seu amigo Henrique IV, rei de França; Pombal, pelo contrario, fazia reverter as sommas confiscadas em augmento do Erario Regio, que D. João V com o seu luxo e com o seu exercito de frades, deixara completamente exhausto.

Após esta lei, passou a olhar para o commercio, e, tendo em vista beneficial-o, fez baixar dous decretos datados de 6 e 27 de janeiro de 1751, reduzindo os direitos sobre o tabaco e o assucar, com o que muito lucrou o commercio, os consumidores, e com a facilidade de sua cobrança, o augmento de recursos para o Erario do Estado.

Emquanto tratava de promover o augmento material, forjando recursos para equilibrar o desconcerto financeiro, Pombal (1) não perdia de vista o lado moral, religioso e politico.

De conformidade com o seu plano de politica interna e externa, lançou logo seus olhos de aguia sobre a Malakoff religiosa, chamada o *tribunal da Inquisição* ou do *Santo officio*, onde se abrigava o despotismo feroz, barbaro e deshumano, deshonra da igreja, e mancha negra desse Papa, chamado Paulo III e mais ainda desse Rei, que a historia denomina D. João III, o *piedoso*,—mas que os historiadores independentes e amigos da verdade, chamal-o-hão sempre D. João o fanatico,—o barbaro inquisidor—o jesuita-mór.

Pombal vendo a perigosa acção dos illimitados poderes da *Inquisição*, tratou, neste mesmo anno, de reconduzil-a a um tribunal regio, tornando-o um verdadeiro instrumento real.

(1) Com quanto ainda não tivesse o titulo de marquez de Pombal que só obteve em 13 de Setembro de 1770, comtudo, d'qui em diante, assim o denominaremos.

Fez acabar com os flamejantes e barbaros *Autos da Fé*; com a tortura, que a França, só d'ahi a um quarto de seculo acabou; fez dar a liberdade a centenaes de desgraçados, que se achavam encarcerados nos sombrios e horrendos carceres inquisitoriaes. Emfim, tirou-lhe todo esse tenebroso poder, que elle exercia desde Lisboa até á India.

Em seguida tractou de expulsar os jesuitas do Paço real, que, sob o pretexto de confessores, influíam no animo do rei, da rainha e de toda a familia real. As difficuldades que elles oppunham na America, despertando a insubordinação no espirito dos indios e de outras classes, obstando á realisação do *Tratado de limites*, celebrado em Madrid, em 1750, sob o reinado de D. João V e Fernando VI de Hespanha, servio-lhe de base para esta expulsão, substituindo-os pelos padres da congregação da ordem de S. Philippe Nery, que lhes eram adversos nas doutrinas e apologistas do espirito reformador de Pombal.

Com o espirito de combater a influencia dos jesuitas no Brazil e o commercio inglez, tratou o grande ministro de fundar, em 1753, a companhia do Grão-Pará e Maranhão, concedendo-lhe muitos privilegios e isenções, que os economistas reprovam, mas que eram necessarias para attingir os fins politicos e commerciaes, que o illustre ministro queria fazer triumphar. (1)

Com as mesmas vistas concede Pombal em 1775, privilegio do commercio entre a India e a China a favor de Feleciano Velho Oldembourg, e por outro lado, quebra o privilegio até ali só reservado á corôa, e proclama o commercio livre de todos os embaraços entre Gôa e Moçambique.

(1) Esta companhia foi extinta em 1778, sob Maria I; por carta Regia de 25 de Fevereiro.

No mesmo anno organisou-se no Brazil mais a companhia geral do commercio de Pernambuco e Parahyba, (1) que produziu optimos resultados em favor do commercio.

Ha muitos authores, que segundo as suas vistas, consideram estas concessões e privilegios como um erro administrativo, por que formam os seus juizos, seguindo as luzes da economia politica avançada do seculo; porém para os que apreciam estas disposições. em relação ás luzes do seculo XVIII, e ás circumstancias peculiares em que se achava o grande ministro de D. José I, só ha motivos para applaudil-o e confirmar o que elle proprio dizia e confessava, como prevendo as objecções contrarias;— *era um mal menor que elle queria oppor a outro maior*, e assim obedecer ao systema de suas reformas politicas. (2)

Tendo em 1754 sido obrigado a recorrer á Inglaterra para importar cereaes, e portanto, a depender della, o patriotico ministro entendeu d'ali em diante, fazer promover em alta escala, a cultura do trigo e mais cereaes, afim de haver sempre o necessario para o consumo, e fazer assim voltar Portugal aos bons tempos de D. Diniz, em que a agricultura florescia a par das lettras e da sciencia, e Portugal chegara a ter não só o necessario para o seu alimento, mas exportava para a Inglaterra e outros paizes grande abundancia de cereaes. Adeante veremos as providencias que elle tomou para remediar este mal agricola, que subio ao seu auge com o Terremoto de 1755.

(1) Alvará de 13 de Agosto de 1755.

(2) Luiz Gomes, no seu livro *Le Marquis de Pombal* censurando Pombal sob suas vistas economicas, diz que eram mais de espantar, porque Turgot proclamava em França idéas avançadas.

Mas Turgot, que procura conciliar a sua economia politica com as doutrinas de Quesnay e Gournay, quando publicou as suas *Reflexions sur la formation et la distribuitions des richesses*, foi em 1766, por tanto parece-nos, que não tem logar a censura a não ser nas reformas posteriores a esta data, mas ainda assim devemos attender ao seu fim politico.

Voltando de novo os seus olhos para o Brazil, de uma maneira paternal, procurou combater um prejuizo, que havia contra os indios, julgando-os inferiores pelo sangue, entendiam que se deshonravam ou se rebaixavam todos os individuos europeus, que contrahissem relações com aquella raça, e por isso, o grande ministro, zombando destes preconceitos, e inspirando-se dos sublimes e santos principios proclamados pelo christianismo, declarou (1) que os vassallos de Portugal podiam dar sua mão as donzellas indias, sem por isso ficarem infamados, como até alli suppunham, pelo contrario, tornar-se-hiam dignos da regia attenção e aptos para entrarem nos empregos publicos, e poderem subir a todas as honras e dignidades do Estado e isentos de despezas.

Dous mezes depois, no mesmo anno, pelo anniversario natalicio de El-Rei D. José, (2) proclamou por uma lei fraternal, a inviolavel liberdade dos indios do Pará e Maranhão, cingindo-lhes em suas bronzeadas fronte, o brilhante diadema de todos os direitos naturaes, civis e politicos e portanto, verdadeiros soberanos de suas pessoas, bens moveis e immoveis, apontando severissimas penas contra todos os infractores, que ousassem violar aquelles sagrados direitos, direitos estes que, mais tarde, pelo alvará de 8 de maio de 1758, foram extensivos a todos os indios do Brazil.

Estas leis tão liberaes a favor daquelles homens, que a ambição e a avareza queriam reduzir á escravidão, despertaram novos odios contra o energico ministro ; mas afinal todos tinham de cahir no pó, por que a sua omnipotente vontade, escudada no direito e na supremacia real, tudo vencia e dominava.

(1) Carta Regia de 4 de Abril de 1755.

(2) Lei de 6 e 7 de Junho de 1755.

Era a luz vencendo as trevas.

Emquanto estas sabias leis eram promulgadas, a favor da liberdade dos indios e do seu bemestar, no Novo-Mundo, em Portugal, o grande ministro continuava a desenvolver e a pôr em pratica as suas idéas economicas para restaurar as finanças do estado, e animava o commercio, reduzia os impostos, punia os desordeiros, limitava o poder inquisitorial, acabava com a fogueira e a tortura, expulsava os confesores jesuitas da casa real, projectava companhias para reanimar a agricultura, mantinha a ordem e moralidade, publicando severos decretos contra os ladrões, que infestavam a capital; fazia punir com rigor os diffamadores contra as donzellas, dava sabios regulamentos ao exercito; ordenava energica repressão contra os piratas argelinos, que assaltavam as costas de Portugal, e no meio de todo este movimento de idéas, desta suprema energia e profunda attenção, para tão variados assumptos, lá volta de novo os olhos para America, afim de providenciar contra as difficuldades que os jesuitas oppunham no Paraguay, impedindo a posse dos portuguezes naquella região, segundo o tratado de limites, celebrado em Madrid, sob o reinado de João V, pelo que teve de ordenar a seu irmão Furtado de Mendonça que, em companhia de Gomes Freire, capitão general do Rio de Janeiro, para ali marchassem, afim de combaterem os rebeldes jesuitas.

VIII

No meio destas variadas preocupações, em que a sua attenção tinha de voltar-se para as quatro partes do mundo, nas quaes dominava o vasto imperio portuguez; em quanto com infatigavel ardor procura restaurar e chamar á vida nova—o velho Portugal theocratico, um medonho abysmo

de fogo abre-se-lhe aos pés ; um horrendo cataclysmo assalta e desce sobre as sete colinas da formosa rainha do Tejo em uma bella manhã de inverno, em que o céu se colora do mais vivo azul, e lança a consternação, a dor e a morte por toda a parte.

Foi o terremoto do 1.º de novembro de 1755, que pelas 9 horas e 4 minutos da manhã desmoronou a velha capital de Affonso Henriques e a reduzio a um oceano de fogo e cinzas.

E' então que o illustre Pombal ergue-se á esphera dos grandes genios historicos, mostra a vastidão dos seus recursos providenciaes, toma sobre aquelle pedestal de ruinas e ardentes lavaredas o assento de um semi-deos, e, com a serenidade olympica, contempla por um momento aquelle desmoronamento pompeano, aquella ardencia troyanna, aquelle furioso encapellamento do Tejo, erguendo-se bruscamente em montanhas de revolto liquido, para arrojá-las de encontro ás pyramides de fogo, que brotam do seio ardente da terra para tragar n'um minuto os sumptuosos templos, os monumentos, (1) os luxuosos palacios dos Aveiros, dos Tavoras, dos Lafões, dos Cadavaes, dos Marialvas, Louriçaes, Fronteiras e Valenças e devorar n'um minuto, as mais preciosas vidas, que em horridos lamentos, e sentidos ais vão perder-se confusamente por entre aquelle rouco estridor da terra e as rajadas ventanias de fumo e cinza ardente, que voam para a rubra e fumegante atmospherá.

E' então, que o illustre Pombal faz sahir: daquelle cahos a forma ; d'aquellas trevas de fumo a luz ; —aquella confusão e horror, a ordem e a consolação ; —aquella cidade

(1) Entre os monumentos consumidos pelo fogo e abatidos pelo terremoto, conta-se a Patriarchal, Basilica de Santa Maria, o Palacio Real. etc.

acanhada e tortuosa, uma mais ampla, espaçosa e bella ;—daquella antiga Babylonia de immoralidades, luxo e occiosidade fradesca, uma Sparto moral, sabia, activa e industriosa ; daquella Roma fanatica, ignorante e beata, uma Athenas de luz e bom senso ;—daquella Palmyro de ruinas, de miserias e morte, uma nova Lisboa radiante de vida, força e magestade.

E' neste momento que Pombal pôde fazer ver a originalidade de seu genio e conquistar a confiança do soberano, tornando-se um verdadeiro rei e senhor absoluto de tão excepcional situação.

Para se avaliar a sua pasmosa actividade basta citar, que em menos de oito dias, segundo nota o duque de Châtelet, elle fêz sahir de seu vasto cerebro 230 ordens para conter os desordeiros, punir os ladrões, curar os feridos, alimentar os esfaimados, agasalhar os desgraçados que ficaram sem habitação, animar os vivos e enterrar os mortos (1), que uns calculam em dez mil, segundo Luiz Gomes, outros em trinta mil, segundo Châtelet, os quaes não podendo ter sepultura em terra, eram metidos em saccos de cal e conduzidos em lanchas e navios para receberem a sepultura no alto mar.

Naquelle estado de miseria, de sobresaltos e horrores, o proprio Rei chegou a offerecer-se para ajudar a carregar os mortos para a sepultura; mas não lh'o consentiram.

Muitos padres e nobres praticaram este piedoso dever e

(1) Em geral costuma-se por ahí contar, que naquella horriavel situação; perguntando El-rei D. José a Pombal o que se devia fazer, que elle respondera: Enterrar os mortos e cuidar dos vivos. Está hoje averiguado, que esta resposta foi dada pelo marquez de Alorna e não Pombal, como por ahí falsamente se attribue. Veja-se a *Historia de Portugal* por Pinheiro Chagas, em o reinado de D. José, e lá se verá o desmentido.

trabalho, e os que, em logar de seguirem tão bellos exemplos, iam para o templo pregar contra o Rei e o seu ministro, querendo desvairar o espirito popular para lhe fazer acreditar de que aquella calamidade era devida aos peccados do Rei, pelo que devia fazer penitencia, Pombal mandou castigal-os e prendel-os para não andarem, em nome de Deos, ameaçando o Rei e o seu governo, confiados na ignorancia e fanatismo do povo.

O Rei e a familia real, salvaram-se milagrosamente, porque, na occasião do terremoto, iam para Belém com sua corte, e quando regressaram, já não acharam mais o seu palacio, nem as suas riquezas, que foram todas devoradas pelo terrivel desastre. Durante 8 dias alojou-se sob as barracas d'Ajuda, e ali passou a vida bem amargurada, pensando na desgraça inaudita, que accomettera o seu reinado.

Pombal foi, naquella horrenda situação, um verdadeiro salvador de sua patria, e desde aquelle momento ficou considerado pelos recursos do seu fecundo genio, como um homem extraordinario, a quem debalde se lhe opporia resistencia, pois elle tinha dado provas de que podia dominar até a propria natureza.

D'ahi em diante, os proprios santos cahiram dos seus altares, como Ignacio de Loyola, Gregorio VII e outros; o papa, tornou-se dócil e humilde; os reis sobresaltaram-se em seus thronos; os principes, curvaram-se e foram expiar nas prisões do poetico Bussaco, a sua imprudente altivez; os duques, marquezes, condes, e toda a fidalguia rebelde e hostile, as idéas do patriotico reformador, tiveram de rolar do cadafalso em baixo, jazer em negro carcere, ou seguir o caminho do exillo. A fradaria e o jesuitismo conspirador foram lançados á fogueira pelo seu mais devotado representante

Malagrida, e expulsos do solo sagrado de Portugal, para não mais terem a ousadia de levantar a sobranceira contra o Rei, e o seu fiel ministro, que symbolisava a grandeza de Portugal pela sua actividade, pelos seus arrojados committimentos, pela suprema abnegação de sua vida em frente dos maiores perigos, e pela honradez do seu character no meio de immensas riquezas, que o oceano submissamente lhe enviava das quatro partes do mundo para o Erario de Portugal.

Desde aquelle momento, o engenhoso ministro sahia da esphera acanhada dos ministros ordinarios e limitados aos meros expedientes, para entrar de frente erguida no templo aureo da gloria immortal, onde brilham os Rechelieus os Sullys, os Pitts e os Arandas.

IX

Emquanto aos raios do seu poderoso genio, Pombal fazia resurgir das cinzas do terremoto uma nova e imponente cidade, não deixava de promover os meios para levantar novos recursos pecuniarios, indispensaveis para affrontar tantas calamidades, e sem aceitar os soccorros que lhes mandaram offerecer a França e a Hespanha, apenas aceitou da Inglaterra as cem mil esterlinas, que o parlamento inglez votara a favor das victimas do terremoto de Lisboa, porque, além da expontaneidade, houve a deliberação de dirigir-as directamente ao grande ministro, e não a El-rei D. José. Este acto tão lisongeiro da parte de uma nação tão orgulhosa, desarmou a altivez de Pombal, e por isso foi-lhe mister aceitar tão delicada offerta.

Para augmentar os recursos financeiros lançou um imposto de 4% sobre todas as mercadorias importadas: d'ahi

lhe proveio uma grande fonte de receita, que foi crescendo com os que lançara sobre a população da America.

Ao mesmo tempo que procura fontes de receita, não se descursa de lançar suas vistas sobre a esphera industrial. e para animal-a, faz com que o proprio Rei appareça com seus vestimentos de briche nacional, para assim mostrar que desejava o seu desenvolvimento, e não andar a mendigar entre as outras nações, aquillo que podia ter em sua patria. Por este meio respondia o patriotico ministro, ás importunas reclamações dos inglezes, contra o imposto votado as manufacturas importadas do estrangeiro.

Da industria manufactureira, passou a fazer prosperar o commercio e a industria agricola, que se achava mui decahida. Os vinhos do Porto, que depois do celebre tratado de Methwen, em 1703, (1) chegaram a um estado de inaudito descredito, pelas falsificações; rebaixaram de tal fórma o seu preço, que de 60\$ baixaram a 10\$ e 6\$ a pipa, e ainda neste caso, o consumo era mui raro. Os lavradores estavam perdidos, e para salvar-os creou o benemerito Pombal a *Companhia geral de agricultura dos vinhos do Alto Douro* estabelecida no Porto, dando-lhe muitas regalias, que eram necessarias para o fim, que tinha em vista remediar, concorrendo por este meio, para a prosperidade e grandeza do Porto e mais provincias do norte, apesar da sedição de 23 de fevereiro de 1757, que foi punida energicamente.

Para beneficiar a agricultura sobre os cereaes, entendeu mandar arrancar as vinhas dos campos do Tejo, Mondego e

(1) «Por este celebre tratado eram admittidos os lanificios dos inglezes, com a condição destes receberem os vinhos de Portugal com o abimento da terça parte dos direitos, que pagavam os vinhos da França nas alfandegas britannicas» Vid, Coelho da Rocha. *Direito Patrio*.

Vonga e das ribeiras da Estremadura e Bairrada, e plantar cereaes.

Deu uma nova forma ao Terreiro publico de Lisboa, já estabelecido no reinado de D. Manoel, afim de prover ao abastecimento da capital, e animar a agricultura.

Para levantar o commercio do estado de abatimento, em que se achava escravizado pelos inglezes, e erguel-o a uma altura condigna do seculo XVIII, e dar-lhe a importancia, que até ali não tinha, pois era considerado como uma classe baixa, que os nobres olhavam sempre com desprezo, o grande ministro de D. José, com aquella vastidão de luzes, que o caracterisava, tratou logo de fundar uma *Aula de Commercio*. para ali aprenderem a escripturação por partidas dobradas, e receberem os conhecimentos precisos sobre cambios, pesos, medidas, e variedade de moedas estrangeiras.

Estabelecendo este curso regular de estudos mercantis, tinha o grande Pombal em vista particularmente habilitar e libertar o commercio portuguez e colonial, da dependencia em que se achava pela ignorancia do pessoal, a ponto de mandar buscar guarda-livros de Geneva e da Inglaterra.

Para despertar o entusiasmo por esta classe, e dar-lhe consideração e prestigio, o grande Pombal fez com que El-rei D. José fosse algumas vezes assistir aos seus exames e elle, Pombal. frequentemente fazia as suas visitas para assistir aos cursos, e prodigalisar-lhe todas as altas considerações de que ella era merecedora. E neste sentido, depois de crear a *Junta de commercio*, afim de promover todos os melhoramentos necessarios ao progresso mercantil, fez publicar uma lei declarando que esta profissão era NOBRE, NE-

CESSARIA e UTIL, e compativel de chegar á esphera da mais alta nobreza. (1)

Esta lei foi um raio fulminador contra a grande nobreza e clero, que até ali olhavam com o entono do mais alto desdem para esta classe.

O ministro abriu, pois, novos horisontes ao commercio e apontou, aos que desejassem distinguir-se e tornar-se titulares, aonde estava o paraizo das glorias e das recompensas reaes. (2)

Iguaes horisontes abriu para os industriaes, agricultores e todos, emfim, que se tornassem dignos pelas suas virtudes e altos merecimentos individuaes, independente dos escudos dos seus antepassados.

Eram as idéas da nova propaganda philosophica feita pela *Encyclopedica*, dirigida por Diderot e d'Alembert, onde affirmava-se como principio: *que não se pode dar nobreza, onde faltam virtudes proprias*. Por este motivo foram cahindo aos pedaços os mantos dourados da antiga fidalguia, que apenas estribava os seus altos merecimentos no sangue de seu carcomido tronco genealogico. (3)

Estas ideas tão avançadas do marquez de Pombal, confirmam o juizo do sábio Cuvier, a respeito da reforma da universidade de Coimbra;—que Pombal havia-se adiantado muito em idéas ao seu seculo.

Com effeito, observando-se a theoria da sciencia social, proclamada por S. Simon no seculo XIX, vê-se que ha ali

(1) Lei de 30 de agosto de 1770.

(2) Lei de 29 de novembro de 1775. Brevemente daremos um trabalho a publico sobre o espirito destas leis, em relação a nobreza commercial, sob a administração do marquez de Pombal.

(3) Vid. *A nobreza. Estudo de Direito Patrio*, por Coelho da Rocha.

muita affinidade, por que, em definitivo, o que elle quer ? é a elevação de todas as classes sociaes, segundo os seus merecimentos, pois é justamente o que faz Pombal. Bem sei as objecções que se podem formular, em relação aos meios de obter o progresso social e politico ; mas eu, a esse respeito, tenho minhas idéas, e entendo, bem ou mal, que me não devo prender e escravisar a systemas de governo invariavel e eterno, e por conseguinte, quanto ao systema de governo politico todo elle é bom, quando em certa e determinada época, preenche e satisfaz o fim, que tem em vista attingir.

E' esta a verdade, que a historia do progresso humano demonstra, atravez dos seculos. Tudo o mais são meras abstrações. Todas essas formulas inquebrantaveis, forjadas á semelhança de granito pyramidal egypciano, não passam de vaporosos sonhos, são verdadeiras neblinas, que a realidade dos factos, as necessidades e as novas aspirações sociaes, destroem ao mais leve sopro n'um momento.

Era pois, um verdadeiro revolucionario, o marquez de Pombal, porque abalava tudo, e tudo refazia ou creava, de conformidade com o novo ideal social, que mais tarde havia de trazer a revolução politica

A propria litteratura sentia um novo influxo, creando-se em 1757 a primeira Arcadia onde brilhavam os primeiros genios. (1)

A alta nobreza e o clero, que até ali faziam monopolio de todas as honras e dignidades, não podiam olhar com bons olhos para este *fidalgote* de terceira ordem, que ia abrir de par em par o portico aureo da nobiliarchia para entrarem esses *vis plebeus*, sahidos da escuridão de seu mercantelismo, a tomarem assento ao lado da fidalguia de

(1) V. Memorias de Litteratura contemp. por L. de Mendonça.

sangue azul:—isto era uma verdadeira profanação, como os patricios romanos, julgavam no seu tempo; mas afinal as revoluções succederam-se, e os monopólios nobiliarios desapareceram, e elles não só tiveram de deixar entrar os plebeus pelas espheras dos direitos civis, politicos e religiosos; mas até dar-lhes as suas proprias filhas em casamento, e o mesmo aconteceu com o feudalismo da idade média, que as *Cruzadas* e a descoberta da India por Vasco da Gama, fizeram derrubar, não só os monopólios commerciaes de Veneza e Genova, mas todos os mais, em relação a propriedade agricola e monetaria.

Mas, voltando ás reformas do grande Pombal, observou-se que daqui nasceram muitos odios e sobresaltos da parte dos nobres e do clero, e o resultado foi apparecer a conspiração contra o rei D. José, em a noute de 3 de setembro de 1758, na qual entraram o duque de Aveiro, herdeiro pelo lado collateral da grande casa fundada pelo principe D. Jorge, filho natural, de D. João II, no seculo XV; (1) o ex-vice-rei da India, marquez de Tavora, sua esposa e seus filhos Luiz e José de Tavora, o conde de Athouguia, o cabo de esquadra Braz José Romeiro, aggregado da casa Tavora, Antonio Alveres Ferreira, criado grave do duque, Manoel Alves Ferreira, seu irmão José Polycarpo e João Miguel, lacaios do duque de Aveiro, os quaes depois de um processo rapido, foram condemnados a subir ao cada-falso, e degolados uns; outros, foram estrangulados e queimados no caes de Belém, no dia 13 de Janeiro de 1759. (2) Não podendo entrar em considerações sobre o grau de criminalidade, e até que ponto, na marcha deste processo, an-

(1) Vid. *Historia Geneologica da Casa Real Portuguesa*, por D. Antonio Caetano de Sousa.

(2) Alguns authores dizem em 12, outros dizem 13 de Fevereiro; como Luiz Gomos no seu *Le Marquis de Pombal*, mas e erro.

dou a legalidade ou arbitrariedade, diremos só que, em relação a chamada *crueldade, barbaridade* e não sei que mais commettidas pelo grande ministro de D. José, na execução dos conspiradores, nada ha que possa causar espanto, em relação ao attentado e aos graves ferimentos feitos em El-rei D. José, que personificava a vida e a gloria da nação, que tambem sabia dirigir e encaminhar, ao lado do seu immorttal ministro.

Em todos os tempos vê-se, que, ao lado dos maiores clares, lá existe uma sombra, que quer dizer o quanto a sociedade ainda precisa caminhar para chegar á grande civilisação. Os codigos do tempo, e os costumes ainda permitiam estas barbaras execuções e o marquez de Pombal, apezar de reformador e procurar civilisar os seus compatriotas, não podia fazer tudo em um só dia.

Já muito havia elle feito em acabar com os barbaros, *Autos de Fé*, e se ainda houve um, em 21 de setembro de 1761, foi para ferir de vez a instituição jesuitica e inquisitorial, com as suas proprias armas, e justificar a proposição evangelica: *quem com ferro fere, com ferro morre*.

Para provar que o marquez não estava isolado com relação aos chamados rigores e crueldades pennaes, basta que os senhores humanitarios, que tanto bradam contra o patibulo de Belem, olhem para a França, não em o tempo de Richelieu, mas em o tempo de Luiz XV, em 1757, quarenta e dous annos depois da morte desse Rei, que dera um nome brilhante ao seu seculo.

E' pois ali, em França, sobre o reinado desse Rei, que vivia, segundo os Sardanapalos, e mais dissolutamente do que seu avô Luiz XIV, que ao lado de tantas fraquezas, tinha outras virtudes; é ali para a praça de Grève, em Paris,

que chamamos a attença dos grandes censores de Pombal. Ali verão um pobre desgraçado chamado Damiens, que em tempo fora criado dos jesuitas, executado, sabem por que? Por que certo dia, quando o Rei Luiz XV sahia do seu palacio de Versailles, elle tentou, contra a sua vida, ferindo-o mui levemente com um punhal.

Dizem que lhe fizera apenas uma pequena arranhadura de alfinete, entretanto sabem o que lhe aconteceu? Foi logo preso, condemnado á tortura pelos borzeguins por hora e meia; depois, lançaram-lhe, como o Scevola romano, a mão regecida n'uma fogueira para queimal-a; depois, torturaram-lhe as carnes com furor; depois, derreteram-lhe chumbo ardente nas feridas a escorrer sangue: depois, foi esquartejado; mas como os proprios animaes recuaram de horror, e não tiveram forças para despedaçar os membros daquelle miseravel, então veio em soccorro o algoz com todo o sangue frio, acompanhado de seus ajudantes cortar-lhe as pernas e os braços com um grande facão, e depois de toda esta refinada barbaridade, foi lançado n'uma fogueira !...

Ora, eis o que se passou no paiz chamado o centro da luz, em frente de uma grande civilisação, que tinha á frente os seus encyclopedistas, e tantos homens eminentes em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Entretanto, o Sr. Voltaire, e outros humanitarios estrangeiros e nacionaes, que tanto bradaram um anno depois contra Pombal, pelas execuções dos Tavoras, não bradaram nem se horrorisaram com esta feita por Luiz XV, com circumstancias menos aggravantes.

Então, não soube o Sr. Voltaire chamar á França um *paiz barbaro*.

Ha ainda outro exemplo dado em França por este tempo;

é execução do conde de Horn, que por ter roubado e assassinado um agiota, foi condemnado ao supplicio na roda viva, em a praça de Grève, em Paris.

Estes exemplos bastam para mostrar; que se a França, com tão avançada civilisação praticava o mesmo ou peor, por casos menos graves; porque se ha de olhar com tanta severidade para Portugal, que naquelle momento estava a erguer-se da barbaridade sanguinaria, em que o tinha envolvido a civilisação fradesca, durante tantos seculos?

Sejamos, pois, mais justos para com o grande Pombal.

Se os codigos e os costumes do tempo assim permittiam, porque censurar aquelle que agora ia reformar os mesmos codigos e limpal-os dessa negra crueldade sanguinaria, que era a bebida, o licor refrigerante com que se regalavam os nobres e os clerigos?

Se os nobres e os clerigos, que estiveram por tantos seculos senhores do governo e dos destinos da nação, tivessem procurado civilisar o povo, dando-lhes sublimes exemplos dos mais puros costumes; se tivessem apagado a fogueira, quebrado o cadafalso, desfeito a tortura, espesinhado a ignorancia com a instrucção; desterrado o fanatismo pelas bellas e puras luzes da sã rasão, de certo que Pombal já não encontraria estes instrumentos no caminho da sua administração, e portanto: nem os Tavoras iriam ao cadafalso, nem Malagrida á fogueira, inventada pelo *santo officio*! . . .

Mas era necessario que a justiça eterna, atravez da luz historica viesse reparar as injustiças e asperos rigores contra o povo. Era necessario que o mesmo cadafalso, que até ali era levantado tão só contra os plebeus, servisse tambem para os nobres, para saberem se é bom ter em face de uma civi-

lisação humana e religiosa, aquelles instrumentos, que as proprias feras da Libia, nunca sonharam, nem viram em seus alongados desertos.

Era necessario que Pombal desse esse terrivel exemplo, para mostrar que a justiça deve ser igual, e que uma sociedade não póde viver, quando se lhe levantam montanhas de privilegios, tão contrarios e injustos á dignidade humana.

E' a justiça eterna, repetimos, que vibrando atravez da historia universal exclamou: *Quem com ferro fere, com ferro morre.*

São os fructos da vossa civilisação, ó jesuitas; agora colhei-os e saboreai-os, e depois ide pedir humilde perdão ao Deos das infinitas espheras, que sempre terá um raio de misericordia para vós, desgraçados, que tendes feito do genero humano um pasto para alimentar os vossos tigrinos instinctos e as vossas desordenadas paixões. E' chegada a vossa hora, réprobos.

Ahi tendes pela vossa frente o olhar fulminador do grande Pombal para vingar os reis, os principes, e os povos, que tendes destruido e fanatisado pelas vossas falsas e corruptoras doutrinas.

Agora, tremi, desgraçados, vós, que tendes feito tremer os proprios papas e reis; — agora, ajoelhai, vós, que tendes feito ajoelhar a vossos pés os reis, imperadores e povos; — agora, ajoelhae, regecidas e profanadores do Evangelho; — ajoelhae, e fazei o *acto de contricção*, porque é chegada a vossa ultima hora.

Olhae, que lá vêm o grande Pombal, com seu olhar de juiz, com um enorme depoimento debaixo do braço: é o summario de todos os vossos negros crimes de dous seculos.

Agora, cuidado, que elle não treme de vós, como tremeu Henrique IV. Agora, cuidado; que elle sabe como fostes julgados e censurados pelo papa Clemente VIII; (1) agora, cuidado: que elle sabe como fostes batidos pelo energico latego do sabio Pascal, e pela voz eloquente do sublime Bossuet; cuidado, que elle sabe como fostes repellidos e expulsos por Isabel de Inglaterra, e repellidos com indignação por todo o clero francez, em 1682; cuidado, que elle sabe que fostes vós que despertastes o Editto de Nantes, no espirito de Maintenon e de Luiz XIV; cuidado, que elle sabe o que fizestes na Hollanda de Mañricio de Nassau; — elle sabe o que fizestes da Hespanha, da Italia, e da America do Sul, desde o Brazil até o Paraguay. Elle sabe que sois os grandes perturbadores da paz em todos os Estados, em todas as familias, em todas as associações, como tendes conspirado contra os reis, aconselhado a escravidão e o embrutecimento dos povos, aos quaes tendes dominado em nome de Deus. Elle bem sabe o que fizeste de D. Sebastião e como enterrastes o grande Portugal nos areaes de Alcaçer-kibir; elle sabe como dominastes o inepto espirito do cardeal Henrique e fizestes entregar o reino a Filipppe II: elle sabe como interpretastes o concilio de Trento, e donde vos vem a vossa força, quando encontraes um rei como D. João III, que vos chamava; *queridos Benjamins*; elle sabe tudo....

Pois bem, agora sabeis; que se um Sebastião vos fez subir até ao throno, para dominal-o; um outro Sebastião; agora apparece, para vos fazer descer todas as es-

(1) Clemente VIII arguiu os jesuitas de perturbarem a paz da igreja, e outros papas reconheceram o mesmo até Clemente XIV, que os fulminou com asperas censuras até extinguil-os pelo breve de 21 de julho de 1773.

çadas do poder politico e lançar-vos até no exilio e na fogueira, por terdes attentado contra a vida do Rei, e corrompido o seu povo.

Isto quer dizer que Pombal, tendo reconhecido que os jesuitas haviam sido conniventes no attentado contra a vida de El-rei D. José, em a noute de 3 de setembro de 1758, fez publicar o Alvará de 19 de janeiro de 1759, em que foram declarados *banidos* e *proscriptos* de Portugal e suas possessões nas quatro partes do mundo, e pelo de 3 de setembro, do mesmo anno, considerados como *rebeldes*, *traidores*, *adversarios* e *aggressores* contra o sagrada pessoa de El-rei D. José e por taes motivos, declarados *proscriptos* e *desnaturalisados*.

No Rio de Janeiro e outras capitánias do sul, coube ao illustre Gomes Freire, conde de Bobadella, (1) a *piecosa* missão de mandal-os prender e expulsar para fóra do Brazil á 24 de Julho de 1759, fazendo-se o mesmo com todo o segredo nas outras capitánias do norte, em o anno seguinte.

Depois de 21 annos dos mais relevantes serviços diplomaticos e politicos, foi o illustre ministro agraciado com o titulo de conde de Oeyras, em 6 de junho de 1759, e onze annos depois, em 17 de setembro de 1770, com o de marquez de Pombal. (2)

N'esse mesmo anno apparecia o cometa de Halley guiado por Newton, que parecia annunciar a expulsão dos jesuitas para Civita-Vecchia, como um presente ao papa.

O papado ficou estupefacto em presença d'uma tal energia, e não sabia o que fazer.

Entretanto, Pombal. não contente com o expulsão dos

(1) Este illustre governador é parente do mui distincto major José Mariano de Ubá, em Minas Geraes.

(2) Outros autores dizem a 13 de setembro.

jesuitas, ordena ao embaixador portuguez, em Roma, Francisco d'Almada, seu primo, para obter do papa a extincção da ordem.

Não nos sendo possível entrar em minudencias sobre a correspondencia, que promoveu este assumpto entre a Corte de Roma e Portugal, limitamo-nos a dizer, que reconhecendo Pombal que o papa não tinha a necessaria força para acabar com aquella perigosa ordem, procurou o pretexto d'uma descortezia commettida pelo nuncio apostolico, cardeal Acciajouoli, por occasião do casamento da princeza da Beira, D. Maria, herdeira do throno, com seu tio D. Pedro em 6 de junho de 1760, por ter deixado de illuminar o seu palacio, quando todos os embaixadores das outras nações estrangeiras, a cidade de Lisboa e provincias do reino o faziam com enthusiasmo, e julgando-se offendido por este acto, Pombal, depois de convocar o conselho de estado, ordenou, em nome d'El-rei, a expulsão do nuncio apostolico dentro em quatro dias, (1) para fora de Portugal, rompendo com todas as communicacões, tanto ecclesiasticas, como politicas e commerciaes. O cardeal protestou, pediu espera, mas foi forçado o abandonar as orações e passar para o outro lado do Tejo, pois Pombal, não era frei Gaspar, nem o cardeal da Motta. Os embaixadores estrangeiros ficaram aterrados e sorprendidos deste acto energico, que elles queriam qualificar de violencia; mas temendo cahirem no desagrado de Pombal, chamaram-se ao silencio.

Livre dos jesuitas, interrompidas as relações com a corte de Roma, Pombal ficou á vontade para operar todas

(1) Outros authores, entre elles Coelho da Rocha, diz que foi em quatro horas; o mesmo diz o author da—*L'administration du Marquis de Pombal*; porém nós vamos com o desembargador Salgado, na obra já citada e com Luiz Gomes.

as reformas no ensino publico e descriminar bem os limites entre o poder civil e ecclesiastico. Durante dez annos poudo livremente operar todas as reformas convenientes, afim de restituir á coroa toda a sua independencia, que até ali estava a mercê da supremacia romana. Neste mesmo anno deu-se uma outra questão internacional com a Inglaterra, em consequencia de uns quatro navios francezes, que sob o commando do almirante M. de Clue, foram queimados nas costas de Lagos, no Algarve, pelo almirante Boscawen, em de 1759, que segundo o direito internacional, deviam ser respeitados. (1)

Pombal fez uma energica reclamação á Inglaterra, e a côrte britannica enviou em 21 de Março de 1760 (2) um embaixador extraordinario, Lord Kinnoul, afim de dar todas as satisfações ao Rei de Portugal

A nota attribuida a Pombal, então, conde de Oeyras, é mui energica, e com quanto posta em duvida por alguns escriptores, entretanto nós passamos a transcrever della alguns trechos mais salientes, para satisfação dos leitores, que apreciam o character energico e patriotico do immortal marquez de Pombal. (3)

Era então primeiro ministro da Inglaterra o grande Pitt.

Eil-os :

«Rogo a V. Ex. me não faça lembrar das condescendencias que o nosso governo tem tido para com o seu: ellas tem sido taes, que eu não sei, que algum outro as haja tido semelhantes.

« E' justo que este ascendente acabe por uma vez, e

(1) Com quanto este facto se desse antes, fomos forçados a apresental-o depois para não interromper a questão dos jesuitas

(2) Vid. *Quadro Politico e Diplomatico*, já citado.

(3) Consultamos e exposemos as nossas duvidas a um escriptor muito distincto, e authoridade em assumptos historicos, e elle é de opinião que esta nota é real e não apocripha.—E' o Sr. Dr. Mello Moraes.

que Portugal faça ver a toda a Europa, que tem sacudido o jugo de uma dominação estranha.

« Portugal não pôde provar isso melhor do que obrigando o vosso governo a dar-lhe uma satisfação, que por nenhum direito lhe deveis negar.

« A França considerar-nos-hia como um Estado impotente, se não podessemos obter uma satisfação da offensa que nos físestes, vindo queimar nas aguas dos nossos portos, navios, que ali deviam ter toda a segurança.

« Vós não físeis figura alguma na Europa, quando nós eramos uma das primeiras potencias.

Vós occupaveis apenas com vossa ilha um ponto imperceptivel na carta geographica, quando nós arvoravamos o estandarte das cinco quinas pelos vastos dominios, nas quatro partes do mundo.

Vós ereis do numero d'aquellas potencias, que não poderiam sahir da segunda ordem, e se vos elevastes á primeira, foi pelos meios que vos fornecemos. Esta impotencia material vos impossibilitava de estender vosso dominio, além da vossa ilha, porque para fazer conquistas vos era necessario uma Armada, e para ter uma grande Armada é preciso poder pagar-lhe, e vós não tinheis o numerario necessario para fazel-o. Os que têm calculado sobre vossos recursos financeiros, antes da grande revolução da Europa, devem saber que não tinheis com que pagar seis regimentos de infantaria.

« Nem o mar, que se pôde reputar vosso primeiro elemento, vos offerecia então maiores; mal podíeis equipar vinte pequenos navios de guerra.

Ha cincoenta annos a esta parte, tendes tirado de Por-

tugal, *mil quinhentos milhões*, somma enorme de que não ha exemplo na historia universal, que uma nação tenha enriquecido assim a uma outra. O modo porque tendes obtido estes thesouros, vos são ainda mais favoravel que os mesmos thesouros: Foi por meio das artes que a Inglaterra se tem tornado senhora das nossas minas, e nos despoja todos os annos, regularmente do seu producto.

« Alguns mezes depois que a frota do Brazil chega, já de lá não ha uma só moeda de ouro em Portugal, porque passa logo quasi todo á Inglaterra, augmentando continuamente a sua riqueza numeraria, e a prova está que a maior parte de seus pagamentos do Banco se fazem com o nosso ouro.

« Por uma estupidez tambem de que não ha exemplo na historia universal do mundo economico, nós vos permitimos vestir-nos e fornecer-nos todos os objectos de luxo, que não é pouco consideravel; e assim damos emprego a quinhentos mil subditos de El-Rei Jorge, população que vive a nossa custa na capital da Inglaterra.

« São vossos campos que uos nutrem; substituístes nossos lavradores pelos vossos: outr'ora nós vos forneciamos cereaes, hoje sois vós quem nos forneceis. A razão é que porque vós tendes continuado a rotar vossas terras, em quanto nós temos deixado ficar as nossas em baldio.

« Comtudo se nós vos temos elevado a essa grande prosperidade, da nossa parte está o fazer-vos cahir no nada d'onde vos tiramos:

Nós podemos mais facilmente passar sem vós do que vós passar sem nós; uma só Lei basta para derrubar ou enfraquecer consideravelmente o vosso imperio. E' prohibir sob pena de morte, a sahida do nosso ouro para a Inglaterra, e elle não sahirá.

Bem sei que nos podeis responder, que apesar d'essa prohibição, elle sahirá, como tem sahido, porque os vossos navios têm o privilegio de não serem revistados na sua sahida; mas não vos enganeis com isso: eu fiz esquartejar o duque de Aveiro, porque attentára contra a vida do Rei, pois poderei mais facilmente mandar enforcar a um dos vossos capitães por ter roubado a effigie d'El-rei, contra a lei.

« Ha tempos na monarchia, em que um só homem pôde muito.

« Vós sabeis que Cromwell, em qualidade de protector da Republica Ingleza, fez justiça o irmão do embaixador de Portugal, Pantaleão de Sá, pois eu sem ser Cromwell, sinto-me com forças para imitar o seu exemplo, na qualidade de ministro protector de Portugal. »

Depois d'algumas considerações sobre o estado economico da Inglaterra, mostrando que ella nada seria, sem Portugal, termina o energico ministro desta maneira, sua nota diplomatica.

«A satisfação que vos pedimos é conforme ao direito das gentes. Acontece todos os dias que os officiaes de mar e terra fazem por excesso de zelo ou por inconsideração, cousas que não deviam fazer.

Ao governo compete justificar-as e dar a devida satisfação aos Estados que elles tiverem offendido. E' preciso não suppor que esta satisfação o torne desprezivel, pelo contrario faz-se sempre melhor opinião de uma nação que se promptifica a fazer tudo que é justo.

«E' da boa opinião que despendeu sempre o poder e a força das Nações.—Conde de Oyeiras.»

Apezar de já não ser ministro dos estrangeiros neste

tempo, e de muitas outras considerações, que se costumam fazer, nós, como já dissemos, inserimos aqui parte desta nota diplomatica, porque se não é de Pombal, elle era capaz de a escrever ainda mais energica, e por que ella respira um não sei quê de grande e energico, que se harmonisa com o character e espirito daquelle illustre ministro.

X

Temos chegado ao fim do primeiro decennio administrativo do grande Pombal, e elle só bastava para immortalisalo, se o Eterno lhe não houvesse dado mais alongada vida, para continuar as suas beneficis reformas, afim de reerguer sua patria á altura das primeiras nações civilisadas.

Agora, passaremos a apontar os principaes factos, que assignalam a sua brilhante administração, neste segundo decennio, sentindo não podermos desenvolvê-los, e apreciá-los como merecem, porque, então, teriamos de ultrapassar os horisontes de um opusculo, e apresentar um livro; o que não nos é permittido agora.

Neste anno de 1760, consta que fora fundada em Minas, no Rio das Mortes, uma associação litteraria, intiulada: *Arcadia do Rio das Mortes* pelos illustres José Basilio da Gama e Alvarenga, á semelhança da que havia sido fundada tres annos antes em Portugal, em 1757, por Diniz, Negrão e Theotónio de Carvalho, contemporaneos de Philinto Elysio, seguindo-se depois a segunda *Arcadia*, em que brilharam os dous rivaes poetas: Bocage e padre José Agostinho de Macedo.

No segundo periodo da sua administração, que vae de 1760 á 1770, teve Pombal de lutar com grandes difficuldades e perturbações no meio das suas mais liberrimas e grandiosas reformas.

A *Inquisição* estava subjugada, a nobresa orgulhosa decapitada; o jesuitismo expulso; os motins do Porto abafados; a Inglaterra mais cortez e respeitosa;—uma nova cidade brilhava sobre as ruínas da antiga Lisboa, o commercio e as artes, começaram a tomar nova direcção e florescencia em Portugal e no Brasil; mas os inimigos lá fora, tramavam novos golpes contra o grande ministro, e tudo parecia conspirar para arredal-lo das suas gigantescas empresas. Era tudo em vão, porque Pombal não era um ministro vulgar, era um genio, e o genio domina, e por isso aonde existem trevas, elle traz a luz; onde esvoaça a anarchia, elle traz a ordem; por onde se arrasta a pallida miseria, elle traz a brilhante cornocopia da abundancia.

Neste periodo conhece-se que o raio da liberdade vae gradualmente augmentando a proporção que a nação se desenvolve.

A instrucção primaria e secundaria, occupa seriamente o seu grande espirito, e d'ahi vem o apparecimento de algumas escolas de instrucção primaria e secundaria, depois de libertar o ensino dos jesuitas, e proscreever o seu methodo, estabeleceu em differentes cidades do Reino, escolas de latim, de grego e hebraico sob a inspecção de um director geral de instrucção. Depois de dar escholas ao povo, tratou de dal-as aos nobres e para isso fundou o *Collegio dos nobres*, para que ali aprendessem e se instruissem com um gráo de instrucção apropriada a sua classe.

Neste mesmo anno, de 1761, fez baixar dous decretos que muito honram e immortalisam a administração deste ministro. collocando-o na altura dos sublimes humanitarios: são os decretos sobre a egualdade dos indianos na Asia, gosando dos mesmos direitos, que os subditos por-

tuguezes nascidos em Portugal, e a liberdade de todos os escravos, que pisassem o solo portuguez e dos que se achavam no Algarve; bem como os prejuizos contra os mulatos e mais homens de cor. (1)

Passando á esphera financeira, tracta de crear um conselho da fazenda, onde eram centralizados no thesouro publico o recebimento de todos os impostos e o pagamento de todas as despezas, que até ali estavam em completo cahos.

No meio destas sabias reformas, apparece o celebre tractado de *Pacto de Familia*, celebrado em Versailles, em 15 de agosto de 1751 entre a França e a Hespanha, e com quanto neste tractado fosse excluido Portugal, não o fora da convenção de Paris, em cujo artigo 6º faz entrar Portugal nesta alliança contra a Inglaterra, e não o conseguindo, enviou-lhe um exercito de 60 mil homens invadindo a provincia de Traz-os-Montes,—e tomando algumas cidades, como: Miranda, Chaves, Bragança, Moncorvo, e parte da provincia do Douro.

Pombal, apesar das criticas circumstancias em que se achava a nação, depois do terremoto e conspiração dos Tavoras, não desanimou, porque seu alto e fecundo espirito, não lhe permittia esses esmorecimentos, a que estão subjectos os maiores genios, e ligando-se com a Inglaterra, mandou logo vir o celebre general conde de Lippe para commandar o exercito portuguez, que foi immediatamente disciplinar e pol-o em estado de oppor-se ao inimigo.

Chegado o conde Lippe, com tal tactica se houve contra o exercito estrangeiro, que em poucos mezes causou-lhes grandes derrotas e perdas, e occurrendo outras circumstancias no estado politico da Europa e da America, a França e Hespanha tiveram de fazer a paz, que definitivamente se

(1) Vid. o Alvará de 16 de janeiro de 1773 em a nota....

concluiu pelo tratado de Fontainebleau, em 10 de fevereiro em 1763, e publicado em Lisboa em 25 de março do mesmo anno.

Portugal obteve uma paz muito honrosa, por que lhe foram restituídas todas as praças tomadas pelo inimigo e a liberdade de todos os prisioneiros, que durante a guerra cahiram em seu poder.

Enquanto na Europa davam-se estas occurrencias da guerra entre Portugal e as duas citadas nações, na America deu-se a invasão e tomada da colonia do Sacramento pelo governader hespanhol de Buenos-Ayres D. Pedro Cevallos, em 29 de outubro, dando logar a que o conde de Bobadella morresse de pesar ao saber deste tristissimo desastre.

Pombal, logo que soube desta fraqueza militar da parte do governador Vicente da Silva, mandou-o buscar para o Limoeiro, onde acabou seus indignos dias ; o coronel Thomaz Luiz Ozorio, foi condemnado a forca, e os outros officiaes, julgados cúmplices na entrega desta praça portugueza, tiveram por castigo,—o degredo de Castro Marim e o negro desterro d'Africa e de Angola.

Realisada a paz entre Portugal e as duas nações França e Hespanha, Pombal continuou as suas reformas e assignalou a sua administração por leis sabias. O exercito e a marinha perfeitamente organisados pelo conde de Lippe, que se retirou para a Allemanha, em setembro de 1764, ficaram em estado de affrontar qualquer aggressão com vantagem.

No intuito de desenvolver o commercio e a navegação, fez baixar um decreto pelo qual os navios, que até ali não podiam sahir para a Madeira, Açores, e America, sem haver um numero de 80 a 100, d'ali em diante, podiam levantar ancora quando muito bem lhes parecesse.

Pelos fins deste anno, Pombal, que parecia inacessivel ás molestias, foi accommettido de um ataque apopletico, que poz em perigo seus dias; entretanto a sua herculea constituição resistio, e, d'ahi em diante, proseguindo a desenvolver a sua actividade, fez publicar regulamentos sobre os cereaes, mandou suppliciar o capitão francez Graverou, por ter roubado o soldo dos soldados e falsificado os livros do regimento, concedendo graças e dando patentes, em nome do Rei: repellio as pretensões dos inglezes, que ambicionavam gosar de certas regalias, que não gosavam na Inglaterra, pelo que foi muito applaudido pelo duque de Choiseul, em França: fez publicar salutaes leis sobre os pequenos morgados e legados: abolio o direito *consuetudionario*, que era um direito em virtude do qual os filhos succediam aos empregos publicos dos paes.

Este direito, que teve sua origem n'um aviso de Alvaro Vellasco, foi aceito sem criterio por alguns jurisconsultos, dando-lhe o character de um direito justo, quando era injusto. Mas Pombal, conhecendo o absurdo deste estúpido direito, abolio-o logo por outro, que é o verdadeiro: *dar os empregos—aos que forem mais aptos e dignos pelos seus merecimentos..*

Eis, a grande idéa, que hoje brilha nas constituições e codigos modernissimos, já acatado pelo grande estadista e reformador portuguez.

A legislação civil ia passar por uma grande transformação, imprimindo-lhe o espirito de nacionalidade, como diz o illustre cathedratico da universidade de Coimbra, Coelho da Rocha, que o animava em todas as suas reformas, e, neste sentido, fez, pela lei de 18 de agosto de 1769, «restituir ás leis patrias a dignidade e consideração, que até ahi

lhe tinham negado, uns, pela supersticiosa veneração, que professavam ao Direito Romano e Canonico, outros, pela commodidade de recorrer ás opiniões e arestos.»

D'ahi em diante o Direito Romano continuou a ser subsidiario ;—mas tão só no que se achava em harmonia com o «Direito Natural, com o espirito das leis patrias, e com o governo e circumstancias da nação»;—o canonico, esse foi remettido para os tribunaes ecclesiasticos e materias espirituaes.»

As glossas, opiniões dos doutores e arestos, foram destituídos de toda a autoridade extrinseca ; e nos negocios politicos, economicos, mercantis e maritimos, mandavam-se seguir, como subsidiarias, as leis das nações civilisadas da Europa.» (1)

Eis, como Pombal operava a sua revolução legislativa, arrancando-a do cahos em que se achava, pelo predominio do direito ecclesiastico sobre o civil.

D'aqui em diante, o poder, privilegios e jurisdicções da cleresia, foram limitados e restrictos á esphera puramente espiritual ; o seu poder e immunidades ficaram a depender da alçada real. «D'ahi em diante prohibiu-se a instituição da alma por herdeira, restringiu-se a antiga liberdade de—testar em legados pios, capellas e suffragios pelos defunctos,—o que diminuiu sensivelmente a influencia e poder do clero.» (2)

Pela subida de Clemente XIV ao throno Pontificio, em 1769, restabeleceram-se as relações, que haviam sido interrompidas em 1760, como já fizemos ver, e «desde então, diz

(1) Coelho da Rocha. *Hist. do Gov. e Legisl. de Portugal.*

(2) Luiz Gomes. *Le Marquis de Pombal e Coeibo da Rocha—Hist. de Legisl. em Portugal.*

Coelho da Rocha, o papado não se atreveu mais a exorbitar do seu poder, puramente ecclesiastico.»

Neste segundo periodo, fez Pombal assignalar a sua administração com mais uma lei, que muito honra os seus sentimentos humanitarios e religiosos: é a lei que fez abolir a distincção entre os antigos e novos christãos, entre judeus e europeus. Comquanto esta lei já tivesse sido publicada em tempo de D. Manoel e D. João III, todavia, suppõe-se, que durante a guerra da successão, «*fossem os jesuitas*, que obtivessem do papa Xisto V um breve, o qual excluia d'ahi em diante todos os beneficios da universidade; exclusão que, algum tempo depois, estendera-se a todas as dignidades, e cargos publicos (1)

Estes *christãos novos*, que desde os reinados de D. Manoel, D. João III, e Felippe II (2) eram as victimas predilectas do *Santo officio*, só encontraram verdadeira justiça e protecção, no reinado de D. José I, sob a administração de Pombal; e tal era a sua humanidade para com esta pobre raça, que chegaram a dizer, os inimigos jesuitas de casaca, e de sotaina (lá fóra), que Pombal era de raça judaica, e por isso protegia tanto os judeus; e certo dia, cahindo-lhe nas mãos, um desses, que o apregoava como judeu, em logar de o mandar para o Limoeiro, mandou-o embora, dizendo-lhe: *vá com Deus, e continue a dizer que eu sou judeu.*» O pobre diabo retirou-se a tremer com esta lição moral, e, d'ahi em diante, dizia que Pombal era um verdadeiro filho de Deus, e mais religioso do que aquelles que andavam de rosario na mão e a bater nos peitos dentro das igrejas.

1) Felippe II, em 1601 concedeu aos *Christãos Novos* a liberdade de sahirem para fóra do reino por um milhão e duzentos mil cruzados.

(2) Coelho da Rocha. *Hist. do Gov. e da Legislação de Portugal*, e Mello Freire. *Hist. Jurid.* § 107.

D'ahi em diante, Pombal, era, para este sujeito, um heroe, e um verdadeiro sancto, que devia ir para o altar que occupava, o celebre Ignacio de Loyola.

Para tranquillidade das familias, fez Pombal abolir todas as devassas e averiguações, que até ali se faziam em relação ao concubinato, uso barbaro, e jesuitico, que espalhava o terror e desassocego por toda a parte

Emquanto, ha mais de um seculo, Pombal assim procedia, lá na velha Europa, vê-se aqui no Brasil, o Sr. bispo Lacerda andar por Angra, Paraty e outros logares a pregar do pulpito contra o concubinato, e a instigar com suas palavras os denunciantes, e chegando apontar, dentro da propria igreja, as pessoas, que, segundo as denuncias de cartas anonymas, eram designadas como taes !...

As suas predicas só produziram perturbações e loucuras a uns ; riso e lastima a outros. E' pena que S. Ex. não tenha nascido no tempo de Loyola e Torquemada para dar largo pasto ao seu genio inquisitorial ; mas ainda póde ter esperanças: é quando resuscitar lá pelo valle de Josaphat, ao pé do poetico Cedron.

Estamos no fim do segundo periodo da administração do illustre ministro ; estamos em fins de 1770, em que elle recebe, em recompensa de seus serviços, o titulo de marquez de Pombal, para si e seus descendentes

Esta recompensa real do muito saudoso e sempre lembrado Rei, D. José I, foi, concedida, ao seu immortal ministro, em 17 de setembro de 1770. (1)

Por este tempo, isto é, em junho do mesmo anno, dirigio a imperatriz Maria Thereza á senhora do marquez de

(1) Alguns autores dizem a 13 e outros a 27 de setembro. Não pude averiguar qual é a verdadeira data, por isso apresento a duvida-

Pombal, que ainda era condessa de Oeyras, uma carta muito honrosa, tanto para ella, como para seu marido, pedindo-lhe para que ella e Pombal representassem a sua pessoa, como madrinha de baptismo do filho ou filha do embaixador austriaco, que se achava em Lisboa, donde se infere o grau de amizade e consideração, que aquella virtuosa soberana ligava a condessa de Oeyras e a seu marido.

Eil-a :

Schonbrum, 16 de junho de 1770.

«Minha querida condessa de Oeyras.—Para dar-vos uma prova maior da consideração em que tenho o cavalheiro—Lehzelten, nosso enviado na corte de S. Magestade fidelissima, prestei-me com a melhor vontade a ser madrinha de baptismo da creança, que sua esposa brevemente terá. Conheço muito bem os vossos antigos sentimentos e do conde de Oeyras a meu respeito, para que duvide um só momento de que haveis de aceitar com prazer esta commissão ; e, pelo que me toca, não posso deposital-a em melhores mãos do que nas duas pessoas por quem conservo uma estima particular.»

«Por tanto muito me apraz que vós e o vosso marido me representem nessa occasião. Se for menina, ponde-lhe o nome de Maria Thereza, e se for menino o de Francisco Jesé. Em retribuição asseguro-vos que não diminuirá em mim o desejo de provar em todas as occasiões o meu antigo e constante amor para convosco.

«Conheceste bem, como vosso esposo, o joven monarcha, mas não a rainha mãe. Portanto mando-vos, com o joven monarcha, a velha mamã, que não conservando sua vivacidade e actividade, só conserva a sua ternura para com os seus parentes e velhos amigos. A estima em que sempre

tive vosso marido só acabará com meus tristes dias, bem como aquelles em que sempre tive as vossas virtudes e merecimentos e as da familia Daun, a quem devo a conservação da monarchia. Crede-me sempre—Vossa muito affecta
—MARIA THEREZA. (1)

XI

Passando ao terceiro periodo da administração de Pombal, que vai de 1770 a 1777, diremos, que neste curto prazo de sete annos, a intelligencia de Pombal, a pezar de nesta epocha estar com os seus setenta e um annos, parecia mais lucida e vigorosa, sem diminuir a sua gigantesca actividade. Aqui sobre as muitas reformas operadas, sobresaem: a reforma da universidade de Coimbra, em setembro de 1772, que a elevou acima das mais acreditadas da Europa, e que, segundo o dizer do sabio Cuvier, foi muito além dos progressos do seu seculo; reforma na administração das Indias, e abolição da Relação de Gôa; reforma na administração das finanças e das ordens militares; estabeleceu a preferencia entre diversos credores e prohibio as execuções contra os devedores verdadeiramente insolúveis: com que libertou muitos desgraçados, que se achavam presos ha muitos annos, por não poderem pagar as multas; (2) restringiu a poder despotico e illimitado dos paes sobre o casamento dos filhos, fazendo baixar a lei, em a qual os filhos tinham o direito de apellar contra a recusa dos paes, sem fundamento aceitavel; (3) fundou um novo hospital para os

(1) Esta carta vem na obra: *Memorias do Pombal* por John Smith secret. privado em Londres do duque de Saldanha, então marquez do mesmo titulo

(2) Lei de 20 de junho de 1774.

(3) Lei de 25 de Novembro del 75.

desvalidos pobres, no edificio, que havia sido residencia dos jesuitas ; fez erguer um grande monumento no terreiro do paço, isto é, a estatua de El-rei D. José, da qual se encarregou o brigadeiro Bartholomeu da Costa, que a fundira em oito minutos, sendo o modelo da Estatua feito por Joaquim Machado. (1)

No meio destes festejos, Pombal ia sendo assassinado por um estrangeiro Pele, mas tendo sido denunciado, pagou com a vida a tentativa.

No meio destas grandiosas reformas, Pombal teve a satisfação de ver, em 21 de julho de 1773, a bulla de Clemente XIV, (2) pela qual extinguiu o orbe catholico, a seita maldita, intitulada : *Companhia de Jesus* l...

Eram coroados os seus herculeos esforços, custando a vida ao papa, que assim aprouve extinguir tão funesta seita.

No penultimo anno de sua brilhantissima administração, Pombal ia travar uma grande luta com a Hespanha, pela falta de cumprimento ao tratado de 10 de fevereiro de 1763, assignado em Fontainebleau, em que, pelos arts. 21 e 24, a Hespanha se obrigara a restituir a Portugal, a colonia do Sacramento, e outros fortes por elles tomados no Rio Grande do Sul : e, não chegando a um accordo, apesar da proposta do congresso de Paris, em 1776, por intermedio da França e da Inglaterra, que tinha n vivo interesse na paz entre as duas nações ; apesar de algumas concessões da parte do marquez de Pombal, não foi possivel chegar a um accordo, porque o marquez de Grimaldi, ministro dos nego-

(1) Foi inaugurada em 6 de junho de 1775, e seguida de muitos festejos, que duraram dias, occorrendo mais de 150 a 160 mil pessoas de Portugal e do estrangeiro.

(2) Outros dizem de 3 de julho. Vid. a not. C

cios estrangeiros de Hespanha, exigia que Portugal entregasse primeiro alguns fortes, tomados aos hespanhoes, e Pombal, achando affrontosa aquella exigencia, repellio-a com allivez, apezar da Inglaterra lhe haver aconselhado o contrario, e preparou-se para entrar só na grande luta contra a poderosa Hespanha, porque a Inglaterra estava preocupada com as suas colonias americanas, que neste mesmo anno, tinha pela frente o vulto imponente de Washington, com seu exercito em Boston, e o congresso de Philadelphia, a proclamar a independencia dos treze Estados-Unidos da America : enquanto Franklin partia para a Europa á solicitar a alliança da França, que afinal, conseguiu, em 1778.

Entretanto, a Hespanha, querendo aproveitar este ensejo, envia para America uma esquadra de cento e vinte velas, sob o commando de D. Pedro Cevallos, que veio a tomar Santa Catharina, em 27 de fevereiro de 1777, a qual foi restituida a Portugal, pelo tratado assignado no Prado em 1778, como ratificação do que fora realisado preliminarmente em S. Ildefonso, em o 1º de outubro do anno anterior, em que a senhora D. Maria I entregava a colonia do Sacramento aos hespanhoes, que tanto custara a sustentar ao marquez de Pombal.

Não pôde, pois, o marquez levar por diante, o seu projecto de sustentar a guerra na America contra a Hespanha, por que dos repetidos ataques, que accomettiam a El-rei D. José, veio afinal o ultimo, que o arrebatou da esphera dos vivos para a sombria morada dos mortos, a 24 (1) de fevereiro de 1777, pela uma hora da madrugada.

(1) Luiz Gomes diz, na já citada obra, a pag. 32, que foi a 20; e o seu traductor, o Sr. Dr. Alexandre Fontes, tambem commette o mesmo erro a pag. 98. E' natural...

Estava finda a missão do grande Pombal. Com a morte d'El-rei, de quem fora amigo, e o seu maior confidente, durante o espaço de vinte e sete annos, elle tinha de desaparecer e de abandonar a administração politica por que a Rainha D. Maria I, era, além de beata, mui fanática, e portanto, não podia ver a seu lado um ministro, que tinha a coragem de expulsar os jesuitas, extinguir-lhes a ordem e fazer tremer o proprio papa.

Comprehendendo, pois, a sua situação, e lembrando-se das monstruosas palavras do cardeal da Cunha, quando na manhã do dia 24 (1), fora ao Paço, saber da saude do Rei, e lhe dissera com ironia satanica:

«Nada mais tendes que fazer aqui; (alludindo á morte de El-rei): vossas funcções terminarám.» Pombal, fitando aquelle ingrato, com o seu olhar de aguia, lançou-lhe toda a altivez do seu despreso. Este cardeal devia-lhe tudo, devia-lhe até o proprio barrete!...

Passados oito dias, a quatro de Março do referido anno, pelas duas horas da tarde, Pombal, recebia das mãos do ministro Martinho de Mello e Castro, depois de lido, o decreto em que a rainha lhe concedia a sua demissão de ministro, e seguindo para a sua quinta de Pombal, ali fora esperar todas as negras tempestades, que após a morte de D. José, se lhe desencandearam sobre a sua nobre cabeça de 78 annos, que então contava nesta época. (2)

XII

Agora acompanhemos o immortal ministro de D. José

(1) Desde 13 de novembro de 1776, que a rainha D. Maria assumira a regencia do Reino, em consequencia do ataque que El-rei teve no dia 10 ao saber da morte do cardeal patriarcha de Lisboa, Francisco de Saldanha e o Sr. Dr. Pereira da Silva disse na conferencia da Gloria em 21 de Agosto que foi D. Maria I. E' engano de S. Ex., mas não admira... (Vid. not. D.

(2) Vid. Innocencio da Silva — Luiz Gomes diz que foi a 14 de Março de 1777.

para o seu retiro de Pombal e assistamo-lhe aos seus ultimos momentos.

Enquanto Pombal lamentava em seu exilio, a morte de D. José, e reflectia sobre o fim que veria a ter esse bello Portugal, que elle tanto amava e desejava apresentar ao mundo como a primeira nação, a reacção ia subindo de dia para dia, a ponto dos jesuitas terem a audacia de se apresentar de novo em Portugal, trajando o habito da sua ordem [... (1)

Em presença desta ousadia imprevista, foi preciso que o conde de Florida Blanca, ministro de Hespanha, enviasse uma nota diplomatica ao governo portuguez, por intermedio do seu embaixador em Lisboa, o marquez de Almadovar, fazendo-lhe sentir as consequencias, que se podiam dar dos actos irregulares, praticados a favor da reacção jesuitica.

Após os jesuitas, vieram depois os fidalgos despeitados ; vieram—as rehabilitações dos parentes do marquez de Alorna ; vieram os pamphletos dos miseraveis ; rebentaram todos os odios até ali supitados pela vara de ferro de Pombal, que era necessaria para conluzir aquelle povo fradesco á verdadeira Promissão ;—viera n, e ufi n, todas as vinganças mesquinhas: e a propria rainha, chamada a—*piadosa*, esquecendo-se de que ferir Pombal, era ferir a memoria de seu augusto pae e Rei D. José, consentio, para vergonha do seu reinado, que aquella gloria da sua patria, aquelle heroe, que tinha feito erguer sua nação ao nivel das nações mais civilisadas da Europa, fosse agora passar por baixo de um processo miseravel, e de um interrogatorio humilhante, que devia confundir os interrogadores, pois aquelle interrogado, era o pae e salvador de sua Patria.

(1) Vid. Luiz Gomes—*Le Marquis de Pombal*.

Este longo interrogatorio, apressou a morte daquelle grande homem, cuja constituição lhe promettia ainda uma bem prolongada vida, á semelhança de Platão, Newton e Humboldt. Depois de martyrisado pelos seus inimigos, a Rainha D. Maria, *houve por bem*, em seu ignominioso decreto de 16 de agosto de 1781, declarar que, segundo o pensar dos juizes, Pombal «*era criminoso e digno de um castigo exemplar*» «Entretanto, em attenção a avançada idade do *culpado*, e ás suas graves enfermidades, *entendemos dever poupar-lhe os soffrimentos do castigo* que merece.» Consultando antes a *nossa clemencia* do que a *nossa justiça*, dobramo-nos as supplicas do referido marquez, etc.....

«*Perdoamos-lhe todas as penas afflictivas, ordenand* -lhe *de conservar-se, a vinte leguas de distancia* desta corte, até nova ordem nossa... .»

Este decreto foi assignado no Palacio de Queluz, em 16 de agosto de 1781, pela senhora D. Maria I, que para seu castigo ficou louca, e veio morrer aqui, no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1816, tendo fugido de Portugal com seu filho D. João VI, pelas aguias de Napoleão que, não encontrando mais a sombra do marquez de Pombal, pois até o seu retrato já não existia, porque havia sido tirado, em uma noite do mez de abril de 1777, tiveram a ousadia de entrar em Portugal ; mas lá estava seu neto no combate do Busaco para derrotar Massena.

A publicação daquelle decreto, inspirado pelo negro fanatismo da reacção e pela *clemencia* de uma rainha, que possuia grandes virtudes domesticas, mas incapaz, pela educação fradesca, de reinar sobre um paiz livre ; foi a sentença de morte lavrada contra o maior estadista, que tem appellido em Portugal.

Nove mezes depois, seu vasto espirito desprendia-se do seu grande coração e voava á região dos immortaes, onde brillam os genios collossaes, e os heróes, que eternizando uma época, symbolisam a grandeza de uma nação.

Como Napoleão, depois de agitar o grande mundo politico e religioso, acabava mais tarde seus dias no exilio de Santa Helena a 5 de maio de 1821, á hora em que o sol mergulhava no vasto oceano; assim Pombal, deixava subir seu espirito para a esphera immortal, pelas 6 horas e meia da tarde de uma quarta-feira aos 8 de maio de 1782, (1) quando o sol se despedia do horisonte de Pombal e doirava com seus ultimos raios e esplendores, os altos pincares da formosa Cintra e da poetica Cascaes.

Com a morte de Pombal, podia dizer-se que havia desaparecido um astro de grande luz, e que agora tudo ia jazzer em densas trevas de fanatismo. E assim foi.

Após a sua morte Portugal, foi de novo dominado pela fradaria ignorante e inquisitorial, protegida pela rainha, e o resultado foi o descalabro nas finanças, o thesouro exhausto, a invasão estrangeira, pelos francezes, a supremacia da politica ingleza, pairando de novo sobre a realza, o abandono da patria; o embrutecimento do povo, e o rebaixamento da nação, que sob a administração d'aquelle grande patriota, era ativa e nobre; tenaz e forte; rica e florescente, á ponto de deixar em seus cofres a somma de (setenta e oito milhões de cruzados), e um exercito de cincoenta e seis mil homens effectivos, bem pagos e disciplinados e sem nada dever ao estrangeiro.

(1) O Sr. Pinheiro Chagas diz, erradamente, no seu opusculo *Portuguezes illustres*, que foi a 5 de maio— Se consulta-se Innocencio da Silva, Luiz Gomes e outros, não commetteria este erro, mas foi aos dictionarios francezes, por isso... (Vid. a nota E.)

Voltando á morte do grande homem, em Pombal, diremos, que seu cadaver foi aberto e embalsamado pelo doutor José Correa Picanço,

O coração deste illustre homem, diz o distincto medico José Correia Picanço, tinha palmo e meio de comprimento, achando-se cincoenta e tres pedras espalhadas pela sua base, tendo as proporções de um grão de bico.

Era, pois, o seu coração immenso, como o seu genio.

Depois de ter sido embalsamado, o seu corpo foi conduzido, do seu palacete para o ex-convento de Santo Antonio da villa de Pombal—em um coche puxado por tres parelhas, em a noite de sabbado, 11 de maio de 1782. Ali esperava-o já á entrada do convento, o seu fiel amigo bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos, para lhe dizer o seu ultimo adeus.

As musicas de Coimbra e Leiria respavam sentidos hymnos funebres; o povo e os beneficiados pelo grande Marquez, vertiam lagrimas; só os jesuitas poderiam soltar o seu riso diabolico, por que estavam livres do unico homem, que tinha o poderoso genio, e a força sufficiente para esmagal-os.

A oração funebre foi recitada pelo sabio orador frei Joaquim de Santa Clara, que reconhendo o grande merito de Pombal, elevava-o á altura, em que Bossuet costumava elevar, pela sublimidade de sua phrase, os seus heróes.

Passados vinte oito annos, em 1810, pela terceira invasão franceza, sob o commando do general Massena, foi seu cadaver profanado pelos soldados d'esse general, despojando-o de seu vestuario, roubando-lhe a rica espada, suas esporas de ouro, e espalhando depois os seus ossos pelo corpo da igreja. Eis as idéas civilisadoras do novo Atilla!...

Estes ossos foram, mais tarde, piedosamente reunidos por um parente e amigo do finado marquez, e depositados n'uma modestissima sepultura.

Passado mais de meio seculo, isto é, em 1856, foram seus restos mortaes trasladados da Villa de Pombal, a 16 de junho, (1) para Lisboa, devido aos esforços do seu illustre bisneto e representante de sua casa e titulos, o Exmo. Sr. D. Sebastião, actual marquez de Pombal, que, depois das sollemnes exequias, mandadas celebrar pela illustre Camara Municipal de Lisboa, sob o reinado do mui saudoso Rei D. Pedro V, em a cathedral de Santo Antonio, foram alfim descansar tão preciosas reliquias em a capella de Nossa Senhora das Mercês, pertencente a mesma Casa, na rua Formosa, onde o grande Pombal havia nascido e fôra baptisado. E' ali que, os perigrinos admiradores do eminente genio de Pombal, poderão, com a devida permissão, contemplar essas reliquias sagradas do maior genio politico, que tem produzido Portugal, no longo espaço de quasi oito seculos.

E' tambem, na magnifica praça do Commercio ou terceiro do Paço, que poderão ver, do lado do norte, o arco de triumpho, onde se acha ao lado de Viriato, Nuno Alvares e Vasco da Gama, a estatua do grande Pombal, representando ao mesmo tempo, o Genio, o Valor e a Gloria de Portugal.

No centro da praça, ergue-se a Estatua de D. José, e sobre seu pedestal acha-se reposta a effigie do illustre marquez, devida ao reconhecimento de um heróe do nosso seculo, chamado D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal.

Este acto de justiça e reconhecimento da parte de

(1) E' ésta a data apresentada pelo historiador Soriano; mas Innocencio da Silva, diz que foi em 1º de junho. Decida quem quizer...

D. Pedro, em nome de sua filha D. Maria, é um acto, que muito o honra e recommenda á posteridade.

Elle foi praticado em 1833, por decreto de 10 de outubro do mesmo anno. Elle devia lembrar-se que era á espada d'um neto de Pombal, o grande Saldanha, que elle devia o seu triumpho real.

Não podia, pois, esquecer-se do seu illustre avô, e por isso, fez baixar um decreto, que é uma verdadeira homenagem as altas virtudes e relevantes serviços prestados pelo eminente estadista, e uma actrós censura á sua real Avó D. Maria I.

Eil-o :

« Sendo geralmente reconhecido que o Marquez de Pombal Sebastião José de Carvalho e Mello, fôra o Portuguez que mais honrou a Nação no seculo passado ; que distincto pelos seus conhecimentos variados, firme pelo seu character, instruido pelas suas meditações e viagens, e sobretudo, dotado de um amor da Patria, de um zelo do bem publico, e de um interesse pelo decoro e independencia nacional, que sempre o levava nobremente a promover o bem do seu paiz, e a naturalisar nelle as vantagens da industria, da civilisação, do commercio e das artes ; não é menos sabido que a inconstancia dos tempos, e o capricho dos homens pretenderam denegrir na Patria o conceito que nunca fóra d'ella foi disputado a tão illustre genio, e fizeram com ingratição incrível, desapparecer a sua imagem do centro d'aquella mesma cidade, que elle tinha feito renascer das cinzas para ser uma das mais bellas capitaes da Europa »

« Tomando, pois estes motivos na devida consideração, e Querendo ao mesmo tempo tributar ao grande homem

(Pombal) a justiça que lhe é devida, e apagar os vestígios de uma ingratição de que a geração presente regeita a responsabilidade, e desaprova o erro: Hei por bem, em Nome da Rainha, que a imagem em bronze do Marquez de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo), que havia sido arrancada do pedestal da Estatua Equestre de meu Augusto avô (D. José), de quem fôra tão leal servidor, e de quem tão zelosamente procurava sempre honrar a memoria, seja reposta no mesmo logar, e que por lembrança do dia em que se praticou esse acto de justiça se lhe ajunte por baixo, em letras de bronze, a inscripção seguinte:—12 de Outubro de 1833. (1)

Palacio das Necessidades, em 10 de outubro de 1833—
D. Pedro, Duque de Bragança.»

Eis, como o immortal D. Pedro respondeu ao miseravel governo, que em uma noute do mez do abril de 1777, mandou arrancar da estatua de D. José a effigie do grande Pombal, (2). Eis como um neto da senhora D. Maria I, respondeu ao seu monstruoso Decreto de 16 de agosto de 1781, deterrando o illustre Pombal.

A historia começou a fazer justiça ao grande homem, que tanta honra e amor consagrou a sua patria.

E' tempo de se lhe render plena justiça e reconhecimento pelos seus relevantes serviços prestados a nação portugueza.

As palavras do augusto Rei liberal, não ficarão em es-

(1) Este dia era o anniversario nat. de D. Pedro IV.

(2) Sabemos da origem desta historia, que deu logar ao arrebatamento da effigie, e como o duque de Saldanha veio a saber disto no Rio Grande do Sul, mas não temos mais espaço para narral-a. Pode ser lida nas *Memorias* já referidas.

quecimento. Aproxima-se o dia do seu centenario : é a 8 de maio de 1882 e a geração de ambos os mundos—Novo e Velho, não deixará de lhe tributar as honras e glorificações, que o brilho de seus actos, e altaneiros feitos estão a reclamar, como uma das maiores glorias do moderno Portugal.

O que Portugal, ainda hoje, apresenta de grande e digno de admiração aos olhos do estrangeiro, é devido ao marquez de Pómbal.

Pelo lado material, apresenta-lhe uma esplendida cidade nova, a remirar-se ufana no seu crystalino Tejo ; pelo lado moral e caritativo os—hospitaes e asylos para a pobreza e infancia desvalida, a extincção das devassas sobre o interior da vida domestica, etc.; pelo lado intellectual ou scientifico, ainda as sabias leis civis, que existem, são—delle; e a reforma da universidade de Coimbra, dando entrada ás sciencias naturaes; que até ali não tinham assento, ainda tambem é devida á sua reforma de instrucção.

Foi ao beneficio desta grande reforma, que já em 1782, o grande Patriarcha da independencia do Brasil, José Bonifacio, ali pôde estudar, ao lado do direito, o curso de philosophia, que o tornou depois tão celebre na Europa, pelos seus conhecimentos mineralogicos.

A sua grande obra politica não pôde completar-se em sua vida, porque a morte de D. José o viera obstar ; e só mais tarde, depois dos ineptos governos de D. Maria e de João VI; do despotismo brutal e fradesco de D. Miguel, que mais fizeram sentir a grande falta do genio de Pombal, a a ponto de o povo dizer :

«Mal por mal
O grande Pombal»

Ô que veio completar a sua politica, a espada de seu neto o

marechal duque de Saldanha, e a penna do grande Mouzinho da Silveira, sob Pedro IV, o heroe do Mindello.

São factos estes, que brilham no presente, e que a historia não poderá deixar de registrar, em letras de ouro, para admiração da posteridade.

E' esta a verdade : desconhecel-a, é voltar as costas á luz do sol, mas elle continuará sempre a brilhar, por que o imperio das sombrias nuvens é sempre vão e passageiro.

Pombal brilhará, pois, sempre, sempre, atravez da historia, como um grande astro de luz, que honrando o seculo em que vivera, illuminara sua patria, conduzindo-a ao apogeu da grandeza material e da gloria scientifica.

Curvemo-nos, pois, perante, seu magestoso vulto e digamos cheios de reconhecimento e ufauia patria: Gloria eterna ao soberano dos estadistas do seculo XVIII. Reconhecimento perenne ao salvador da patria, ao immenso vulto, que a historia universal apregôa e apregoará sempre, em letras diamantinas:—O grande Marquez de Pombal. (1)

(1) O herdeiro de seus titulos, o segundo marquez de Pombal, veio a morrer aqui no Rio de Janeiro, em 1812, na casa em que hoje funciona a Phenix Dramatica, á rua d'Ajuda. E' ao sr. Dr. Mello Moraes, que devemos esta indicação da rua d'Ajuda. Hoje, é representante de sua casa e titulos o marquez de Pombal, que habita em Lisboa, que vem a ser seu bisneto.

NOTAS.

Nota A--pag. 16.

a) Tabayaras, que outros escrevem —Tobayarás, é uma palavra da lingua Guarany, que etymologicamente se compõe de duas palavras: Taba—e yara,—que querem dizer: Taba—Rosto ou face,—Yará ou vara—Senhor; querendo com isto significar que elles (os gentios), eram senhores da Face ou Rosto da terra, que assim denominavam a toda costa do Brazil.

Esta tribu, assim conhecida, era reverenciada e reconhecida pelas outras tribus como a primeira Senhora destas terras, e pelo grande valor na guerra e lealdade para seus amigos. D'elle provem outros ramos, como: os Tupys, Tupy-Nambás, Tupy-Namquiz, Tupy-Vas, etc., (Vid. *Novo Orbe Seraphico* por frei Antonio Jaboatão e *Vocabulario Guarani* pelo Dr. Baptista Caetano.)

Nota B--pag. 16.

b) Tendo Jeronymo de Albuquerque, filho de D. Lopo de Albuquerque, irmão do grande Affonso de Allbuquerque o heróe de Gôa, Ormuz e Malaca, vindo para Pernambuco em 1535, sob o reinado de D. João III, em companhia de sua irmã D. Brites de Albuquerque, que havia casado com Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario de Pernambuco, filho 3º de Gonçalo Pires Coelho, senhor de Filgueiras, agradou-se tanto do paiz, que afinal resolveu ficar em companhia de sua irmã e cunhado, a quem muito coadjuvou nas guerras contra os gentios Cayetés, Tabayaras e outras tribus de indios, que habitavam então, as visinhanças e terras entre a antiga Marim e Iguarussú, hoje Olinda.

Comquanto, nos primeiros annos fosse Albuquerque sempre feliz e victorioso naquelles renhidos combates cantra os indios, e parecesse invencivel, lá lhe chegou o dia da sua má estrèlla em que, n'um d'esses combates, veio a cahir prisioneiro nas mãos dos feros selvagens, em 2 de janeiro de 1548, sendo condemnado ao tigrino sacrificio da antropophagia.

Reduzido a este horrendo estado, e já prestes a servir de pasto aos selvagens, appareceu-lhe, entre aquella nouté de sua tempestuosa vida, uma radiante estrella de salvação: foi a meiga e bella princeza D. Maria, filha do morubixaba ou chefe da tribu dos Tabayaras, chamado Arco-Verde, que depois tomou o nome de D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, que apaixonando-se pelos olhos azues do valente guerreiro, supplicára a seu pae por elle, e assim o livrara da horrenda morte e de servir de alimento para o banquete, já preparado, da costumada antropophagia.

O amorque, irradiou nos olhos negros da bella filha dos Tabayaras, foi a redempção do guerreiro portuguez, que afinal veio, por sua influencia, a dominar sobre a tribo indiana e concorrer para que ella se tornasse uma poderosa aliada dos portuguezes. A princeza india recebeu, no baptismo christão, o nome de Maria do Espirito Santo Arco-Verde, e veio a ter alguns filhos com Jeronymo d'Albuquerque, que se tornaram n'ui celebres, sendo o primeiro Jeronymo de Albuquerque Maranhão, que conquistou o Rio Grande do Norte em 1599 e vencedor dos francezes no Maranhão em 1614, onde tomou o appellido de Albuquerque Maranhão e D. Catharina de Albuquerque, que veio a casar com o nobre florentino Filippo Cavalcanti, d'onde descendem os Albuquerquees e Cavalcantis de Pernambuco.

Jeronymo de Albuquerque, que era de tado d'uma natureza ardente e voluvel, de maneira que, no seu irrequieto esvoaçar de colibri, variou os seus amores a ponto de se tornarem notorios, e chegarem ao conhecimento da rainha D. Catharina regente de Portugal, durante a menoridade de seu neto D. Sebastião, que procurou advertil-o e por fim, nomear Chistovão de Mello para governar Pernambuco aconselhando a Jeronymo d'Albuquerque, que seria mais digno da sua posição e nobresa, o pedir em casamento uma das filhas d'aquelle illustre fidalgo, e assim resgatar esse passado libidinoso, improprio d'um sobrinho do grande Afonso d'Albuquerque. Em presença d'este aviso e conselho da rainha, Jeronymo d'Albuquerque, casou-se com D. Fijippa de Mello com a qual veio ainda a ter, apozar da sua avançada idade, uns 11 filhos, que associando-os aos 13 illegitimos conhecidos, dão o insignificante numero de 24 filhos!

Albuquerque veio a fallecer em 1594, succedendo-lhe no governo da capitania, que por muitos annos exerceu, em lugar de seus sobrinhos, Alexandre de Moura e outros, que depois vieram aparentar-se á familia Albuquerque

Agora vejamos como Pombal vem a descender da princeza india D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, segundo o chronista frei Antonio Jaboatão e o illustre Joaquim Manoel de Macedo.

Jeronymo d'Albuquerque teve, das suas relações com a filha do morubixaba Arco-Verde, D. Maria, entre outras filhas, D. Catharina d'Albuquerque, que veio a casar com Philippe Cavalcanti fidalgo florentino, que por esse tempo havia chegado de Florença a Pernambuco.

D'este consorcio teve, entre outros, D. Genebra Cavalcanti, que veio a casar com D. Philippe de Moura, fidalgo portuguez, de cujo consorcio teve Paulo de Moura, que veio a casar com D. Brites de Mello, sua prima co-irmã, filha de João Gomes de Mello, o moço, e D. Margarida d'Albuquerque, irmã legitima de D. Genebra Cavalcanti, de cujo consorcio nasceu D. Maria de Mello, que se casára com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, commendador da Villa Franca de Xira e governador de Mazagão: deste consorcio nasceu D. Mayor Luiza de Mendonça, a qual casou com João de Almeida de Mello, commissario geral da cavallaria da Beira, alcaide-mór de Palmella e senhor do morgado dos Olivaes e do Souto d'El-Rei; que foram pais de D. Therza Luiza de Mendonça e Mello, que viera a casar-se com Manoel de Carvalho

d'Athayde, moço fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, capitão de cavallaria, e senhor da quinta da Granja, de cuja união conjugal, nasceu Sebastião José de Carvalho e Mello, depois Conde de Oyeras, e mais tarde, reconhecido universalmente pelo grande Marquez de Pombal.

Eis, portanto, bem claro, porque o marquez de Pombal, vem a ser neto da princeza D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, filha do celebre morubixaba chefe dos Tabayaras Arco-Verde; que no seculo XVI dominava em Pernambuco, como já fizemos ver.

Agora vamos fazer algumas observações, em relação a validade d'este parentesco.

E' ao nosso illustre amigo o Sr. Dr. Teixeira de Mello, mui distincto na litteratura brasileira pelas suas produções poeticas e lucubrações historicas, que devemos o conhecimento do primeiro volume do *Anno-Biographico Brasileiro* do nosso bom amigo o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, e o que n'elle diz a respeito de Pombal ao tratar da vida de Paulo de Moura, que mais tarde, por desgosto da sua viuvez, veio a professar no convento de Nossa Senhora das Neves, em Pernambuco, d'onde era filho em principios do seculo XVII.

Ahi tivemos occasião de ver o que o Sr. Dr. Macedo, baseando-se, no chronista frei Antonio Jaboatão, prova que Paulo de Moura é terceiro avô do marquez de Pombal, e portanto, terceiro neto da princeza D. Maria Arco Verde, dizenlo que « D. Catharina de Albuquerque era filha natural e legitima filha de Jeronymo d'Albuquerque, o que se poderia verificar na obra de Jaboatão, intitulada :—*Novo Orbe Seraphico*. Recorrendo á citada obra, a pag. 89, linha 10, eis o que nos diz frei Antonio Jaboatão :

« Deixou Jeronymo de Albuquerque numerosa descendencia de filhos naturaes e tambem muitos legitimos de sua esposa D. Flippa de Mello, filha de Christovão de Mello. Entre os naturaes teve a primasia D. Catharina de Albuquerque, que nasceu de D. Maria do Espirito Santo, ou filha principal dos gentios Tabayaras d'Olinda, a qual casou com Philippe Cavallanti, fidalgo florentino, etc...

E mais abaixo, como prevenho as objecções e duvidas, que se podessm oppor em relação a veracidade do facto, diz positivamente:

« Enxana-se o autor da *America Portuguesa* em fazer a esta D. Catharina d'Albuquerque filha legitima do sobredito Jeronymo d'Albuquerque e de sua consorte a já nomeada D. Filippa de Mello.»

Consultando o autor da *America Portuguesa* Sebastião da Rocha Pitta, ahi pude ler a pag. 108 e 109 do livro 2.^o da 1.^a edição, publicada em 1730 em Lisbôa, e offerecida á El-Rei D. João V. o seguinte:

« Jeronymo de Albuquerque deixou grande numero de filhos naturaes; porem de sua esposa D. Filippa de Mello, filha de Christovão de Mello, teve D. Catharina de Albuquerque e Mello, que casou com Philippe Cavallanti, fidalgo de Florença e dos mais esclarecidos d'aquella antiquissima republica. »

Logo, segundo esta genealogia de Rocha Pitta, o parentesco de Pombal com a princeza indiana desaparece, mas não se póde dar credito à opinião do illustre autor da *America Portuguesa*, por que era um bahiano muito amavel e lisongeiro, e talvez, quizesse agradar

aos parentes de Pombal e dos Albuquerque e Cavalcantis, tirando-lhe esse parentesco com a princeza india, porque havia o prejuizo de julgarem manchados ou de sangue pouco nobre, todos os que se ligassem a raça dos indios; prejuizo, que o grande Pombal acabou depois, pela Carta Regia de 4 de Abril de 1755, declarando, como já notamos a pag. 55, que todos os portuguezes, que se ligassem ou casassem com as indias, não ficariam infamados. mas pelo contrario, ennobrecidos pela attenção regia, etc..

A opinião de frei Jaboatão, portanto, contemporaneo de Paulo de Moura, deve ser tida por valiosa, porque não se animaria, se fôsse falsa. a publical-a em presença de tantos parentes, que deviam ter protestado, o que não consta.

Logo, a unica duvida, que ainda póde apparecer: é se D. Catharina filha natural de Jeronimo de Albuquerque foi *legitimada*, como affirma o nosso illustre Dr. Joaquim Manoel de Macedo, pois frei Antonio Jaboatão, não o declara, como já vimos na citação, que acabamos de fazer, logo, essa *legitimação* fica por conta do nosso illustre mestre e amigo Dr. Macedo, e eu não a confirmo, porque não tenho certeza d'isso; entretanto, pondo de parte a verdadeira ou falsa legitimação de D. Catharina, o que não resta duvida é que ella foi filha de Jeronymo de Albuquerque com D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, e isto basta, para provar que ella vem a ser sexta avó do Marquez de Pombal e por tanto, pertencente a tribu dos Tabayaras de Pernambuco, da qual foi seu chefe o celebre indio Arco-Verde, senhor da antiga Marim, hoje a bella cidade de Olinda.

Em quanto ao parentesco de Pombal com os principes herodianos da Judea, apresentado pelo fallecido senador Candido Mendes, reservamo-nos tractar d'essa questão mais especialmente n'um folheto, onde mais largamente refutaremos, não só essa, mas outras proposições infundadas pelo erudito senador, cuja memoria a sua pessoa muito acatamos, mas não podemos fazer o mesmo com suas idéas. por que ellas ferem uma memoria mais santa: é a memoria de Pombal para todos os portuguezes e brasileiro's, é a memoria da Verdade, que não tem patria, por que ella está acima de todos os erros, como o sol está acima de todas as nuvens e nevoeiros, que se levantam da terra para a alta athmosfera.

Nota C--Pag. 87

Luiz Gomes na sua obra:—*Le Marquis de Pombal*, Cap. XII, pag. 252, diz que a Companhia de Jesus foi abolida pelo breve *Dominus Redemptor* de 23 de julho de 1773.

O Sr. Pinheiro Chagas, que tambem segue o mesmo author com uma fidelidade admiravel, diz, no seu pequeno folheto, *O Marquez de Pombal*, a pag. 82, a mesma cousa, repetindo o seu—*Dominus Redemptor*.

O traductor de Luiz Gomes, o Sr. Dr. Fontes, tambem apresenta a mesma data, a pag. 82, publicada em 1870, nesta côrte.

O Abbade jesuita Rohrbacher, autor da *Histoire Uiverselle de L'Eglise Catholique*, no tom. 27, pag. 25, diz: que a abolição da Companhia de Jesus, foi a 21 de Junho, porém apesar de ser jesuita mui sabio, e Dr. em theologia na Universidade Catholica de Louvain, e impresso em Pariz, no anno de 1852, parece-nos que está enganado o sabio doutor, porque contra a sua data de 21 de junho, opponho a de 21 de julho, data que é apresentada pelo desembargador portuguez Antonio Salgado da Silva, na sua obra *Collecção da Legislação Portugueza*, em que transcreve a referida Bulla *Dominus ac Redemptor noster*, datada de Roma, em 21 de julho de 1773, em *Santa Maria Maior debaixo do annel do Pescador*, pelo virtuoso sabio e immortal Papa Clemente XIV. no quinto anno do seu pontificado.

Oppomos tambem a autoridade d'um lente da Universidade de Coimbra, o Sr. Dr. Coelho da Rocha, que na sua—*Historia do Governo e da Legislação de Portugal*, a pag. 228, diz: que fôra extincta a ordem jesuitica pela bulla de 21 de julho 1773.

Oppomos finalmente, a autoridade do traductor do *Codigo dos jesuitas* como complemento ás obras de Michelet e Edgar Quinet, que tambem affirma, a pag. 15: que aquellâ ordem foi extincta o 21 de julho de 1773, e não a 23, como disseram erradamente os Srs. Luiz Gomes e Pinheiro Chagas.

Póde-se ver ainda a *Histoire religieuse politique et litteraire de la Companhie de Jesus par Cretineau—Joly*, onde o autor, para mostrar as razões que o Papa Ganganelli teve para extinguir a nefasta Companhia, pelas suas immoralidades, cita no Tom, 6º a pag. 20, estas palavras do Santo Papa: Les jésuites des leur etablissement, s'étaient livrés á des basses intrigues, etc....

Portanto, julgamos que, ainda d'esta vez, o Sr. Pinheiro Chagas mostrou o quanto é leviano e pouco escrupoloso no que escreve, apesar do seu grande talento e actividade, que ninguem lh'a disputará, mas... Um pouco mais de vagar faria maravilhas; assim, ... faz uns contos, que já não vão bem para quem anda tão alto lá pelas regiões da politica e da litteratura romanesca e historica.

Nota D--Pag. 89.

Dissemos não admira, porque, já na penultima conferencia feita em julho, S. Ex. disse, que o marquez de Pombal tinha, após o terremoto de Lisboa, obtido a confiança absoluta e illimitada d'El-Rei D. José, quando, essa confiança plena, só lhe foi concedida, após a expulsão dos jesuitas, segundo a confissão do proprio Pombal, como se póde ver na obra de Luiz Gomes—*Le Marquis de Pombal*, quando interrogado pelos juizes, em Pombal. Emfim, sentimos que S. Ex., como mestre, e tão erudito, não nos desse um conhecimento mais profundo do que foi o marquez de Pombal; entretanto, ninguem melhor do que S. Ex. estava no caso de o fazer, não só pelo seu talento, como pelos vastos conhecimentos historicos e biographicos. Entretanto, esperamos que S. Ex. o fará n'outra occasião, para sua gloria e da patria, que tanto honra com seus escriptos.

Nota E--Pag. 92.

Bem sei que o Sr. Pinheiro Chagas pôde dizer que já emendou esse erro, pelo pequeno opusculo, que publicou em 1875, onde já diz ter sido em 3 de maio; nas estrophen do S. Ex. para o povo, que não pôde consultar aonde está o erro, devia, immediatamente, ter advertido aos seus leitores, que errara, escrevendo 5 de maio, e assim ficariam sabendo que S. Ex. também erra, e erra, não por distração, não por querer errar, mas por ignorancia e precipitação de querer escrever a galope, para que se ligasse lá ao longe. — Que facilissimo talento!... Que genio! Que prodigio!...

Depois, como os Icaros da fabula grega, lá vae cair no Egeo dos erros ordinarios, que poderia ter evitado. Se o Sr. Pinheiro Chagas consultasse o historiador Luiz Soriano, que lezde 1865 já havia publicado em Lisboa, a sua *Historia da guerra civil*, se tivesse consultado o Sr. Innocencio da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*, publicado muitos annos antes do seu folheto sobre os *Virões illustres*; se tivesse lido com attenção Luiz Gomes, no seu *Mirquize de Pombal*, publicado também em Lisboa, no mesmo anno lo seu referido folheto;—lá veria que, todos esses autores, já consignava na data de 8 de maio, dia em que falleceu Pombal, e não no dia 5, como o S. Ex. escreveu. Compreendo que S. Ex. não quiz ter trabalho, e por isso foi cahir nas mãos de Larousse ou outro semelhante, e o resultado foi errar, como qualquer simples mortal.

Os estrangeiros, em geral, quando tallam nas cousas alheias á sua terra, já o notára Garrett, principalmente os francezes, são infelizes e desgraçados pelos erros que commettem.

Larousse, no seu *Diccionario, Dictionnaire du siècle XIX universel*, de 1872, e de 1874, diz, a respeito de Pombal: que nasceu em Soure, que fez seus estudos de direito em Coimbra, que foi nomeado ministro para Londres, em 1739; que foi agraciado com o titulo de Conde de Oeyras, em 1756, que falleceu em 5 de maio de 1782, etc. E' tudo isso uma chusma de erros.—porque não nasceu em Soure, mas em Lisboa; não estudou direito em Coimbra, mas em Lisboa em sua casa; não foi para Londres em 1739, mas em 1738; como já apontei a pag. 20; (neste ponto também erra o Sr. Pinheiro Chagas e Luiz Gomes) não foi Conde em 1756, mas a 6 de junho de 1759; (neste ponto o Sr. Innocencio da Silva também erra, porque diz na sua citada obra, que elle foi Conde, pouco depois do terremoto, e não precisa a data, só que anhou mal, para uma bibliographia de tanta reputação). Em fim, não falleceu em 5 de maio, mas a 8, como já dissemos.

O erro deste autor, é ainda mais aggravante, pelo seguinte :

No artigo sobre Pombal, diz Larousse, que se devem consultar, entre outras obras, a de Luiz Gomes: *Le Marquis de Pombal*, publicada em 1869, em Lisboa; ora esta obra apresenta Pombal fallecido em 8 de maio; mas continuando o referido *Diccionario* a dar-lhe a data de 5 de maio, segue-se que: ou Larousse não leu a obra, ou deseja persistir no erro! Que lastima, e que miseria!... E é assim

que se engana] o povo, e arranca-se-lhe o dinheiro para comprar erros! ..

Consultando o *Diccionario* de Bouillet, tambem encontram-se quasi os mesmos erros apontados em Larousse, e ainda mais este : —que foi nomeado *secretario* para Londres, em lugar de dizer— *ministro*. Não diz a data do seu nascimento, nem o da sua morte, e faz uma apreciação mui falsa sobre o seu espirito politico.

Vaperau, no seu *Diccionario*, repete o que o diz o *Diccionario* de Bouillet, e Gregoire vae no mesmo tom e diz o que o S. Pinheiro Chagas repetio tambem a respeito do tal *esquecimento em que ficou Pombal, pelo governo*, como já alludimos e refutamos, a pag. 30 e 31.

Finalmente, até um folheto, agora recentemente publicado em Lisboa, em 1881, com o titulo de *Historia de Portugal*, que faz parte da collecção da *Bibliotheca do povo*, escripta para o povo, lá vem e pag. 56, com a mesma asneira, e o mesmo erro : —que, Pombal morreu, a 5 de maio de 1782! ... E isto escreve-se em Lisboa, no meio da tantas bibliothecás, e de tantos documentos á mão !!

Lá nesse folheto para o povo, tambem diz : que o terremoto foi em 1º de dezembro !!

Lá, vê-se mais : —que os Tavoras foram justicados na praça de Belém em 12 de fevereiro de 1759 !! »

O' ignorante, vae estudar primeiro, ler e consultar bem para não vires em tão poucas linhas, dizer tantos erros aos teus leitores!

Não quero fallar do que ha pouco se publicou no *Cruzeiro*, sobre a data de 5 de maio, nem das *descobertas* do Sr. Martins de Carvalho, de Coimbra...

Por aqui se vê a leviandade com que esta gente escreve, e procuram passar logo por eminentes litteratos e assignalados escriptores !..

Apontando estes erros, não nos presumimos de infalveis, nem assumimos ares de cathedratico em litteratura, nem em cousa nenhuma; queremos apenas mostrar, que estudamos e continuaremos a estudar emquanto vivermos; e se alguem nos vier notar erros, que estamos certos de havel-os commettido, muito grato ficaremos aos seus autores. O mundo é uma escola, onde to los aprendemos, e nos corregimos uns aos outros : os que se julgam sabios ou infalveis, são tolos, pedantes e charlatães. Eis, o que pensamos sem presumpção ; mas com toda a sinceridade de quem deseja sempre aprender e aperfeioar-se até marchar para a vida desconhecida....

Emquanto aos que disputam a primasia, de festejar o centenario de Pombal, diremos : que desle o passo to n'isso trabalhamos; que os prospectos sobre a obra, foram publicados em 24 de março, d'este anno.

O *Retiro Litterario* sabe d'isso, e que foi muito antes da festa do centenario á Calderon, e portanto... Que fomos nós que propoemos os premios para o centenario a Pombal, etc.

INDICE.

	Dedicatoria.....	
	Ao leitor.....	
	O Centenario do Marquez de Pombal , pag.....	1
Cap.	I. Pombal e os grandes reformadores, pag.....	7
«	II. Seu nascimento e o movimento civilizador do seculo XVII., pag.....	9
«	III. Os differentes logares do seu nascimento, e o erro de alguns autores.—Seus avós e a princeza D. Maria do Espirito Santo Arco Verde, da tribu dos Tabayaras em Pernambuco, no seculo XVI.—As idéas do Senador Candido Mendes, seu erro e odio ao marquez de Pombal.—Refutações d'algumas proposições infundadas.—Educação litteraria de Pombal—Sua vida academica. Seu casamento com a fidalga, sobrinha do Conde dos Arcos — Seus amores em Soure — A soberania do amor, pag.....	13
«	IV. Seu regresso a Lisboa—Sua embaixada para Londres— Sua audiencia sob o reinado de Jorge II. em 19 de novembro de 1738—Erro d'alguns autores, dizendo que foi para Londres em 1739, entre elles Pinheiro Chagas—Sua energica reclamação ao governo britanico a favor dos portuguezes residentes em Londres—Seus estudos e considerações historicas em Londres—Os monumentos e a politica de Walpole com o parlamento inglez—Sua partida de Hanover para Vienna d'Austria, em 1745—Seus serviços prestados em Vienna, conciliando a imperatriz Maria Thereza, com o Papa Benedicto XIV, por causa da questão de <i>nomina</i> —Novos serviços prestados em nome d'El-Rei D. João V., afim de conciliar o papa Benedicto com o imperador Francisco I, por causa dos beneficios authorgados, a favor do eleitor de Mayença—Seu segundo casamento com a condessa D. Henriqueta D'ann—Juizo do embaixador francez em Vienna, sobre as altas qualidades moraes e diplomaticas de Pombal—Seu regresso a Portugal, em 1750—Erros e falsidades de Luiz Gomes, Pinheiro Chagas e ontros escriptores, sobre o tempo em em que regressou a Lisboa, pag.....	20
«	V. Estado geral de Portugal, e sua população, antes de Pombal subir ao poder, sob o ponto de vista religioso, politico, scientifico, litterario, economico, commercial, industrial, agricola, etc.—O duque de Châtelet—Seu estado moral—A Inquisição e sua influencia—D. João V, e as immoralidades da fidalguia, do clero, das reiras de Odivellas no convento de Sant'Anna—Carta do grande	

- Cap. V. Alexandre de Gusmão, dando uma idéa do estado financeiro e immoral do governo, da nobresa e do clero—O que diz o Senador Candido Mendes, sobre a dissolução de D. João V.—O infante D. Francisco, irmão do Rei—e os fidalgos desordeiros pag. 35
- VI. Entrada de Pombal para o ministerio dós estrangeiros e da guerra—Espirito de sua politica externa e interna—Porque não lhe convinha o systema parlamentar da Inglaterra?—Considerações sobre o systema politico da França—Richilieu, Mazarin, Straffor, Turgot, Necker, e a Revolução franceza, em 1789—Mirabeau e Loke na Inglaterra—Benefica dictadura de Pombal e suas grandes reformas civis—Condições do progresso humano, pag. 46
- VII. Administração de Pombal, desde 1750 a 1777—Suas reformas economicas a favor do commercio de assucar e tabaco, sahida do ouro para a Inglaterra, etc.—Limites ao poder da Inquisição—Os *Autos de fé*—Reducção d'esse tribunal a um tribunal regio—A expulsão dos jesuitas do Paço Real—Opposição dos jesuitas no Brazil sobre o tratado de limites celebrado em Madrid, em 1750, sob o reinado de D. João V. e Fernando VI da Hespanha—A congregação da Ordem de S. Filippe de Nery, em opposição aos jesuitas, Fundação da companhia do Grão Pará, Maranhão e seus grandes privilegios, em 1753—Censura infundada dos economistas sobre esta companhia—que foi extincta em 1778, por carta Regia de 25 de fevereiro, sob D. Maria I—Privilegio do commercio entre a India e a China a favor de Feliciano Velho Oldemburg—Liberdade de Commercio entre Gôa e Moçambique—Fundação da companhia geral do commercio de Pernambuco e Parahyba—Excellentes resultados desta companhia a favor do commercio do Brazil—Censuras infundadas de Luiz Gomes, sobre o systema de privilegios ás companhias—Resposta do proprio Pombal a estas criticas Reformas na agricultura—Os bons tempos de D. Deniz—Carta Regia de 4 de abril de 1755 a favor do casamento entre as indias e europeus, combatendo o prejuizo de infamação, e concedendo regalias—Liberdade dos indios do Pará e Maranhão, pela lei de 6 e 7 de junho de 1755—Idem a todos os indios do Brazil, pelo Alvará de 8 de maio de 1758—Providencias contra os ladrões, que infestavam a capital do Reino—Punição contra os diffamadores das donzellas—Regulamentos para o exercito—Repressão contra os piratas arzelinos—Ordens ao governador do Pará e Maranhão, Furtado de Mendonça e a Gomes Freire capitão-general do Rio de janeiro para unirem suas forças e reprimirem a audacia dos jesuitas no Paraguay, que influíram no espirito dos indios para se opporem a posse daquella região segundo o tratado de limites, celebrado em Madrid, 1750, pag. 51

- Cap. VIII. Terremoto de Lisboa em 1º de novembro de 1755—
 Prodigiosa actividade de Pombal no meio desta calamidade. As 230 ordens em 8 dias—Estado do Rei e da casa real—Refutação das palavras, que se attribuem a Pombal em resposta a El-Rei D. José, que são do marquez d'Alorna—Os pautes carregando os mortos e feridos—Grande confiança do Rei em Pombal—Os santos, os reis, príncipes, marquezes etc., em presença da energica attitude de Pombal..... 56
- IX. Offerecimentos da Hespanha, França e Inglaterra—Resposta de Pombal—Porque accitou os offerecimentos da Inglaterra?—Espediente financeiro de Pombal para augmentar os recursos do paiz—Os 4% sobre as mercadorias importadas—Brado dos inglezes Exemplo do Rei para animar a industria nacional—D. José apresenta-se vestido de briche nacional para animar a industria—Providencias sobre a agricultura vinheiteira—O celebre tractado de Methwen realisado em 1703 sob o reinado, Pedro II. Rebaixamento dos vinhos do alto Douro—Formação da *companhia geral de agricultura dos vinhos de alto Douro*—Grandesa e prosperidade do Porto e das provincias do Norte—Repressão energica contra a secção de 23 de fevereiro de 1757, por causa das regalias concedidas á referida companhia—Providencias contra os vinhos dos campos de Tejo, Mondego, Vougar etc., que eram de má qualidade, e plantar cereaes—Nova reforma, no Terreiro publico de Lisboa, fundado sob D. Manoel—Fundação das Aulas do Comercio—Sua protecção e regalias aos negociantes,—aos industriaes, agricultores, etc.—Idéas avançadas de Pombal—Golpes sobre a antiga fidalguia ociosa e fradesca—Juizo do sabio Cuvier sobre as reformas de Pombal—Theoria da sciencia social, apresentada por Pombal, e a que mais tarde, fóra apresentada por S. Simon—Pontos de affinidade das suas reformas sociaes, com a do pensador do seculo XIX.—Objecção sobre os meios de obter o progresso social—Formação da primeira Arcadia em 1757—Odio da nobreza e do clero contra Pombal por causa das reformas sociaes a favor da classe media e dos plebeus—Conspiração contra El-Rei D. José em 3 de Setembro de 1758—O duque de Aveiro e os marquezes e a marqueza de Tavora, e outros Conspiradores executados no caes de Belem em 13 de Janeiro de 1759—Reflexões sobre as chamadas barbaridades do marquez de Pombal—Confronto com as barbaridades dadas em França sob Luiz XV em 1757 com o conde de Horm—Os humanitarios Vol aire e outros brandando contra Pombal, sem fundamento.—A justiça eterna vibrando atravez da histiria Universal bradando: *Quem com ferro fere, com ferro morre*—Os fructos amargos dos jesuitas, depois de dous seculos de dominio,

- Cap. IX. fazente enfraquecer Portugal como fello entregar ás garras de Felippe II de Hespanha—Pombal tomando contas aos jesuitas e fulminando-os com os raios da historia os seus nefandos feitos—Expulsão dos jesuitas e em 1759, tanto de Portugal, como das suas possessões nas quatro partes do mundo—O conde de Bobadella, prendendo os jesuitas no Rio de Janeiro em 24 de Julho de 1759—O cometa de Haley, guiado por Newton—Rompiemento de Pombal com a cõrte de Roma—Expulsão do nun io apostolico, cardeal Acciajouli—Os embaixadores estrangeiros sem coragem de manifestarem o seu descontentamento contra esta energia de Pombal—Satisfação da Inglaterra a Portugal reclamada por Pombal por causa dos 3 ou 4 navios francezes queimados pelo almirante inglez Roscawen em 1759 nas costas do Algarve, sob o commando do almirante Chlue—Objecções sobre a veracidade d'esta nota diplomatica—Opinião do Exm. Dr. Mello Moraes.
- X. Segundo decennio administrativo de Pombal de 1760 a 1770—Fundação de uma associação litteraria em Minas Geraes, denominada *Arcadia, do Rio das Mortes*, p los illustres José Basilio da Gama parente do Sr coronel Gama, da Leopoldina) e Alvarenga—Estabelecimento a favor da instrucção primaria, secundaria e superior.—O Collegio dos Nobres—Liberdade dos chins e indianos e dos escravos, que pisassem o solo portuguez, bem como os do Algarve—Leis a favor dos mulatos e filhos de brancos com pardos—Guerra de Portugal com a França e a Hespanha por causa do celebre *Pacto de familia*, celebrado em Versailles em 15 de Agosto de 1761—Providencias energiacas de Pombal contra esta guerra—O conde de Lippe—O exercito portuguezorganizado e bem disciplinado pelo illustre Conde de Lippe—Conclusão de Paz com o Hespanha e França pelo tratado de Fontainablaui em 10 de fevereiro de 1763—Invasão e tomada da Colonia do Sacramento pelo governador de Buenos Ayres, D. Pedro Cevallos em 29 de outubro—Morte do Conde de Bobadella, por causa da tomada da Colonia—Punição do commandante e officiaes que entregaram aquella praça aos hespanhóes—Partida do Conde de Lippe em 1764—Decreto a favor da liberdade da navegação entre Portugal e a Madeira, Açores e Brazil—Doença de Pombal—Supplicio do Capitão francez Graveron—Energia de Pombal contra as pretensões dos inglezes—Leis sobre os morgadios—Abolição do direito consuetudinario—Base falsa desse direito Alvaro Vellasco—O novo direito baseado no inherimento O espirito nacional de Pombal esmagando o velho direito romano—Limites aos privilegios do clero—Prohibição e restricções da instituição da alma por herdeiro, e dos legados pios, etc.—Restabelecimento das relações politicas com a Sé pontificia pela ascensão de Clemente XIV em

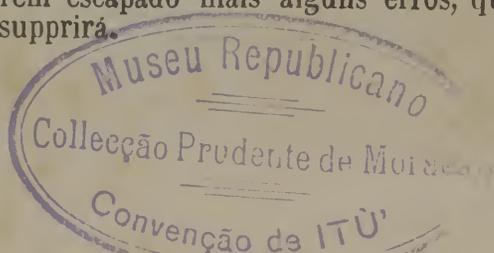
- Cap. X. 1769 (papa Ganganelli) interrompidos em 1760—Abolição das devassas contra o concubinato—O Sr. bispo Lacerda querendo reviver no seculo XIX este uso barbaro, jesuitico e inquisitorial—Pombal agraciado com o titulo de Marquez para si e seus descendentes por D. José em 1770 —Carta da Imperatriz Maria Thereza d'Austria á senhora do Marquez de Pombal—Consideração da imperatriz para com o Marquez 77
- XI. Terceiro periodo administrativo de Pombal de 1770 a 1777—Diversas reformas--A grandiosa reforma da Universidade de Coimbra em setembro de 1772—Opinião do sabio Cuvier sobre esta reforma—Reforma na administração das Indias e abolição da Relação de Goa, etc. etc. Leis a favor dos devedores completamente insolúveis—Limite ao poder absoluto dos paes sobre o casamento dos filhos--Fundação d'um novo hospital para os desvalidos e pobres no edificio, que havia sido dos jesuitas—Abolição dos jesuitas em 21 de julho de 1773 pelo papa Clemente XIV —Estatua a D. José em 6 de junho de 1775-- Grandes festejos —Tentativa de assassinato contra Pombal pelo estrangeiro Pelle—Preparativos de guerra contra a Hespanha em 1776—Os hespanhóes dominando Santa Catharina em 27 de fevereiro de 1777—Energia de Pombal contra as imposições da Hespanha, França e Inglaterra—Mortê de D. José em 24 de fevereiro de 1777—Saída e demissão de Pombal de todos os cargos em 4 de março de 1777—Seu desterro em Pombal 86
- XII. Subida de D. Maria I ao throno de Portugal—O fanatismo da rainha pelos frades—A audacia dos jesuitas voltando para Portugal—Procedimento diplomatico do ministro hespanhól Conde de Florida Blanca contra esta insolente tolerancia de D. Maria I—A reacção dos fidalgos e do clero—Pombal interrogado e processado em Pombal —Decreto de 16 de agosto de 1781 de D. Maria I, condemnando Pombal ao desterro e perdoando-lhe as penas phisicas—Morte de Pombal em 8 de maio de 1782—Erro de muitos escriptores sobre a verdadeira data de sua morte—O Sr. Pinheiro Chagas—O coração de Pombal—Singular grandeza do seu coração—As 53 pedras—Transladação do seu corpo para Lisboa em 1856 sob o reinado de D. Pedro V—Decreto de D. Pedro IV ordenando a reposição do retrato de Pombal na estatua de D. José no terreiro do Paço—Reflexões sobre a sua morte—O seu representante hoje, o actual Marquez de Pombal—Onde morreu seu filho o segundo Marquez—Notas—Provas em como a prinçeza D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde é sexta-avó do Marquez de Pombal—Refutação de diversos erros biographicos e chronologicos de diversos escriptores nacionaes e estrangeiros 89

ERRATA

PAG.	LIN	ONDE SE LE	LEIA-SE
Carta	18	prveitosa	proveitosa
5	31	Merim	Marim.
11	3	Alves	Alvares.
1	15	tem	têm.
16	12	da a princeza	da prin eza
16	14	de Marquez	do Marquez
19	6	elevel-as	elevel-os
19	7	animal-as	animal-os
19	12	associado	associada
20	5	Depois	Depois,
20	11	loureiras	loureiros
21	21	Como de	Como o de
24	13	a Inglaterra	à Inglaterra
30	16	achava-o	achava o
31	16	assevera	asseverar
32	8	no rei	ao rei;
32	15	pois	pois,
32	15	provado	provendo
32	16	anno :	anno. O
44	23	Sunanita	Sunamita
53	25	1775	1755
59	28	hostil,	hostil ás
60	21	mil esterlinas,	mil libras esterlinas,
65	4 (nota)	mas e	mas é
66	22	pennaes,	penaes.
79	11	1751	1761
87	8	Pele	Pelle.
87	21	a Hespanha se obrigára	os hespanhoes se obrigaram

Advertencia

E' possivel terem escapado mais alguns erros, que o leitor intelligente, facilmente supprirá.



DEDALUS - Acervo - MP-REP

923.2
P198c
2.ed.
(650)

O centenario e vida do Marquez de Pombal:



21800005043

